

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
FACULDADE SERRA DA MESA
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO- MINTER**

LILIANE DE SOUZA TOLÊDO ADÔRNO

**A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA ELABORAÇÃO DO LUTO
ENTRE VIÚVAS E VIÚVOS**

**GOIÂNIA
2019**

LILIANE DE SOUZA TOLÊDO ADÔRNO

**A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA ELABORAÇÃO DO LUTO
ENTRE VIÚVAS E VIÚVOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* no curso de mestrado em Ciências da Religião, Mestrado Interinstitucional, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), para obtenção do grau de mestra em Ciências da Religião.

Área de concentração: Religião, Cultura e Sociedade

Linha de pesquisa: Religião e Movimentos Sociais

Orientadora: Prof.^a Dra. Carolina Teles Lemos

GOIÂNIA

2019

A241i Adorno, Liliâne de Souza Tolêdo
A influência da religião na elaboração do luto entre
viúvas e viúvos / Liliâne de Souza Tolêdo Adorno.--
2019.

108 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores
e Humanidades, Goiânia, 2019
Inclui referências: f. 88-102

1. Morte - Aspectos religiosos. 2. Luto - Aspectos
religiosos. 3. Viúvas. 4. Viúvos. I.Lemos, Carolina
Teles. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás
- Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
- 2019. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 2-488.7(043)

A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA ELABORAÇÃO DO LUTO ENTRE VIÚVAS E VIÚVOS

Dissertação de Mestrado Interinstitucional em Ciências da Religião - Minter - da Pontifícia Universidade Católica de Goiás / Faculdade Serra da Mesa, aprovada em 26 de março de 2019.

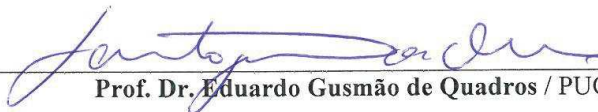
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Presidente)



Profa. Dra. Telma Ferreira Nascimento Durães / UFG



Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás

Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás (Suplente)

Profa. Dra. Margareth Pereira Arbués / UFG (Suplente)

Dedico este trabalho às viúvas e viúvos que aceitaram compartilhar sentimentos, experiências e atitudes, diante de um acontecimento tão impactante, que é a morte de seus cônjuges.

Agradeço a Deus pelas bênçãos recebidas, à minha família pelo apoio e compreensão, aos meus colegas, pelo companheirismo e à orientadora Prof^a Dr^a Carolina Teles Lemos, pelos conhecimentos transmitidos.

“O que importa é a atitude e a postura com que a pessoa encara um destino inevitável e que não pode ser alterado. A atitude e a postura lhe permitem dar testemunho de algo de que somente o ser humano é capaz: transformar o sofrimento num mérito”.

(FRANKL, 2003, p. 71).

RESUMO

O presente estudo biográfico consiste na investigação das estratégias religiosas realizadas por viúvas e viúvos na elaboração do luto após a morte de seus cônjuges. Objetivou-se, com as entrevistas guiadas por um roteiro semiestruturado, e mediante o embasamento teórico ancorado na teoria das representações sociais de Serge Moscovici e da religião como recurso para ressignificação da vida, estudado por Geertz, identificar atitudes, ritos, mitos e símbolos religiosos, ou não, empregados por quinze viúvas e quinze viúvos, como estratégia para a superação de sua perda. De modo qualitativo, na dependência da cultura, incluindo as relações de gênero, observou-se que a religião, em suas diferentes representações, foi um recurso elencado como eficaz para o enfrentamento dessa situação dolente e estressante, que é a perda da companheira ou companheiro, para a maioria das pessoas em condição de viuvez, que participaram dessa pesquisa.

Palavras-chave: Morte. Luto. Viuvez. Religião.

ABSTRACT

The present biographical study consists of the investigation of the religious strategies carried out by widows and widowers in the elaboration of mourning after the death of their spouses. The interviews were guided by a semi-structured script and, based on the theoretical basis anchored in the theory of social representations of Serge Moscovici and religion as a resource for the resignification of life, studied by Geertz, identify religious attitudes, rites, myths and symbols or not, employed by fifteen widows and fifteen widowers, as a strategy to overcome their loss. In a qualitative way, depending on the culture, including the gender relations, it was observed that religion, in its different representations, was a resource listed as effective in coping with this grieving and stressful situation, which is the loss of the companion or companion, for the majority of widowers who participated in this research.

Keywords: Death. Mourning. Widowhood. Religion

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Localização do município de Uruaçu.....	32
--	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Variabilidade religiosa na cidade de Uruaçu segundo censo IBGE-2010	32
QUADRO 2- Perfil dos entrevistados em relação à Idade, Sexo e a Raça.	47
QUADRO 3- Perfil dos entrevistados em relação ao Sexo, Idade e a Religião.	50

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Quantitativo de viúvas e viúvos entrevistados em relação à faixa etária	43
GRÁFICO 2 - Quantitativo de viúvas e viúvos entrevistados em relação à escolaridade	45
GRÁFICO 3 - Quantitativo de viúvas e viúvos entrevistados em relação à raça.....	46
GRÁFICO 4 - Quantitativo de viúvas e viúvos entrevistados em relação à renda mensal.....	48
GRÁFICO 5 - Variabilidade religiosa das viúvas e viúvos entrevistados	49
GRÁFICO 6 - Quantitativo de viúvas em relação aos sentimentos despertados após a morte do cônjuge.....	53
GRÁFICO 7 - Quantitativo de viúvas em relação aos sentimentos despertados após a morte do cônjuge.....	59
GRÁFICO 8 - Atitudes que ajudaram na superação da perda pela morte do cônjuge	81

Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
2 MORTE, LUTO, VIUEZ E O CONTEXTO DA PESQUISA	17
2.1 MORTE	17
2.2 LUTO.....	19
2.2.1 Fases do luto.....	21
2.2.2 Tipos de luto.....	22
2.3 CONCEPÇÃO DE MORTE E LUTO NA SOCIEDADE OCIDENTAL	24
2.4 VIUEZ	27
2.5 URUAÇU: DADOS DE VIUEZ E VARIABILIDADE RELIGIOSA.....	31
2.6 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CAMPO RELIGIOSO	33
3 VIÚVAS E VIÚVOS: CARACTERIZAÇÃO CONTEXTUAL E RELIGIÃO COMO RECURSO PARA A ELABORAÇÃO DO LUTO	43
3.1 RELIGIÃO COMO ESTRATÉGIA DE ELABORAÇÃO DO LUTO DECORRENTE DE VIUEZ	65
3.2 ATOS RELIGIOSOS: RECURSOS PARA ELABORAÇÃO DO LUTO ENTRE VIÚVAS E VIÚVOS	79
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	88
ANEXO 1: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS- ROTEIRO ENTREVISTA.	103
ANEXO 2: PARECER CONSUBSTANCIADO- CEP/ PUC/GOIÁS	105

1 INTRODUÇÃO

A morte é um acontecimento que apresenta concepções diferentes ao ser analisada pela óptica da cultura Oriental e Ocidental. Na primeira, a morte é representada como uma transição evolutiva, com a função de preparar o indivíduo para a nova vida que o espera, sendo esse evento encarado com tranquilidade e naturalidade. Já na segunda, é representada como a ruptura e o cessar da vida, consistindo em um acontecimento doloroso e impactante, capaz de alterar, em diversos âmbitos, a vida daqueles que sobrevivem. Nesse estudo, a morte foi abordada, alicerçada nas concepções Ocidentais, por serem essas, as bases culturais que influenciam direta ou indiretamente, os participantes da presente pesquisa.

Versar sobre esse tema causa inicialmente uma certa estranheza, visto que na modernidade, a morte é um fato que tende a ser negligenciado por trazer à tona, a consciência da finitude humana. Porém, é importante refletir sobre esse assunto, uma vez que a sociedade lida com esse evento, sob alicerces culturais. Nesse contexto, a morte do cônjuge acaba por impactar a vida da pessoa que permanece, de forma física, emocional, social e financeira, passando esta, para o papel social de viúva.

A viuvez é uma fase intensa, dolente e exacerbante que pode ocorrer em qualquer faixa etária impelindo o cônjuge sobrevivente a passar pela experiência do luto. Outrossim, o luto é um período em que ocorrem mudanças na vida do enlutado, considerado como uma fase não patológica, sendo desnecessário tratamento. Diante disso, o viúvo utiliza-se de diferentes estratégias de superação da significativa perda. Uma delas, e a que se destaca nesse estudo é a religião, por sua capacidade de ressignificar os acontecimentos da vida.

O consolo religioso é considerado fundamental na elaboração do luto na viuvez, uma vez que oferece subsídios para o enfrentamento dessa situação de estresse e pressão emocional. Segundo Bozarth-Campbell (2016) o conceito de elaboração do luto, é explicado como um processo que culmina com o restabelecimento da pessoa e a retomada do equilíbrio abalado, ou a recuperação psicológica daquele que perdeu um ente querido. Em outras palavras, Bromberg (2000) utiliza o termo enlutamento como o processo de adaptação realizada por um indivíduo, diante de uma perda significativa. Com base nessas informações, utiliza-se elaboração do luto e enlutamento como termos sinônimos, nesse estudo.

As práticas religiosas associadas a esse enfrentamento são orações, preces, leitura da bíblia, músicas, grupos de ajuda, grupo de viúvos, visitas de religiosos e outros, que promovem a satisfação e força para superação da morte da companheira ou companheiro.

Diante disso, esse trabalho de pesquisa de campo apresenta a forma pela qual a religião ajudou, ou não, na elaboração do luto em pessoas na condição de viuvez. Para isso foram entrevistados 15 viúvas e 15 viúvos residentes em Uruaçu- Go e região, para registro das experiências religiosas vivenciadas pelos mesmos, no processo de enlutamento. A opção de pesquisar viúvas e viúvos foi motivada por um Trabalho de Conclusão de Curso que duas alunas graduandas de Enfermagem realizaram, sob minha orientação, abordando os impactos emocionais e financeiros da viuvez feminina. Um dos aspectos ressaltados na pesquisa das alunas já mencionadas, foi a utilização da religião como recurso importante no processo de enlutamento. Isso nos estimulou a pesquisar de forma aprofundada sobre a religião como recurso de superação do luto decorrente de viuvez, quando houve a oportunidade de cursar o Mestrado em Ciências da Religião, campo de estudo propício para o escrutínio desse assunto.

A cidade de Uruaçu- Goiás e região circunvizinha foi escolhida como contexto geográfico da pesquisa por apresentar um quantitativo considerável de viúvas e viúvos que segundo IBGE (2010) é de 1735 indivíduos, consistindo em um campo de pesquisa capaz de prover informações relevantes sobre o tema estudado.

Os pesquisados apresentaram o seguinte perfil: idade entre 25 a 94 anos, raças negra e parda, com predominância da raça branca, e baixa escolaridade. A renda mensal ficou entre valores inferiores a 2.800,00 reais, indicada pela maioria deles. A religião mais professada foi a Católica Apostólica Romana, seguida pelas religiões Adventista do sétimo dia, Assembleia de Deus, e até aqueles que se declararam como sem religião, informações estas, que serão detalhadas posteriormente, nesse estudo.

Para a análise dos dados e compreensão de ideias, foram selecionadas as noções teóricas de religião, mais especificamente a cristã, viuvez e a noção teórico-empírica de enlutamento ou elaboração do luto.

Como embasamento teórico, analisou-se o evento estudado sob a perspectiva das representações sociais que são um conjunto de explicações, ideias e crenças que possibilitam a convencionalização de objetos, pessoas ou acontecimentos, dando-lhes forma, categorizando-os e colocando-os definitivamente em um tipo de modelo

distinto e partilhado por um grupo de pessoas (MOSCOVICI, 2015, p. 34). No caso específico deste estudo, são pessoas em condição de viuvez. Dentre essas ideias, explicações e crenças analisadas, pesquisou-se a religião, como forma de superação da dor da perda do cônjuge.

A metodologia baseou-se na descrição exploratória, com abordagem qualitativa e amostragem fechada pelo método de saturação. A técnica procedimental deu-se por meio de entrevistas orais, considerando-se um roteiro semiestruturado com 17 quesitos (ANEXO 1). Em relação a parte empírica, foram feitas gravações em áudio, das respostas dos participantes do estudo, com posterior transcrição das falas, e, sendo possível, as reações esboçadas no momento de cada narrativa.

Ademais, a pesquisa foi realizada em consonância com as normas da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que abrange as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, sendo submetido à análise do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, que emitiu o Parecer Consubstanciado de número 2.404.528, autorizando a realização da pesquisa com os seres humanos selecionados para o estudo (ANEXO 2).

Os critérios de inclusão definidos foram: ser viúva ou viúvo, residente da cidade de Uruaçu e regiões circunvizinhas, e consentir em participar da pesquisa, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

O período da coleta de dados (entrevistas) ocorreu entre os meses de janeiro e maio de 2018. As entrevistas foram realizadas em local reservado da residência das viúvas e viúvos, em horário previamente agendado por eles, sendo feitas as perguntas do roteiro semiestruturado proposto aos entrevistados. Os nomes dos sujeitos da pesquisa foram substituídos pela letra E, enumerados de 1 a 30, como forma de preservar o anonimato e sigilo de suas informações.

Objetivou-se, portanto a compreensão e explicação das formas pelas quais a religião cristã ou as expressões religiosas ajudaram, ou não, no processo de superação da morte do cônjuge, uma vez que promove a ressignificação dos acontecimentos estressantes da vida, nesse contexto, o luto pelo cônjuge falecido.

Com a pesquisa assim delineada, essa dissertação apresenta-se estruturada em dois capítulos cujas definições teóricas se cruzam com os dados empíricos de forma dialética e fenomenológica para a confirmação da hipótese de que a religião ajuda na elaboração do luto em viúvas e viúvos, com o propósito de estimular reflexões que ajudem na compreensão do tema.

Desse modo, no *primeiro capítulo* realiza-se a caracterização da morte, luto e viuvez, enfatizando os principais aspectos dessas variáveis, inserindo-as no contexto histórico, suas concepções desde a antiguidade até a modernidade. Faz-se ainda a apresentação do local da coleta de dados, que neste estudo consiste no panorama onde se inserem os participantes dessa pesquisa, de modo a compreensão dos aspectos geográficos, culturais e religiosos, os quais direta ou indiretamente podem influenciar nas narrativas sobre a elaboração da perda de seus cônjuges.

Ainda nesse capítulo, explana-se a teoria das representações sociais, elaborada por Serge Moscovici, psicólogo social, cuja teoria visa fornecer explicações sobre fatos do cotidiano, sob a perspectiva individual. Além desse conhecimento, associa-se as contribuições de Geertz que considera o homem como ser cultural que influencia e é influenciado pela cultura, e nele, atua a religião como sistema simbólico, capaz de motivar poderosamente e ressignificar acontecimentos estressantes, como a morte do cônjuge.

No *segundo capítulo*, busca-se através das entrevistas, relatar a forma como a religião cristã ajudou, ou não na elaboração do luto pela perda da companheira ou companheiro em viúvas e viúvos, enfatizando os sentimentos expressados, recasamentos e a religião como recurso para ajudar em seus enlutamentos. Para isso, averigua-se quais crenças e atitudes religiosas foram importantes para viúvas e viúvos para a elaboração de seu luto.

Na sequência, segue a explanação teórica da pesquisa, com as informações sobre morte, luto e viuvez, além da apresentação do local da pesquisa de campo, a cidade de Uruaçu- Goiás.

2 MORTE, LUTO, VIUEZ E O CONTEXTO DA PESQUISA

Uma vez que a proposta desta pesquisa envolve o estudo da influência religiosa na elaboração do luto na viuvez masculina e feminina, faz-se necessário explanar sobre os principais temas relacionados ao objeto de estudo, a fim de inseri-lo nesse panorama tão relevante para o entendimento da problemática levantada.

O estudo da viuvez e como o cônjuge que ficou vivo elabora sua perda, remete ao entendimento de aspectos relacionados à morte e ao luto, que muitas vezes podem ser considerados como um *tabu*. Para Weber (1991, p. 299) *tabu* consiste em algo que não pode ser tocado. Por isso, as pessoas evitam a discussão do assunto como forma de procrastinar esse acontecimento ou até mesmo de evitar a tomada de consciência desse fato. Assim, é relevante explicitar informações sobre morte, luto e viuvez, o que é realizado na sequência, nessa respectiva ordem.

2.1 MORTE

A morte pode ser analisada sob diferentes perspectivas. Os aspectos culturais estão intimamente relacionados às formas como os indivíduos passam por esse acontecimento. A cultura Oriental representa a morte como algo transcendente, capaz de levar o ser a um estágio de perenidade. Já a cultura Ocidental, categoriza a morte como a finitude da existência humana.

Embora o tema morte seja parte da vida, a sociedade se alicerça culturalmente de um modo particular e sistemático sobre a forma de lidar com esse fato. A vivência desta realidade apresenta grande dificuldade, principalmente pela comunidade apresentar valores primordiais correspondentes à vida e juventude (AVELLO; GRAU, 2008).

Considerando a concepção Ocidental, Kovács (1992) menciona que a conceituação da morte depende da compreensão social e reflexão, embasada na experiência vivenciada ou adquirida através de outros. Ademais acredita-se ser a cessação total e fim da vida, a contraposição conflitante da existência, fazendo parte do desenvolvimento humano desde a idade mais tenra.

Todos os seres humanos passarão pela morte implacavelmente, Aranha e Martins (1995) em contraposição a isso, evidencia que as pessoas aguardam ansiosas a data deste acontecimento.

Nesse sentido, apesar da morte ser uma etapa da vida, pela qual todos passarão, representa um evento causador de dor e fragilidades, capaz de influenciar e modificar a vida das pessoas que perderam o ente querido.

As diferentes conceituações da morte enriquecem a forma como esse acontecimento é representado. Nesse aspecto, Aranha e Martins (1995) conceituam a morte como algo implacável, destinada a todos os seres vivos, determinante de grande ansiedade, naquele que muitas vezes a aguarda. Kovács (1992) considera a morte como fator limitante para o crescimento do indivíduo, e sua vivência propicia grande dor, pela perda da função, da carne, do afeto, do carinho, marcada de muita tristeza e solidão.

Sujeita a interpretações múltiplas, Caterina (2007) pontua que há possibilidade de definir a morte sob o aspecto filosófico e orgânico. A mesma autora complementa que a morte pode ainda ser subdividida de diversas formas como morte súbita, aquela que ocorre sem previsão, ou seja, repentinamente; morte natural que acontece de forma esperada e previsível e morte violenta, ocorrida devido desencadeantes externos.

Com relação às características da morte, Caputo (2008) coloca o mistério, incerteza e medo do desconhecido, visto que os que a experimentaram, não tiveram a oportunidade de descrevê-la aos que aqui permaneceram.

Apesar das grandes descobertas vivenciadas nos períodos da vida, Ferreira e Wanderley (2012), mencionam a lentidão no processo de patenteamento da morte e do morrer devido aos fundamentos dos indivíduos que habitam em sociedade, dependerem da representação correspondente de cada um, que são passados adiante.

Nesse contexto, a sociedade ocidental apresentou evolução variada, acreditando que a morte cause medo e incertezas em diferentes situações. Medo esse, que permeia o imaginário humano.

Assim, para Caterina (2007) a morte, apesar de consistir na única certeza do ser humano, lidar com ela, implica no enfrentamento do seu próprio fim ou dos entes queridos. Deste modo, Hohendorff e Melo (2009) diferenciam o ser humano dos demais, pela capacidade de apresentar consciência de sua finitude que têm início na infância, sendo influenciada de acordo com os meios culturais, sociais e religiosos.

Grandes foram as modificações ocorridas na sociedade moderna com relação à vivência do tema morte. Isso é evidenciado por Oliveira e Lopes (2008) ao

enfatizarem que a morte é caracterizada como algo a ser escondido, institucionalizado e medicalizado, colocado em segundo plano. É uma interdita não mais portadora de ritos e sem que os enlutados apresentem grandes demonstrações de dor.

Mesmo com a visão moderna da morte, que a classifica como algo que se deve manter um certo distanciamento, o rompimento dos vínculos entre as pessoas que convivem é inevitável. Sobre isso Marinho, Marinonio e Rodrigues (2007) explicam que viver, implica na criação de vínculos. O provável cancelamento das relações significativas determina a experiência da perda e a consciência da morte e do morrer. Assim, apesar de ameaçador, é essencial que a humanidade tenha consciência da ideia do não existir, de ser um cadáver e da saudade que permanece.

Em decorrência da morte e de tudo que ela representa, o indivíduo é impelido a passar pelo luto, período este, caracterizado na sequência.

2.2 LUTO

A morte pontuada como um acontecimento inevitável a todos, impele o indivíduo sobrevivente, à experiência do luto, período este, posterior à perda da pessoa bem-quista. Nesse sentido, ressalta-se a ideia de Marinho, Marinônio, Rodrigues (2007) a qual, o luto é o período onde várias modificações na vida do indivíduo ocorrem, sendo diferentes os tempos que cada pessoa se utiliza, para o retorno à normalidade.

O conceito de luto perpassa pela alteração do estado físico, emocional, espiritual, comportamental, cognitivo e a vida social da pessoa enlutada, caracterizado pelo enfrentamento da perda e a recomposição da vida do enlutado. A vivência do luto pode ser manifestada de forma diferenciada, na dependência da individualidade, estando relacionado a fatores internos ou externos como condições familiares, religião e cultura (CASELLATO, 2005; MAZORRA, 2009).

Outra definição relevante sobre o luto, é a de Oliveira e Lopes (2008) que o explica como o agrupamento das reações desencadeadas no indivíduo quando se depara com a perda. É algo a ser considerado e acompanhado, por fazer parte da saúde emocional. Pode ser classificado como o acontecimento de maior gravidade pelo qual todos irão passar. A dor decorrente da passagem por esse processo faz parte da vida, podendo ser considerado como preço que se paga por amar e se comprometer.

A passagem pelo luto, de certa forma acaba por ser traumática, impactando aspectos físicos e emocionais do indivíduo enlutado. Ao se considerar o luto como uma resposta à perda de uma pessoa querida, Freud (1974) menciona que não é diagnosticado como doença, sendo desnecessário o tratamento médico pois a recuperação ocorre pela passagem do tempo vivenciado.

Esse tempo vivenciado é desagradável, intenso e segundo Souza (2005) é possivelmente a mais intensa de se sentir, sendo considerada, para a pessoa que vivencia, como um processo único. A perda do ente querido determina um procedimento lento de luto, o qual requer paciência pois há a necessidade de aceitar a ausência da pessoa querida, convivendo com as constantes lembranças da pessoa falecida.

Várias são as formas de se vivenciar o luto até a recuperação e retomada da vida da pessoa de luto. Nesse sentido Rubio, Wanderley e Ventura (2011) esclarece sobre a diferenciação de luto e enlutamento. Esses autores consideram o luto como um conjunto de reações frente a uma significativa perda, e o enlutamento como a estratégia desenvolvida no sentido de readaptação diante desta situação. Campos (2013) complementa que no processo do luto, as fantasias e defesas psíquicas são redimensionadas, buscando um novo equilíbrio de forças.

O luto é um tema pouco abordado, nesse aspecto, Paraízo (2009) enfatiza que isso acontece devido aos sentimentos diferenciados que podem ser despertados pela viúva ou pelos demais familiares. Algumas podem expressar sentimentos exagerados de tristeza e dor, ao passo que outras podem sentir liberdade emocional, principalmente se a relação com o companheiro tiver sido marcada pela repressão.

Com respeito à dificuldade de vivenciar os sentimentos neste difícil episódio, Bromberg (2000) apresenta que muitos dos enlutados desenvolvem depressão devido à ausência da pessoa querida, podendo apresentar atitudes agressivas, comportamentos diferentes dos habituais, atitudes desvairadas e dificuldade de adaptação à nova condição.

Ritualizar a morte e o luto é algo que vem sendo desconsiderado ou realizado rapidamente na atualidade. Nessa perspectiva, Oliveira e Lopes (2008) enfatizam que isso é importante para evitar que os mesmos assumam formas obsessivas no inconsciente. Ademais, é preciso considerar que as diferenças culturais e individuais dificultam a padronização de um comportamento para esse momento.

Sobre o sofrimento do enlutado, Worden (1998) pontua que isso ocorre na dependência da individualidade e da forma como o ente faleceu. Nesse contexto, pode haver morte por causas naturais como doenças fatais crônicas ou agudas, degenerativas, suicídio, por acidentes com veículos ou da natureza como maremoto, terremoto e incêndio. Estes aspectos possivelmente agravam o sofrimento da pessoa de luto.

A aceitação do luto e da morte para Freud (1974) infere na despedida do falecido e na renúncia automática de algo impossível de se alcançar novamente. Algumas emoções como ira e decepção podem até serem confundidas com amor. Contudo, a partir do momento em que a autoestima melhora, o desejo da proximidade da pessoa morta vai se esmaecendo, ocorrendo sua transferência para outros anseios.

A vivência da dor, do desgosto e do luto, conforme Taverna e Souza (2014) podem se correlacionar com as perdas diárias, sejam elas na profissão, pelo desejo de possuírem algo e por perdas de objetos significativos. Porém existe uma relação direta entre a perda de um ente querido, com sentimento de frustração, fracasso e derrota, para algumas mulheres.

O luto apresenta fases que se diferenciam conforme decorre o tempo da morte do cônjuge. Abaixo encontram-se explicadas as fases do luto

2.2.1 Fases do luto

O luto não é um conjunto de sintomas com início após a perda, e desaparecimento gradual. Conforme Taverna e Souza (2014) envolve quadros clínicos alternantes e sucessivos, como forma de autoconhecimento e a constatação do fato da perda. Os sentimentos demonstrados diante da perda são choque, desejo, desorganização e organização, os quais favorecem o estabelecimento de novas concepções próprias, assim como em investimentos pessoais. A fase do choque é marcada pela amargura, isolamento, desespero, irritabilidade e raiva, se manifestando na intensidade das atitudes emocionais principalmente voltada àqueles que expressam o sentimento de compartilhamento do luto. Isso pode ser considerado uma reação de defesa devido à aceitação deste sentimento inferir na conscientização da perda. Na fase de desejo, há uma busca intensa pelo ente perdido, ocorrendo a vigilância e movimentação pelos locais que eram frequentados por ele como uma

forma de chamamento e descaracterização da perda, pois se há procura é porque não houve a morte. Essa fase apresenta tempo variado de duração, sendo marcada por desapontamentos, não afetividade, episódios de choro e tristeza, sentimento de inutilidade e outras perdas secundárias cujo enfrentamento dependerá da personalidade, experiências prévias da pessoa enlutada, assim como, do apoio recebido dos familiares e da sociedade. A fase seguinte é a da reorganização, na qual há a aceitação da perda e a conscientização da necessidade de iniciar a nova vida. Nesta fase há a possibilidade de recidivas de sentimento de tristeza e saudade.

Sobre a vivência do luto, Bolwby (*apud* SUZUKI, SILVA E FALCÃO, 2012) estabelece sua divisão nas seguintes fases: entorpecimento cuja duração pode ser de algumas horas ou uma semana, havendo choque e rejeição da perda. Nesta etapa, predominam os sentimentos de raiva, tensão e apreensão. O segundo momento é marcado pelo anseio e busca pela figura perdida. Esse período pode ter duração de alguns meses, podendo a viúva após anos de falecimento do esposo iniciar a vivência real da perda. Nesse contexto pode ocorrer desânimo intenso, choros e aflições, inquietações, manifestações de raiva, insônias e lembranças do cônjuge falecido tendendo a imaginar sua volta. A fase seguinte é a de desorganização e desespero na qual há, por parte da viúva, a tentativa do ajuste à perda do cônjuge. A última etapa é a de maior ou menor grau de reorganização que, em caso de o luto ser favorável, há a aceitação da perda permanente do companheiro e a reconstrução da vida a partir desse momento. Contudo, para algumas viúvas a evolução do luto pode ocorrer desfavoravelmente, acontecendo da pessoa enlutada, de forma inconsciente, desejar constantemente imitar a pessoa falecida, até mesmo em seus sintomas de enfermidade, ou na identificação do cônjuge em outras pessoas, objetos físicos e animais. Em concomitância com esse momento a dinâmica e estrutura familiar são redefinidas, havendo readaptações marcadas por pesar e tristeza.

Existe também o luto de tipos diferenciados, conforme esclarecido, na sequência.

2.2.2 Tipos de luto

O luto é classificado, segundo Freud (1974) como normal, em que a pessoa perde conscientemente um objeto, e patológico, cuja perda fica restrita radicalmente

ao nível do inconsciente podendo chegar a melancolia. Para Freud (1974) a melancolia é o estado psíquico doloroso, no qual o indivíduo perde o interesse pelo mundo exterior, e pela capacidade de amar, inibindo todas as suas funções e amor próprio.

A definição dos tipos de luto ainda não é clara e estática. Para Oliveira e Lopes (2008) é um processo não linear sem data de início e término e varia de acordo com a personalidade e relação da pessoa com o falecido. Aceita-se então, que o mesmo seja considerado como patológico quando há características de obsessividade e ocorra por um tempo prolongado.

Após suas observações clínicas referentes ao luto durante a Primeira Guerra Mundial, Freud (1974) concluiu que o luto pode ser uma causa de depressão, por se manifestar de forma contraditória. Nesse contexto, ele criou o termo “Trabalho em luto”, indicando a necessidade de haver um trabalho psicológico no sentido de promover a elaboração do luto. Sendo suas observações feitas em época de guerra, encontrou muitas razões que permitiram a identificação de sintomas psiquiátricos ou distúrbios pós-traumáticos.

Para Oliveira e Lopes (2008) o processo de luto é caracterizado como organizado, quando a morte é aceita de forma consciente e real, abrindo possibilidade da retomada da vida, apesar dos sentimentos pelo falecido, com a recuperação da valorização da autoestima.

Sobre os tipos de luto, outra classificação é realizada por Maurice (2001) o qual menciona o luto antecipado que ocorre quando já se sabe que o ente querido vai morrer, devido doença terminal. Sendo assim, a pessoa vivencia uma agonia de forma antecipada, como se fosse obrigada a aceitar a morte devido ao sofrimento passado pela pessoa adoentada. Há a ideia de, por maior que seja o amor e sempre se preferir a vida, não se pode ser egoísta a ponto de se querer prolongar a vida de uma pessoa que sofre. Bowlby (2002) acrescenta informações sobre o luto adiado cujas características encontram-se no fato do enlutado não ter conseguido vivenciar sua perda ou manifestar sua dor na ocasião do velório e sepultamento. Pode acontecer no primeiro momento a aceitação, porém ao ocorrer a visualização de objetos da pessoa falecida, há uma conscientização da sua ausência e a possível manifestação da tristeza. Esse adiamento geralmente ocorre quando a pessoa fica responsável, resolvendo inúmeros problemas, estando muito ocupada com os trâmites do velório, por exemplo.

Enriquecendo o assunto, Parkes (1998) explica sobre o luto inibido que ocorre quando o enlutado, diante da notícia da perda, fica em estado de choque, sem reação, não conseguindo assimilar o acontecimento. Essa inibição consiste em uma tentativa de diminuir ou impedir a instalação do sentimento de tristeza diante da morte do ente querido. Worden (1998) complementa, relatando sobre o luto crônico, no qual ocorre um excesso na vivência do luto, podendo isso levar a uma recuperação não aceitável. Nesse caso, há uma necessidade de eternização do luto, com a utilização de vestes escuras, ligação extrema com o passado, impedindo a reintegração do enlutado à sociedade e manifestações de tristeza em datas comemorativas. Nesse tipo de luto o indivíduo deve apresentar uma predisposição para desenvolvê-lo.

Por fim, há ainda a existência do luto fechado, conforme Schmidt, Gonçalves e Gabarra (2011) com duração de dois anos, no qual a viúva não deveria usar joias. Recomendava-se o uso de vestes pretas e a arrumação do cabelo não deveria esboçar vaidade. As atividades desta mulher eram concentradas no âmbito religioso e ao final desse período, aconselhava-se um novo casamento, caso ela tivesse filhos pequenos ou não conseguisse se manter financeiramente. Ademais, os autores também relatam a existência do luto meio aberto, no qual a viúva poderia variar as cores das vestes, sendo-lhe permitido o uso de adornos discretos, confeccionados com mecha de cabelo do falecido. Esse luto acontecia após dois anos de viuvez, tendo pouca duração, com posterior liberação para o uso de cores variadas nas vestimentas.

A concepção de morte e luto apresentou grandes variações desde a antiguidade até a pós-modernidade, na sociedade ocidental. Essas diferenciações são apresentadas a seguir.

2.3 CONCEPÇÕES DE MORTE E LUTO NA SOCIEDADE OCIDENTAL

O posicionamento da sociedade perante o morto, influencia na constituição e manutenção da identidade coletiva e na formação de uma tradição cultural comum. Diante disto, Caputo (2008) descreve como a morte era tratada em determinadas culturas. Na Mesopotâmia, a sociedade sepultava os mortos com zelo, colocando junto ao corpo, objetos e alimentos para a devida identificação pessoal e familiar, como forma de garantir que nada faltasse ao morto, na travessia do mundo da vida para o mundo da morte. A morte para eles representava um rito de passagem. Já os gregos cremavam os corpos de seus mortos objetivando marcar a passagem para a

nova condição social que é a de morto. Ademais, diferenciavam os mortos em comuns, enterrados coletivamente em valas, e heróis, aos quais era reservada uma cerimônia chamada de bela morte, representando que o morto, com esse ato, se tornava imortal.

Na Europa, período da idade média, Ariés (1977) explana que havia a divisão do luto em partes organizadas da seguinte maneira: a princípio, a morte era esperada pela pessoa de forma natural, dormindo, com a presença da família, sendo a morte, algo não sigiloso. A vivência do luto acontecia sem exageros, com o perdão dos pecados do morto. A família e os amigos acompanhavam o cortejo, que era marcado por pequenas pausas, chegando ao local do enterro que ocorria nas proximidades da igreja, a responsável por esse momento.

Complementando, sobre o luto da idade média, Caputo (2008) contribui com informações sobre esse período, diferenciando a forma de encarar a morte, no ocidente, na alta idade média (século V ao século XII) e na baixa idade média (século XII ao século XV). Ele enfatiza que na alta idade média, a morte era enfrentada como algo natural, familiar, 'domesticado', marcado pelo moribundo se reconciliando e despedindo dos familiares e amigos, expondo seus últimos desejos, na esperança de alcançar o paraíso celeste, no juízo final. No momento da morte havia manifestações de luto, com cenas violentas de desespero. A partir do século XII, a morte passa a ser marcada por incertezas, uma vez que a igreja intermedia o acesso da alma ao paraíso, com julgamento imediato à morte, ascendendo ao céu, ou descendo para o inferno.

Saindo da idade média e partindo para as sociedades pré-industriais, Costa (2014) expõe que as sociedades eram compostas por pessoas que demonstravam ter mais sentimentos quando comparadas com indivíduos da atualidade. O autor ressalta que na contemporaneidade existe o afastamento da conduta característica das culturas antigas, com a predominância do sentimento defensivo e menor valorização daquilo que antes era visto com maior zelo.

A partir do século XVIII, na idade moderna, Caputo (2008) explana que a morte passa a ser romantizada, sendo o homem, complacente com a ideia da morte que agora é caracterizada por um momento de ruptura da vida cotidiana e lançamento do homem em um mundo violento, irracional e cruel. Desse modo, há uma laicização da morte pela separação radical entre esta, e a vida. Os enterros deixaram de ser feitos nas igrejas para ocorrerem nos cemitérios, dicotomizando vivos e mortos.

No Brasil, Reis (1997) menciona o luto como um evento longo e dedicado ao falecido e sua alma. Havia a reunião de familiares e amigos dos enlutados, com o cortejo passando por toda a cidade e o sepultamento ocorrendo em local sagrado.

Na Europa do século XX ocorreram algumas mudanças relativas ao luto, mencionadas por Tavares (2010). A morte deixa de ser um processo natural e passa a ser considerada uma imperícia. Além disso, transmuta do ambiente de casa para o âmbito hospitalar ou lugares específicos para essa finalidade. Nesse contexto, não é mais tão alarmante como antes, e sua vivência passa a ser mais curta, com poucas pessoas permanecendo nesse estado denominado de luto.

Na modernidade, a morte do ente querido de acordo com Bauman (1998) passa a ser encarada como algo a ser tratado por especialistas, submetida a uma divisão de trabalho. Ademais, se tornou assunto vergonhoso e embaraçante, semelhante a pornografia, não devendo ser discutido em público ou diante das crianças. O morto é separado dos familiares e preparado por profissionais. O funeral passa a ser breve e o sepultamento ou cremação do corpo, privado e sempre supervisionado por especialistas.

Na atualidade, Carvalho (1996) relata que as pessoas evitam falar da morte, bem como visualizar o corpo do falecido devido esse ato trazer a consciência da própria finitude humana. Essa interdição promove o ocultamento ao moribundo, da informação de que este tem uma doença grave, poupando-o desta provação.

Em contrapartida a isso, a morte humana segundo Bauman (1998) é encarada como uma ocorrência diária, corriqueira, comum a ponto de não despertar horror ou outras emoções fortes. É visualizada como um espetáculo como qualquer outro apresentado a quem vai ao cinema ou aluga uma fita de vídeo. É comparada a uma realidade virtual apresentada na televisão, tão acessível quanto as façanhas dos filmes dos heróis de jornada nas estrelas, rambos e caubóis que atiram com seus revólveres.

O luto na atualidade é visto de forma diferenciada, conforme menciona Elias (2001) ao relatar a colocação do falecido em ambiente mais reservado. O velório que antes era realizado na residência, passa a ocorrer em local alugado, feito mais rapidamente, com menos condolências aos parentes, sem excessos nas expressões de emoção, refletindo a ideia de proteção aos vivos e resguardo dos mortos.

Na pós- modernidade, Bauman (1998) relata que a morte é escondida dos próximos à pessoa, objetivando expulsá-la da memória. Para isso, confinam seus

doentes terminais a cuidados profissionais e seus idosos em guetos geriátricos, mesmo antes destes irem para o cemitério e transferem os funerais para longe de locais públicos. As pessoas são comedidas na expressão pública de luto e pesar, buscam terapia para a explicação psicológica dos sofrimentos pela perda e problemas de personalidade. A morte do próximo é dissimulada, enquanto que a morte dos anônimos é exibida de forma espalhafatosa, espetacularizada, deixando de ser sagrada para ser apenas mais um evento constituinte da vida diária. Com isso, a morte é banalizada e habitual demais para ser notada, e usual em demasia para ser dramático a respeito. A presença constante da morte exorciza o horror, tornando-a ausente pelo excesso de visibilidade e ínfima por sua ubiquidade, sendo silenciada pelo barulho ensurdecador. A banalização da morte promove o seu desvanecimento e desaparecimento, assim como o investimento emocional e volitivo para derrotá-la.

Assim, a morte do cônjuge é um acontecimento que impacta a vida do companheiro ou companheira de forma marcante, ocasionando diversas consequências que são descritas em seguida nas informações sobre viuvez.

2.4 VIUVEZ

A morte do cônjuge ou companheiro, segundo Da Silva, Silva e Alcântara (2015) coloca a pessoa no estado de viuvez, mudando o papel social que passa ser de viúvo ou viúva.

A viuvez é comparada com o casamento no quesito dos acontecimentos mais relevantes da vida de uma pessoa, conforme Gonzalés, Pinto e Fiúza (2017). Ademais, a viuvez representa o rompimento marcado pela dissolução da família original e do matrimônio.

A definição de viuvez ou *vidua* de Torres (apud RUBIO; WANDERLEY; VENTURA, 2011) significa, em latim, a privação de algo. A vida do viúvo passa por transformações adquirindo uma nova condição social, bem como de estado civil, alterando também questões históricas, culturais, religiosas e sociais.

O período de viuvez é caracterizado por Da Silva, Silva e Alcântara (2015) como a ruptura da relação e convívio, marcada ou não pela cumplicidade, podendo ser vivenciado de formas diferentes, sendo uma situação indubitavelmente única e peculiar.

A viuvez é caracterizada pela perda do companheiro matrimonial, consistindo em um acontecimento comum, na sociedade. Esta condição causa modificações diferenciadas na vida do indivíduo, podendo ser amenizadas pelo tempo que pode variar de pessoa para pessoa (MARINHO, MARINONIO, RODRIGUES, 2007).

A viuvez é apontada, como o estágio final da cadeia matrimonial, por Galiciele, Lopes e Rabelo (2012) sendo estes casamentos curtos ou longos, estáveis ou não. Os sentimentos gerados nesse contexto podem ser positivos para o desenvolvimento humano, mas podem ainda causar anseios negativos. Com relação à importância da presença do companheiro, a morte de um dos cônjuges gera um sentimento de falta, podendo acarretar também, problemas financeiros, agravo de doenças e depressão.

As consequências decorrentes da viuvez, conforme Mello (2008) dependem de fatores relativos às circunstâncias da ocorrência da morte, idade, qualidade da relação conjugal e as personalidades tanto do enlutado quanto do falecido. Para Silva e Ferreira-Alves (2012) a circunstância da morte, repentina ou esperada, influencia nas atitudes e comportamentos da pessoa enlutada. A morte esperada permite ao enlutado se preparar para a passagem pelo processo do luto.

A viuvez para Prizanteli (2008) é caracterizada como uma das experiências, com relação à intensidade e duração, mais intensas, dolentes e exacerbantes, abrangentes de todas as faixas etárias. Diante disso, a superação apresenta amplo grau de dificuldade, possibilitando o surgimento de problemas psiquiátricos ou levando ao óbito, uma vez que a saúde da viúva pode apresentar relação direta com tal condição, principalmente se não há uma rede de apoio a ela.

Na maioria das vezes, a viuvez ocorre de forma inesperada, ou seja, sem planejamento, e segundo Da Silva, Silva e Alcântara (2015) isso impele o cônjuge sobrevivente a passar pela experiência do luto, influenciando e desequilibrando as relações estabelecidas pelo companheiro que continua vivo.

Sobre a viuvez masculina em específico, Lago-Falcão (2009) relata que na antiguidade romana o homem que ficava viúvo podia se casar novamente, usar suas servas ou tomar uma concubina. Isso de certa forma insinuava que o homem vivo apresentava certa luxúria. Na sociedade da alta idade média o viúvo era desconhecido, pois a mortalidade masculina era alta devido à violência pública e privada. O homicídio nesta época era símbolo da virilidade. Na Europa Feudal, o homem tinha inúmeras aventuras sexuais, sem deixar o afeto do casamento. Isso é observado pelo sofrimento, desamparo e tristeza apresentados por ele, perante a

morte da esposa quando isso ocorria no parto. No século XIX, na França, na capital, o tempo de luto decorrente de viuvez era de seis meses, e no interior, um ano.

Os viúvos após a fase de choque afetivo e representacional vivem, segundo Lago-Falcão (2009) ao citar os estudos de Brito da Mota, sob os cuidados de mulheres da família ou são completamente abandonados. Devido a isso, a maioria se casa novamente, geralmente com mulheres com menos idade que a esposa falecida.

Sobre os primeiros sentimentos despertados no viúvo cuja relação com a companheira era de afeto e comunhão, Da Silva, Silva e Alcântara (2015) indicam a perda intensa, dolorosa e permanente, principalmente pela dificuldade de expressar os sentimentos de dor e tristeza aos familiares, comportamento este, esperado para pessoas do gênero masculino.

O viúvo que se casa novamente, de acordo com Lago-Falcão (2009) tem as chances de declínio da saúde física e emocional, além do padrão financeiro, reduzidas. Aqueles em idade abaixo de 60 anos tem três vezes mais oportunidade de contraírem um novo casamento do que os que se encontram acima dessa idade. A probabilidade de os viúvos contraírem um novo matrimônio é maior em todas as idades, se comparado com as viúvas, porém, nos idosos essa probabilidade aumenta em até quinze vezes.

Com relação à viuvez feminina, Mello (2008) enfatiza a privação que era característica do estado de viuvez feminina, sugerindo a recomendação para as mulheres se absterem de frequentar a sociedade para viver em clemência a Deus e à memória do marido. Ao contrário, os homens viúvos não tinham essas restrições pois mantinham suas vidas normais, podendo contrair novo matrimônio, realizando atividades habituais dentro do meio em que convivia.

A sociedade habitada pela mulher apresenta benefícios relativos à potencialidade que esta apresenta para mudança e adaptação às novas condições, estando intimamente relacionada aos recursos externo e internos, saúde física e mental, acontecendo grandes mudanças relativas às condutas sociais entre as viúvas (BOTH, ALVES, TEIXEIRA, 2012).

Para a mulher, a viuvez é determinante de muitas mudanças, trazendo grandes desafios para a sua vida. O índice de viúvas é maior que de viúvos, podendo as primeiras serem mais propícias a passarem pela condição de pobreza e discriminação social (WHO, 2005). O enviuvamento, conforme Consonni (2013) causa perda de

papéis, atitudes, aparência, segurança e identidade de esposa, necessitando de reformulações de antigos propósitos, pensamentos, anseios e condutas.

Na vida da mulher viúva ocorrem transições. De acordo com Suzuki, Silva e Falcão (2012) isso acontece principalmente no que concerne à identidade, perda de status e independência econômica, uma vez que deixam de ser esposas e donas de casa e que não se espere que elas exerçam atividades anteriores. Isso as deixa em dificuldade pela inexistência de uma função relevante que elas possam desempenhar.

Após a perda do esposo, Rocha et al. (2005) afirmam que a esposa tende a modificar a rotina que realizava à época do marido vivo. Algumas se aproximam dos familiares dele, outras mantêm certa distância. Porém mantêm boas relações com sua família.

A mudança de ambiente onde a enlutada se encontra, favorece a aceitação de sua nova realidade e condição de vida. Todavia isso depende da forma com que a pessoa enfrenta essa situação, partindo para a busca de melhorias de vida para que essa perda não promova a instalação da frustração e negatividade (MELO, 2004).

Este é um período marcado pela agitação, dificuldades de dormir e se relacionar com outras pessoas do convívio, se martirizar pelo sentimento de culpa por ter feito ou deixado de fazer algo para seu cônjuge, correndo-se o risco do desenvolvimento de trauma ou síndrome. Diante desses pensamentos permeados pela confusão, ela pode procurar o conforto para amenizar ou finalizar sua dor, conversando com Deus ou indo à igreja, independente da religião que professar (PANGRAZZI, 2008).

O luto feminino é considerado por Schmidt, Gonçalves e Gabarra (2011) muito mais ríspido devido às alterações desencadeadas na vida da mulher em diferentes aspectos. Esses autores exemplificam essa questão mencionando as vestimentas das viúvas, com roupas feitas com tecidos pretos, incluindo sombrinhas, lençóis e bolsas. Esse período deveria ser seguido com plenitude, pela esposa para que esta, não se expusesse ao risco de ser julgada por desrespeitar a memória do esposo falecido.

Há no período de luto, uma correlação da forma com que a notícia da morte é relatada sendo isso, pontuado por Kubler-Ross (2012). Assim, a dor da perda pode estar associada com sentimentos de solidão, abandono, inutilidade e desespero. Apesar de provocar a crise e certas comoções, o luto não é considerado como doença e não deve ser confundido com depressão ou melancolia.

Sobre os momentos marcantes da viuvez, Didion (2006) considera, além da dor da perda, o sofrimento ocorrido no ato de se desfazer das roupas do falecido esposo e da aceitação da sua condição de morto, deixando-o partir, restando dele apenas fotos e lembranças. Segundo Kubler-Ross (2012) a tristeza característica da vivência da perda de alguém significativo na sua existência estimula as razões para reflexões e suposições sobre a morte.

A viúva, dentre os diversos sentimentos, experimenta sensações e emoções que podem ser modificadas, ou não pelo tempo de luto. Os relatos são de sentimentos como agonia, problemas de aceitação, alterações no bem-estar, mudanças de hábitos cotidianos, sensação de solidão e saudade. Entretanto existem ainda as que sentem além da dor, conquistas relativas à sua autonomia, independência, desenvolvimento e a construção de novos papéis (FERREIRA, LEÃO, ANDRADE, 2008).

A superação da perda do cônjuge não constitui um período fácil para aquele que permanece vivo. Nesse sentido, Asaro (*apud* CARVALHO, 2006) apresenta a possibilidade de superação do luto pela viúva passando pelos seguintes estágios: I- identificação real da perda e visualização do grau do problema; II- capacidade de se expressar sobre a problemática; III- relato dos momentos com o falecido, sejam eles bons ou maus; IV- exposição dos sentimentos pela morte, mesmo que seja indignação ou culpa; V- planejamento a vida futura sem a inclusão do falecido; VI- participação de atividades sociais chegando à vivência de um novo relacionamento e a uma nova fase da vida.

Diante desse contexto sobre morte, luto e viuvez, a inserção de informações sobre o local da pesquisa com suas especificidades religiosas e de viuvez faz-se necessária, o que é feito na sequência, desse estudo.

2.5 URUAÇU: DADOS DE VIUVEZ E VARIABILIDADE RELIGIOSA

Após a análise teórica, a continuidade se faz, com a apresentação do local pesquisado, cidade de Uruaçu- Go, no sentido de inserir os participantes da pesquisa nos aspectos geográfico e religioso, os quais podem influenciar direta, ou indiretamente no resultado desse estudo, pelas questões culturais.

Uruaçu, cidade às margens da BR-153, situada a 285 Km da capital de Goiás, Goiânia e a 310Km da capital federal, Brasília. Sua população, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2010 foi de

36.929 pessoas. Sua densidade demográfica é de 17,2 habitantes por Km² no território do município. A média dos rendimentos mensais dos trabalhadores formais, moradores da cidade é de dois salários mínimos.

Figura 1: Localização do município de Uruaçu



Fonte: Wikipédia¹

Com relação aos dados sobre viuvez, o quantitativo de viúvos registrados em 2010 no município de Uruaçu- Go foi de 1735 pessoas, não havendo dados de diferenciação desses viúvos, por sexo (IBGE, 2010).

No que tange à religião, o quadro abaixo esboça os tipos de religião declarados pela população de Uruaçu, registrados no censo IBGE (2010).

QUADRO 1: Variabilidade religiosa na cidade de Uruaçu segundo censo IBGE-2010

Tipo de religião	Percentual da população de Uruaçu
Católica Apostólica Romana	72,96%
Evangélica	18,96%
Espírita	1,14%
Islamismo	0,03%
Testemunha de Jeová	0,57%
Umbanda	0,02%
Umbanda e Candomblé	0,02%
Outras religiões cristãs	0,61%

¹ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Urua%C3%A7u>> Acesso em 12 de jan. 2019.

Sem religião	5,69%
Total	100%

Fonte: IBGE (2010)

Diante do quadro exposto, observa-se que a população de Uruaçu é predominantemente professante da religião Católica apostólica romana, seguida pela evangélica e espírita, elencando-se assim, as três principais religiões dos habitantes de Uruaçu. Verifica-se também um percentual expressivo de pessoas que se classificam como sem religião, sendo até maior que os que se declaram como de outras religiões cristãs, testemunha de jeová, Islamismo, Umbanda e Candomblé, que foram mencionadas no quadro acima.

Sobre o apoio das religiões às viúvas e viúvos, o que se tem noticiado em um site da paróquia Frei Galvão da cidade de Campinas- São Paulo ²foi o primeiro encontro de viúvas e viúvos realizado no dia dois de julho de dois mil e dezessete.

Na cidade de Uruaçu, especificamente, não há registros nas mídias, desse tipo de evento que reúna viúvas e viúvos para suporte físico e emocional objetivando facilitar a elaboração de suas perdas, de nenhuma das religiões acima mencionadas.

Tendo em vista esse quantitativo de viúvos e da diversidade religiosa, pela riqueza relativa à coleta de dados, a região da cidade de Uruaçu foi escolhida como local da pesquisa.

2.6 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CAMPO RELIGIOSO

Como a análise do objeto de pesquisa perpassa pela caracterização da teoria das representações sociais, faz-se necessário iniciar esse tópico trazendo a representação dessa ideia. Assim, é possível explicitar que essa teoria visa explicar os acontecimentos cotidianos sob a perspectiva coletiva, sem a perda da individualidade.

Nesse sentido Gomes (2004) menciona que a teoria das representações sociais tem como principal idealizador o psicólogo social Serge Moscovici, que

² Disponível em: <paroquiafreigalvao.com.br/primeiro-encontro-de-viuvos-e-viuvvas> Acesso em 14 de jan. de 2019.

influenciado pelas bases teóricas sobre as representações coletivas do sociólogo Émile Durkheim, desenvolveu o primeiro esboço de sua teoria, por entender que Durkheim não analisava a individualidade dos participantes da coletividade.

Considerando a abordagem do tema, Moscovici (2015, p. 30) o faz pela perspectiva da psicologia social, a qual caracteriza como uma manifestação do pensamento científico e, por isso estuda os sistemas cognitivos pelos pressupostos de que indivíduos normais reagem a acontecimentos, pessoas e fenômenos, do mesmo modo que os cientistas, sendo que a compreensão é o processamento das informações. Assim, as percepções do mundo em suas ideias, percepções e atribuições, são decorrentes de estímulos do ambiente físico em que se vive.

Complementando o conceito anterior de forma mais abrangente, a representação social segundo Jodelet (1984, apud SÁ, 1993, p. 66) é considerada uma forma específica de conhecimento relativo ao saber do senso comum, com conteúdo marcado socialmente.

Segundo Sardenberg e Sardenberg (2003) o estudo das representações sociais busca o entendimento do comportamento das pessoas e suas ações rotineiras praticadas sem razões lógicas e sim por intuítos simbólicos, afetivos, muito além dos aspectos cognitivos. A abrangência do conceito envolve toda gama de opiniões, atitudes e imagens além da agregação de outros conceitos, sendo o elemento social como algo constitutivo. Seu dinamismo favorece o entendimento de inúmeras dimensões da realidade de forma clara ou subjetiva.

Moscovici (2015, p. 46, 49) acrescenta que as representações devem ser observadas como uma forma específica de compreender e comunicar o que já é sabido por todos. Elas possuem uma face icônica e outra simbólica, igualando, portanto, a imagem a uma ideia e uma ideia a uma imagem. Assim, são fenômenos a serem descritos e explicados. Estão especificamente relacionadas com um modo particular de compreensão e comunicação, o qual cria tanto a realidade quanto o senso comum, fato este, que leva o autor a usar o termo social, ao invés de coletivo.

Sobre a elaboração das representações, Moscovici (2015, p. 41) explana que são feitas por pessoas e grupos no decurso de sua comunicação e cooperação, não sendo possível sua criação por um indivíduo isolado. Após sua criação, elas se estruturam, circulam, concordam, discordam, oportunizam o nascimento de novas representações, sempre tendo como base aquela que originou seu nascimento. As representações muitas vezes condicionam ou representam um comportamento ou

uma estrutura social. Isso ocorre não pela origem coletiva ou por se referir a um objeto coletivo, e sim, por ser compartilhada por todos e reforçada pela tradição, consistindo em uma realidade social *sui generis*.

As representações sociais consideram o entendimento de novos acontecimentos com bases em teorias e valores preexistente. Nesse contexto, Moscovici (2015, p. 34-37) explana que as representações possuem duas funções, sendo a primeira de convencionalizar pessoas, objetos ou acontecimentos, dando forma definitiva, localizando-os em uma categoria, colocando-os como modelo compartilhado por um grupo de pessoas, de modo que os novos elementos se juntem e se sintetizem nele. A segunda é a de ser prescritiva, por se impor sobre o indivíduo, com uma força irresistível que está presente antes mesmo do início do pensamento e da tradição, decretando o que deve ser pensado. Dessa forma, as representações são impostas, transmitidas e produzidas em decorrência de uma sequência de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo, resultantes de sucessivas gerações.

Estabelecendo um paralelo das representações entre as sociedades pensantes, Moscovici (2015, p. 49-50) considera que anteriormente, as representações ocupavam a esfera sagrada, a qual era digna de respeito e veneração, mantida longe das atividades intencionais, humanas, e a esfera profana na qual se executavam as atividades triviais e utilitaristas. Esses eram mundos deparados e opostos determinantes na cultura e no indivíduo, suas esferas e forças. O conhecimento da esfera sagrada, as ciências sagradas, eram diferenciados da esfera profana, as ciências profanas. Essa distinção foi abandonada e substituída, por uma mais básica de universos consensuais e reificados.

Diante disso, Moscovici (2015, p. 49-50) diferencia essas duas classes distintas de universos de pensamentos existentes na sociedade; o universo consensual do reificado, e realiza, a partir disso, suas respectivas caracterizações. No universo consensual, a sociedade apresenta visibilidade, continuidade além de sentido e finalidade. Possui ainda voz humana, conforme a existência humana e age e reage como ser humano. No universo reificado, a sociedade passa a ser um sistema de entidades sólidas, básicas e invariáveis, no qual há indiferença com relação a individualidade e inexistindo a identidade. Essa mesma sociedade é vista como um grupo de pessoas que apresentam igualdade e liberdade, capazes de falar pelo grupo, presumindo-se, portanto, que ninguém apresente competência exclusiva. Nesse

contexto, todos possuem a capacidade de desenvolver as competências requeridas pelas circunstâncias, podendo, cada um, ser um amador responsável, ou um observador curioso capaz de expressar suas opiniões e construir as leis.

Sobre a interação entre esses dois universos de pensamento, Moscovici (2015, p. 51-52) acrescenta que há a institucionalização desses mundos nos clubes, associações, salões e academias do passado, locais estes, onde se pratica a conversação, que mantém e encoraja as relações sociais. Essa conversação recorre e estabiliza uma base comum de significância entre seus praticantes. Há a possibilidade de compartilhamento de imagens e ideias certas e aceitas por todos. O pensamento é realizado em voz alta, tornando-se ruidoso, público, capaz de satisfazer a necessidade de comunicação, mantendo e consolidando o grupo. O que se constata diante do exposto é que as ciências são meios de compreensão do universo reificado, enquanto que o universo consensual é tratado nas representações sociais. O primeiro apresenta a finalidade de estabelecer um mapa das forças, objetos e acontecimentos que independem de desejos próprios e fora da consciência de modo que a reação a eles deve ser imparcial e submissa. Em contrapartida, as representações restauram a consciência do coletivo, dando-lhe forma, sendo capazes de fornecer explicações de objetos e acontecimentos, tornando-os acessíveis a todos, coincidindo com os interesses imediatos.

As representações possuem a finalidade específica que segundo Moscovici (2015, p. 54-55) é o de tornar familiar, algo não familiar, ou a própria familiaridade. Nos universos consensuais há um desejo comum de se sentir em casa, livre de qualquer risco, atrito ou conflito. As ações realizadas nesse local confirmam as crenças e interpretações adquiridas, corroborando mais do que contradizendo as tradições. As relações são dinamizadas a partir da familiarização, na qual objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos tendo como base encontros prévios e paradigmas. Disso resulta que a memória prevalece sobre a dedução, assim como o passado sobre o presente, as imagens sobre a realidade e as respostas sobre o estímulo. Após esses ajustes, o que estava longínquo, parece estar próximo e o que era abstrato toma forma concreta e quase normal (MOSCOVICI, 2015, p. 58).

Sobre os processos que geram as representações sociais, Moscovici (2015, p. 60-61) os denomina como a ancoragem e a objetivação. A transformação de algo não familiar em familiar baseia-se em colocar em funcionamento dois mecanismos de um

processo de pensamento baseado na memória e em conclusões passadas. O primeiro mecanismo consiste na ancoragem de ideias estranhas, sua redução em categorias e imagens comuns e sua inserção em um contexto familiar. O segundo mecanismo está relacionado à objetivação, ou seja, a transformação de algo abstrato em algo quase concreto, transferido uma imagem mental em algo que exista no mundo físico. Esses mecanismos transformam o não familiar, em familiar, primeiro pela transferência para a esfera particular do indivíduo, onde o mesmo é capaz de compará-lo e interpretá-lo e depois colocando-o na esfera em que se pode ver e tocar, conseqüentemente, controlar.

A ancoragem é caracterizada como um processo que transforma algo estranho, perturbador, intrigante em um sistema particular de categorias comparando-o com um sistema de categorias consideradas apropriadas. O objeto, no momento que é enquadrado em uma categoria, é caracterizado dentro dessa categoria, sendo imediatamente re-ajustado para se enquadrar nela (MOSCOVICI, 2015, p. 61).

Ancorar consiste em classificar e nomear algo, pois, coisas não classificadas e não nomeadas, são estranhas, inexistentes e ameaçadoras. A incapacidade de avaliação e descrição de algo para si ou para outros, gera resistência e distanciamento (MOSCOVICI, 2015, p. 61-62). A classificação do inclassificável e a nomeação do que estava sem nome permitem imaginá-lo e representá-lo. A epistemologia contemporânea ensina em uma de suas lições, que o sistema de categorização deve ser definido por uma teoria que o especifique e especifique também seu uso. O desaparecimento desse sistema leva à presunção de que a teoria também desapareceu (MOSCOVICI, 2015, p. 62).

A classificação de algo envolve a definição dos comportamentos e regras permitidas, ou não, para os indivíduos que compõem uma classe. A categorização de alguém ou alguma coisa consiste em escolher um dos paradigmas existentes na nossa memória e estabelecer, com ele, uma relação positiva ou negativa (MOSCOVICI, 2015, p. 63). Desse modo é impossível determinar que se conhece um indivíduo ou que se tenta compreendê-lo. O que se pode fazer é tentar reconhecê-lo, descobrir o tipo de pessoa que ele é, e a que categoria ele pertence. Isso significa concretamente ancorar implicando na prioridade do veredicto sobre o julgamento e do predicado sobre o sujeito (MOSCOVICI, 2015, p. 64). Isso é conseguido mediante duas maneiras. São elas a generalização ou a particularização.

A generalização reduz as distâncias levando as características a se tornarem como se fossem coexistentes e comuns aos membros dessa categoria. Quando é positiva leva à aceitação e quando é negativa, a rejeição. Já a particularização mantém a distância e mantém o objeto sob análise, uma vez que o mesmo se diferencia do modelo, levando à tentativa de se descobrir o que quais motivações, atitudes e características o tornam diferente. A tendência de classificar um objeto pela generalização ou particularização, não é puramente intelectual, denotando uma atitude específica diante do objeto no sentido de defini-lo como normal ou aberrante. Isso é o propósito da classificação das coisas não familiares, o desejo de defini-las como normais ou aberrantes (MOSCOVICI, 2015, p. 65). O autor menciona que quando se classifica algo, sempre se faz comparando-o com um protótipo no intuito de classificá-lo como normal ou anormal (MOSCOVICI, 2015, p. 66).

A classificação se torna impossível sem a ação de dar nomes a alguma coisa ou alguém. Nomear significa a libertação de algo do anonimato perturbador e sua inclusão no complexo de palavras específicas, assim como, de fato, sua localização na matriz de identidade de nossa cultura. O anônimo, ou seja, o que não tem nome, é incapaz de se tornar uma imagem comunicável ou ser ligado a outras imagens, ficando relegado ao mundo de incertezas, confusão e inarticulação (MOSCOVICI, 2015, p. 66)

A objetivação consiste na união da ideia da não familiaridade à realidade, tornando-se a verdadeira essência da realidade. O que antes era percebido como um universo puramente intelectual e remoto, aparece então na forma física e acessível. A objetivação torna real, no sentido próprio do termo, um nível diferente da realidade, o qual é criado e mantido pela coletividade, se esvaindo sem ela e inexistindo por si mesmos. O pensamento e a fala possui como característica mais misteriosa a materialização de uma abstração. Isso é usado por autoridades políticas e intelectuais como forma de subjugar as massas. Tal autoridade se fundamenta na arte de transformar uma representação em algo real, “transformar a palavra que substitui a coisa, na coisa que substitui a palavra” (MOSCOVICI, 2015, p. 71). Objetivar é a descoberta da qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso. É a reprodução de um conceito em uma imagem. A comparação já é a representação como forma de encher o que está vazio, com substância. Quando se compara Deus com um pai, o que era invisível torna-se instantaneamente visível mentalmente, havendo a possibilidade de respondê-lo como tal. Muitas palavras que se referem a objetos

específicos circulam na sociedade pressionando-a constantemente para seu provimento com sentidos concretos equivalentes (MOSCOVICI, 2015, p. 71-72).

Considerando a teoria das representações sociais acima explanada, Gomes (2004) infere que a mesma se presta ao estudo da religião devido ao seu caráter pragmático. O autor enfatiza que as pesquisas no campo religioso não devem ficar restritas em afirmar ou negar a existência do sagrado e sim, em estudar as formas como o sagrado é representado pelo homem em sua experiência e ao construir seu conhecimento. O importante é como essa representação ocorre no homem e como ela influencia seu comportamento. Sua aplicação no estudo da religião perpassa por crenças, valores, ideologias, símbolos, mitos, ritos, dentre muitos outros.

Assim, a religião, no contexto das representações sociais pode ser capaz de fornecer sentido no processo de elaboração do luto. Nesse aspecto, Geertz (1978, p. 67) afirma que a religião é um sistema simbólico que atua estabelecendo disposições e motivações poderosas, penetrantes e duradouras, no homem, através da conceituação sobre sua existência, caracterizando-as como fato, de tal modo a torná-las singularmente realistas.

Nesse aspecto, Berger (1985, p.38) complementa que a religião estabelece o cosmo sagrado que é um poder misterioso, temeroso, distinto do homem e relacionado com ele que se acredita residir em certos objetos da experiência, sendo eles animais, homens ou objetivações da cultura humana, espaço sagrado e tempo sagrado. Essa qualidade também pode ser atribuída a seres sagrados do tipo espíritos locais a grandes divindades cósmicas. O cosmos associado pela religião transcende e inclui o homem. O sagrado dá a vida do homem uma realidade repleta de significado.

Em outra perspectiva, a religião é um conjunto de crenças e ritos que possibilita que a categorização das coisas reais e ideais em sagradas e profanas, desde o nascimento até a morte. “A religião, portanto, é uma maneira de conhecer a realidade e de pensar sobre ela” (ERICKSON, 1996 p. 27).

Ao mencionar sobre sofrimentos como doença e luto, Geertz (1978, p. 76) cita a ideia de Malinowski de que a religião consiste em uma forma de ajuda para as pessoas suportarem as situações de pressões emocionais. É ainda considerada uma forma de fugir dessas situações pela utilização de rituais e crença no domínio do sobrenatural, que nenhum outro caminho empírico proporcionaria.

O problema do sofrimento para Geertz (1978, p. 76) era similar ao problema religioso no sentido não de evitar o sofrimento, mas de encontrar uma forma de fazer a dor física, a perda pessoal, a derrota e a impotência, algo tolerável ou suportável. A religião tem poder simbólico tanto para a formulação de ideias analíticas, quanto para a concepção autoritária total da realidade, além de ter poder simbólico da expressão de emoções, disposições, sentimentos, paixões, afeições e sensações. Os símbolos religiosos apresentam uma garantia cósmica da capacidade de compreensão do mundo, e em decorrência disso, precisar seu sentimento, definir suas emoções, permitindo suportá-los de diferentes maneiras.

Sobre as crenças religiosas, Geertz (1978) afirma que são tão diversificadas quantos eles próprios o são. O autor acrescenta que a religião tem importância para um antropólogo, por sua capacidade de fornecer, para um indivíduo ou para um grupo, concepções gerais, apesar de diferentes, do mundo, de si e das relações que ocorrem entre elas.

Os símbolos sagrados, para Geertz (1978, p. 103-104) sintetizam o *ethos* de um povo, o tom, o caráter e a qualidade de sua vida. Além disso, seu estilo, suas disposições morais e estéticas e sua visão de mundo. Algo que faz das coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o *ethos* apresenta razoabilidade por demonstrar um tipo de vida idealmente adaptado às coisas descritas pela visão de mundo, enquanto que a mesma torna-se convincente de forma emocional por ser apresentado como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, bem organizado para abarcar tal tipo de vida.

Geertz (1978) explicita que a religião embasa a ação humana em suas exigências mais específicas, nos contextos mais gerais de sua existência. Sendo o homem um ser social, Berger (1985, p.15-16) denota que o mundo é constituído de sociedades e a religião apresenta influencia fundamental nisto. Nesse sentido, o homem e a sociedade são elementos ligados de forma que um não pode existir sem o outro, sendo isso um fenômeno dialético. É na sociedade que o homem afirma sua personalidade e realiza seus projetos de vida. A dialética da sociedade passa pelas fases de exteriorização que consiste na contínua efusão, tanto na parte física quanto mental do homem sobre o mundo. Além disso, têm-se a objetivação que representa a conquista de uma realidade diferente do original, e pôr fim, a interiorização cuja ideia é a reapropriação dessa nova realidade, passando de estruturas de mundo objetivo para consciência subjetiva. Na exteriorização a sociedade é um produto humano, na

objetivação a sociedade se torna uma realidade peculiar e na interiorização o homem é um produto da sociedade (pp. 15, 16).

A religião e a espiritualidade apresentam conceitos diferenciados. A primeira é ressaltada por Schmidt (2007, p. 90) como “um conjunto de sistemas simbólicos que confere identidade e delimita fronteiras sociais, éticas, entre outras”. Já a segunda é caracterizada por Alves, Juges e Lópes (2010, p. 430) como “aquilo que dá sentido à vida, tem a ver com experiência”.

Dessa forma, para Alves, Juges e Lópes (2010, p. 431) a religião consiste na “organização institucional e doutrinária de determinada forma de vivência religiosa”, enquanto que a religiosidade se refere às “formas pelas quais os símbolos religiosos são vivenciados e continuamente ressignificados, através de processos interativos concretos, entre indivíduos e grupos”.

Nesse sentido, Frankl (1990, p. 88) acredita que a religião, religiosidade e/ou espiritualidade, sejam meios de manter contato com Deus, pois todos, no íntimo, são dotados de fé no sentido amplo da palavra, mesmo que reprimida e soterrada.

Nos estudos empíricos, Sanches e Nappo (2007, p. 75) consideram que os termos religiosidade e espiritualidade são utilizados como sinônimos, de modo que religiosidade remete à crença e práticas de fundamentos de uma determinada religião ou à busca pessoal por respostas relativas às questões da vida, seus significados e busca pelo sagrado. Já a espiritualidade, consiste em uma característica individualizada que inclui, ou não a crença em um Deus, indo além da religião, como um sistema organizado de práticas, crenças, rituais e símbolos, que facilitam sua aproximação com o sagrado, ou poder superior, que nesse âmbito é representado por Deus. Nos estudos desses mesmos autores, a espiritualidade, não depende de religião, mas é favorecida por ela. Contudo, é a religião que estimula a prática da religiosidade, conectando-a, em consequência disso, à espiritualidade.

Tendo isso em vista, Berger (1985, p. 56) acrescenta que a religião também integra as situações marginais como sonho, doenças e até a morte, legitimando essas situações fazendo com que o indivíduo passe por elas e continue existindo na sociedade. O mesmo autor acrescenta que a religião, historicamente, aparece como uma força que sustenta ou abala o mundo, podendo ser alienante ou desalienante. Em ambos os casos a religião é uma projeção dos significados humanos no universo, e esses mesmos significados voltam como uma nova realidade para aqueles que a produziram. A religião reflete a busca do homem por um significado. A consciência

religiosa usa a alienação para buscar um universo com significado para os seres humanos (BERGER, 1985 p. 112, 113).

Em virtude do apresentado, verifica-se a importância da religião na elaboração do luto, no contexto das representações sociais uma vez que possibilita a compreensão do comportamento desse grupo estudado, em específico as viúvas e viúvos, corroborando para o entendimento de como o enlutamento se processa, tendo em vista seu *ethos* e visão de mundo.

Após a explanação desse contexto teórico, segue a apresentação dos participantes da pesquisa.

3 VIÚVAS E VIÚVOS: CARACTERIZAÇÃO CONTEXTUAL E RELIGIÃO COMO RECURSO PARA A ELABORAÇÃO DO LUTO

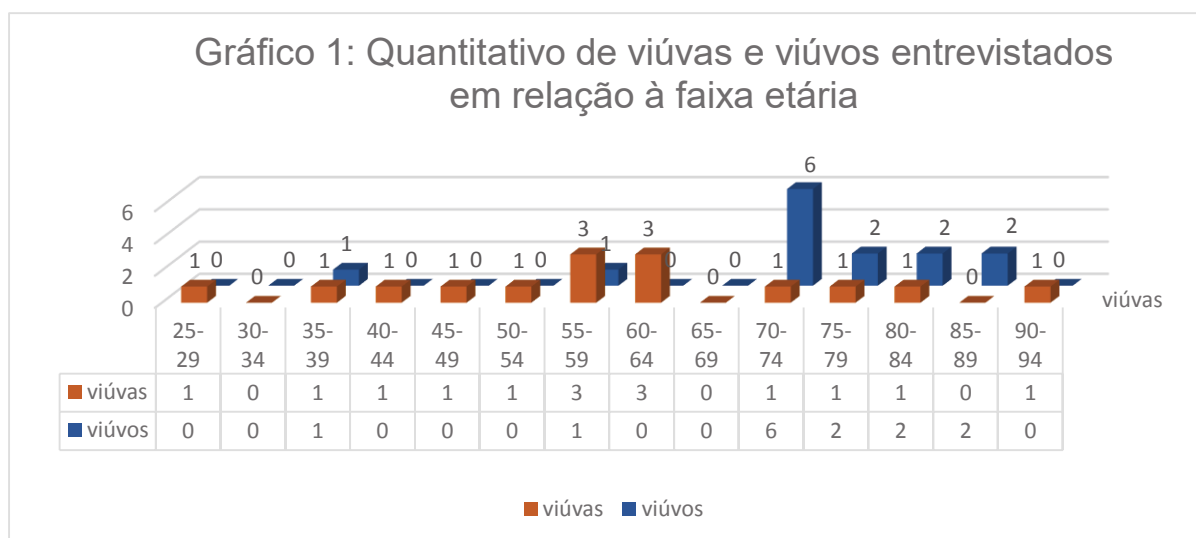
Discutir sobre a viuvez, é muitas vezes, trazer à tona sentimentos negligenciados, como forma de esquecimento da perda do cônjuge amado, ou não. É ainda, refletir sobre os aspectos relacionados à dor da perda e os recursos utilizados para a superação deste acontecimento, em especial, a religião.

Para esta análise, retoma-se a ideia de Moscovici (2015) na qual o mundo é percebido pelos estímulos decorrentes do ambiente físico em que se vive, sendo as representações sociais, formas de compreender e comunicar o que já é sabido por todos. Em outras palavras, a representação social da morte e do luto, assim como a religião, serão instrumentos a serem utilizados como critérios de elaboração do luto decorrente da viuvez, para os indivíduos pesquisados.

A pesquisa compreende a entrevista com viúvas e viúvos, doravante identificados como entrevistados, enumerados de 1 a 30, como forma de preservar o anonimato dessas pessoas que tão prontamente aceitaram participarem desse estudo.

No sentido de caracterizar os participantes da pesquisa, dentre os quais 15 são viúvos e 15 são viúvas, conforme já mencionado anteriormente, dispõem-se os gráficos abaixo:

No gráfico 1 é apresentada a faixa etária das viúvas e viúvos que foram entrevistados nesse estudo.



Fonte: dados da pesquisa de campo (janeiro a maio de 2018)

O que se pode inferir após a análise do gráfico é que a viuvez, tanto masculina quanto feminina, é passível de acontecer em qualquer faixa etária, sem necessariamente haver preferência por alguma idade específica. Isso concorda com Torres (2006) quando afirma que a morte do companheiro não está restrita às pessoas mais velhas, pois os indivíduos estão em qualquer idade, sujeitos a riscos de vida a todo instante, pelo modo que se vive.

No universo de entrevistados para esse estudo, a viuvez é frequente nas diferentes faixas etárias, sendo que a viuvez a feminina se concentra em maior evidência entre os 55 a 64 anos, enquanto que a viuvez masculina ocorreu com maior frequência na faixa etária dos 70 a 74 anos.

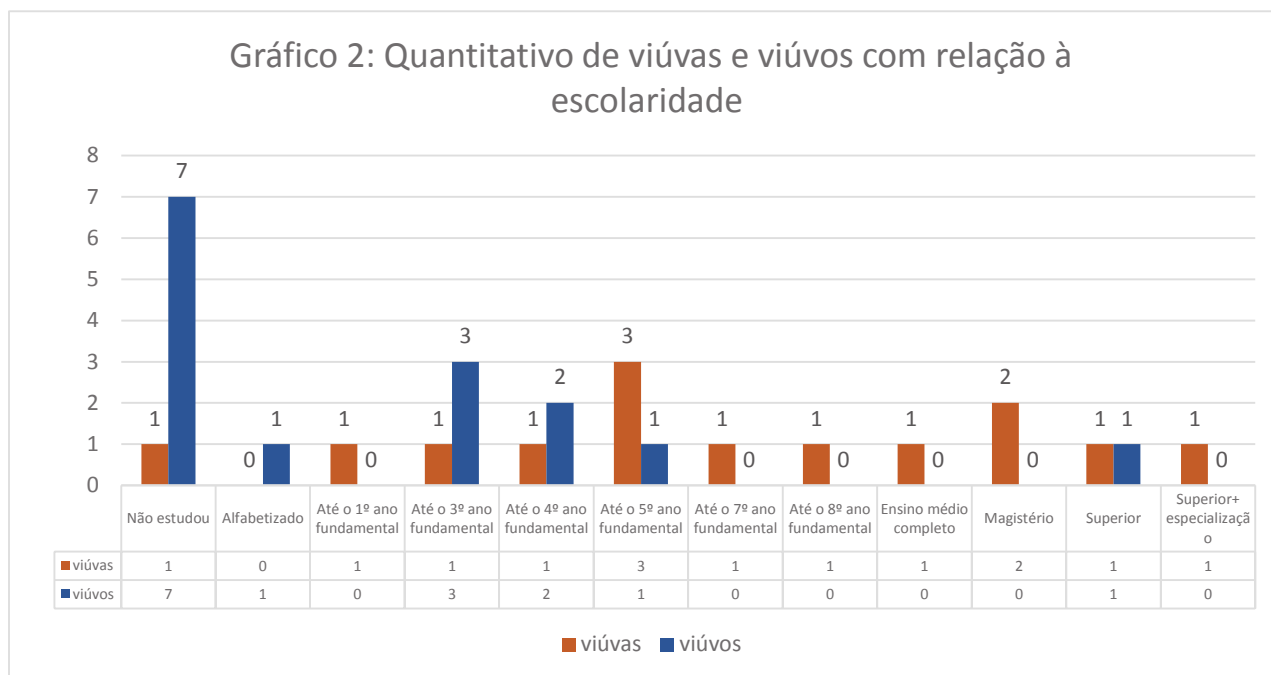
Além disso, verifica-se que abaixo dos 64 anos a viuvez feminina predomina, enquanto que após os 74 anos ocorre uma inversão, evidenciando-se nessa faixa etária, a viuvez masculina.

Uma possível explicação para isso, pode ser realizada utilizando-se das informações de Braz (2004) em que indica que o homem tem um risco de morrer mais jovem que as mulheres. A autora enfatiza o fato de as mulheres procurarem consulta médica com muito mais frequência que os homens, além consumirem mais medicamentos, avaliarem como pior o seu estado de saúde e se submeterem mais a exames. Isso esclarece o que se observa no presente estudo, ilustrado no gráfico 1, ou seja, a maior frequência de viúvas jovens e a maior frequência de viúvos em idade mais avançada.

Por mais que o tempo tenha passado, desde a antiguidade até nos dias atuais, pelo que se observa, não houve mudanças expressivas quanto a isso. Retomando as informações anteriores deste estudo, Lago-Falcão (2009) ressalta que na alta Idade Média, o viúvo era desconhecido, devido à alta mortalidade masculina decorrente de violência pública e privada. O homicídio nessa época era sinônimo de virilidade. Assim, havia um quantitativo grande de viúvas devido aos homens morrerem precocemente.

Sobre a escolaridade, várias são as deduções que se tem, analisando esse parâmetro, como o desenvolvimento sociocultural do grupo pesquisado, além da observação da religião como estratégia de elaboração do luto decorrente de viuvez, nesse grupo

O gráfico 2 apresenta a escolaridade das viúvas e viúvos entrevistados explicitando o quantitativo por sexo.



Fonte: dados da pesquisa de campo (janeiro a maio de 2018)

O que se observa na análise do gráfico é que no geral, as viúvas apresentaram escolaridade superior à dos viúvos, uma vez que a maioria dos viúvos respondeu não ter estudado. Ademais, apenas uma viúva concluiu o ensino médio e uma viúva concluiu a especialização.

Infere-se ainda que em ambos os sexos, a escolaridade predominante tanto nas viúvas quanto nos viúvos, foi a do ensino fundamental incompleto.

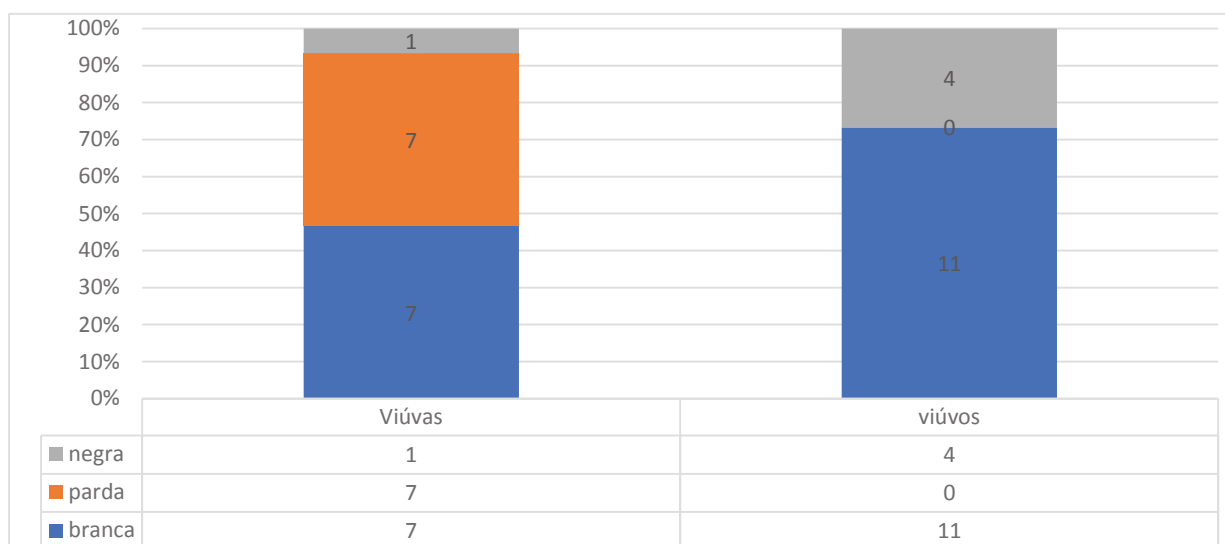
A maioria dos viúvos de ambos os sexos que foram entrevistados nesse estudo são idosos, conforme apresentado no gráfico 1. Com base nisso, essas informações convergem com os dados do estudo sobre o perfil socio epidemiológico de longevos, incluindo viúvos, realizado por Porciúcula et al. (2014) o qual identificou que a maioria dos idosos não estudou, ou concluiu apenas o primário. Uma das causas mencionadas pelos autores, é que grande parte dessas pessoas viveu em um período escolar em que não havia abrangência massificada do ensino público, constatando-se, portanto, uma baixa escolaridade dessa população.

O outro parâmetro pesquisado foi a raça. Segundo Gomes e Marli (2018) o registro da raça pelo recenseador do IBGE é baseado na autodeclaração. As autoras citam a explicação de Leonardo Athias, pesquisador da Coordenação de População e Indicadores Sociais do IBGE, como sendo este, um preceito de direitos humanos.

Para o pesquisador, a identificação é pessoal, não sendo possível a ninguém identificar o outro, pois essa identificação é uma interação social, uma percepção de si mesmo e do outro. Nesse sentido, não se pode classificar o outro, até mesmo porque muitas vezes, isso foi motivo de segregação e perseguição.

Diante dessas informações, a coleta de dados sobre a raça dos participantes da pesquisa também foi baseada na autodeclaração, não sendo influenciada de forma alguma, pela pesquisadora, sendo considerada, portanto, a resposta dada pelo entrevistado. O gráfico 3 esboça a classificação das viúvas e viúvos quanto à raça.

Gráfico 3: Quantitativo de viúvas e viúvos entrevistados com relação à raça



Fonte: dados da pesquisa de campo (janeiro a maio de 2018)

A análise do gráfico permite observar que dos viúvos entrevistados, há um predomínio de declarados como de raça branca, enquanto que nas viúvas há uma proporção entre pessoas que se declararam pardas e brancas. Não houve registro de viúvos declarados como pardos, sendo que da raça negra houve predomínio de viúvos, se comparado com as viúvas.

O que se observou durante a coleta de dados foi a dificuldade de se autodeclarar como componente de alguma raça. Muitos viúvos não sabiam se classificar, sendo para eles um critério difícil de responder, mesmo após esclarecimentos da pesquisadora.

Essa dificuldade pode ser atribuída à baixa escolaridade da maioria dos entrevistados, tanto viúvas quanto viúvos, conforme indicado no gráfico 2.

A relação entre idade, sexo e raça é um fator complementante do perfil dos participantes da pesquisa. Sendo assim, no quadro abaixo, encontram-se discriminados os três parâmetros relacionados:

QUADRO 2: Perfil dos entrevistados em relação à Idade, Sexo e a Raça.

	Sexo feminino	Raça	Sexo masculino	Raça
Faixa etária				
24 a 29 anos	1	Parda		
30 a 34 anos				
35 a 39 anos	1	Parda	1	Branca
40 a 44 anos	1	Branca		
45 a 49 anos	1	Branca		
50 a 54 anos	1	Branca		
55 a 59 anos	2	Pardas	1	Branca
	1	Branca		
60 a 64 anos	1	Negra		
	2	Branças		
65 a 69 anos				
70 a 74 anos	1	Parda	4	Branças
			2	Negras
75 a 79 anos	1	Parda	2	Branças
			1	Negra
80 a 84 anos	1	Branca	1	Branca
			1	Negra
85 a 89 anos			2	Branças
90 a 94 anos	1	Branca		

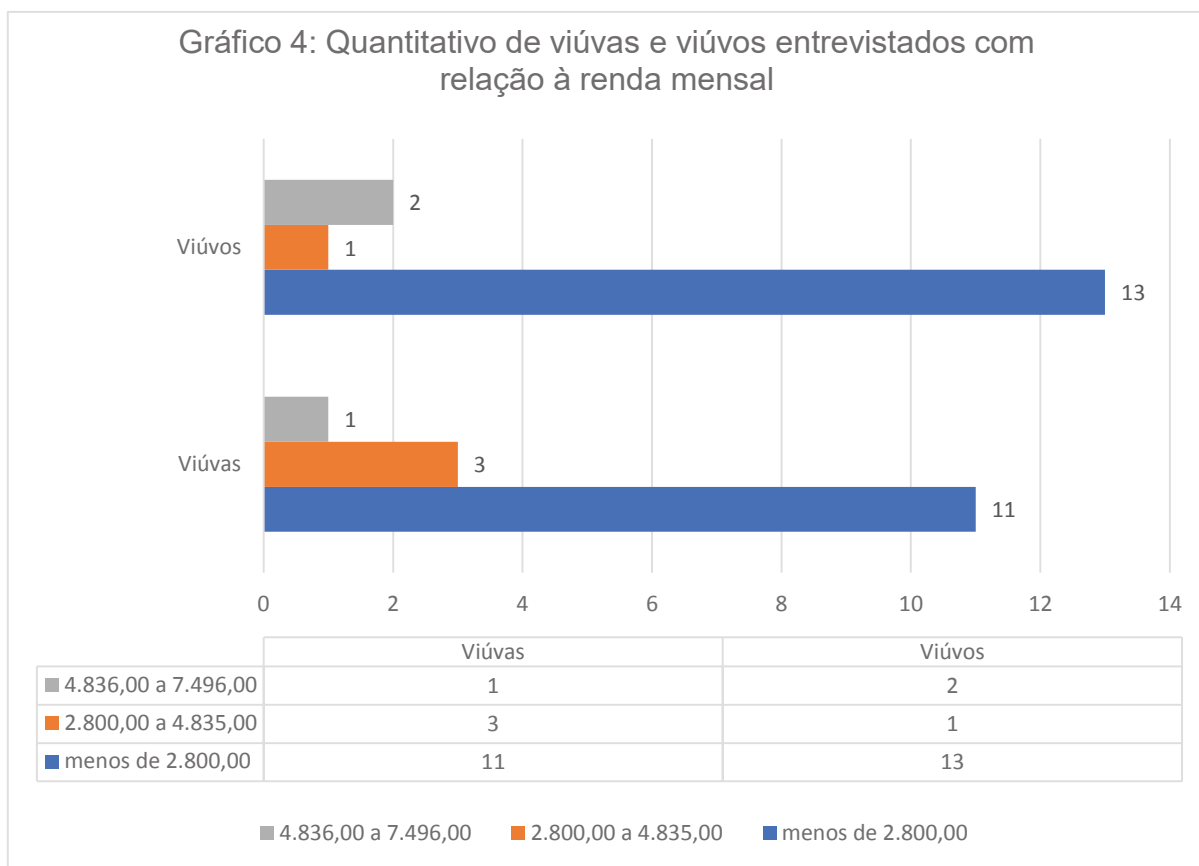
Fonte: dados da pesquisa de campo (janeiro a maio de 2018)

A análise do quadro acima permite visualizar que abaixo dos 70 anos, a viuvez feminina é mais frequente e a raça predominantemente autodeclarada por essas mulheres foi a branca. A partir dos 70 anos, o quantitativo de viúvas pardas e brancas foi o mesmo. Com relação aos homens, abaixo dos 70 anos os viúvos se declararam como brancos. Em contrapartida, a partir dos 70 anos, os viúvos se apresentaram em maior número, sendo que a raça branca e a negra apresentaram valores proporcionais.

Novamente pode-se correlacionar a idade com a baixa escolaridade, como sendo uma possível causa da dificuldade de autodeclaração quanto à raça dos participantes da pesquisa.

A renda mensal também é importante na definição do perfil socioeconômico dos pesquisados para possível relação desse dado com a questão da busca religiosa

para elaboração de seu luto. Nesse aspecto, o gráfico 4 demonstra a faixa de renda mensal das viúvas e viúvos entrevistados.

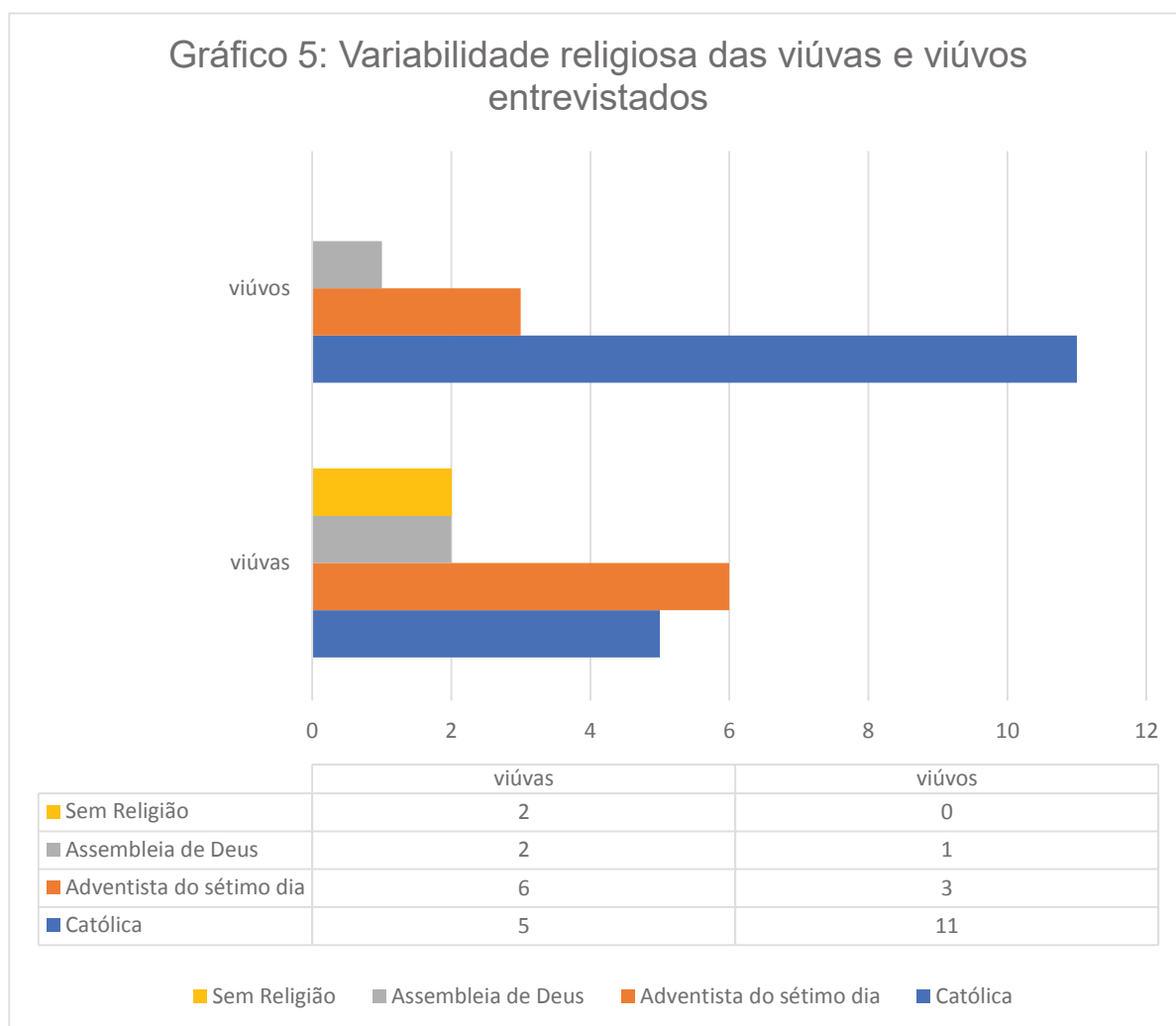


Fonte: dados da pesquisa de campo (janeiro a maio de 2018)

Esses dados indicam que a maioria dos viúvos entrevistados, independente do sexo, apresentam renda mensal abaixo de 2.800,00.

Souza (2011, *apud* SALES, 2017) mencionam que a religião nas classes populares, oferecem o que o Estado e algumas dessas famílias menos estruturadas não oportunizaram a eles, que são os sentimentos de confiança em si mesmos, autoestima, esperança e força de vontade para vencer as adversidades da vida. Nesse aspecto os dados desse estudo concordam com o que o autor apresenta, pois, a maioria das viúvas e viúvos entrevistados relataram crenças as religiosas como forma de suportar e superar a perda do cônjuge, conforme informações a seguir.

Sobre a religião professada pelos entrevistados, têm-se os dados indicados diferenciando a religião professada pelo entrevistado, com relação ao sexo. Isso é realizado no gráfico 5, logo em seguida.



Fonte: dados da pesquisa de campo (janeiro a maio de 2018)

O gráfico 5 possibilita a observação da predominância da religião Católica tanto no grupo de viúvos quanto no grupo de viúvas entrevistados, convergindo com os dados apresentados pelo IBGE (2010) já apresentado anteriormente no quadro 1, no qual, na cidade de Uruaçu, há predominância da religião católica. Com relação à religião Adventista do sétimo dia, as viúvas apresentaram um número maior que os viúvos. Na Assembleia de Deus, o quantitativo de viúvas foi maior que o dos viúvos. Por fim, duas viúvas se declaram sem religião, enquanto que não houve viúvos que manifestaram essa opção. Sob essa ótica, serão elucidadas as representações religiosas utilizadas pelos participantes dessa pesquisa, como recurso para a elaboração de seu luto.

O quadro abaixo insere a idade dentro da caracterização do perfil dos participantes, em relação ao sexo e a religião.

QUADRO 3: Perfil dos entrevistados em relação ao Sexo, Idade e a Religião.

	Sexo feminino	Religião	Sexo masculino	Religião
Faixa etária				
24 a 29 anos	1	sem religião		
30 a 34 anos				
35 a 39 anos	1	sem religião	1	Católico
40 a 44 anos	1	Adventista do 7º dia		
45 a 49 anos	1	Católica		
50 a 54 anos	1	Católica		
55 a 59 anos	2	Assembleia de Deus, católica	1	Católico
	1	Adventista do 7º dia		
60 a 64 anos	1	Assembleia de Deus		
	2	Católica e Adventista do 7º dia		
65 a 69 anos				
70 a 74 anos	1	Adventista do 7º dia	4	1 adventista do 7º dia e 3 católicos
			2	Católicos
75 a 79 anos	1	Católica	2	Católicos
			1	Católico
80 a 84 anos	1	Adventista do 7º dia	1	Católico
			1	Assembleia de Deus
85 a 89 anos			2	Adventistas do 7º dia
90 a 94 anos	1	Adventista do 7º dia		

Fonte: dados da pesquisa de campo (janeiro a maio de 2018)

Do quadro acima pode-se inferir que as viúvas entre 24 e 39 anos se declararam como sem religião, enquanto que o viúvo dessa mesma faixa etária informou ser católico. Com relação à idade entre 40 e 69 anos, as religiões variaram entre Católica, Adventista do Sétimo dia e Assembleia de Deus para as viúvas e para os viúvos, apenas um declarado como católico. Após os 70 anos, em ambos os sexos, as religiões mencionadas variaram entre a Católica, mais frequente nos viúvos, e a Assembleia de Deus e Adventista do Sétimo dia, sendo esta última, a mais frequente nas viúvas.

Estabelecido então o perfil sociocultural dos entrevistados, a continuidade da análise das viúvas e viúvos, participantes da pesquisa, perpassa pela apreciação das questões de gênero, uma vez que há uma evidente diferenciação nas representações sociais do masculino e feminino, sendo isso, destacado por Oliveira, Bragion e Magalhães (2011) ao mencionarem que correntes teóricas recentes, propõem a discussão sobre as relações de gênero, pelo pressuposto de que masculino e feminino

são criações culturais. Ancorados nisso, os autores complementam que essas relações devem ser analisadas, partindo-se da observação contextual, no qual são estabelecidas.

Assim, Lemos (2013) destaca o patriarcado como uma das características sócio-culturais históricas, que interage de forma dialética com a religião, enquanto sistema simbólico que contém e expressa o *ethos* de uma população. A autora Carolina Teles Lemos explica que a religião consiste em um elemento que estrutura o patriarcado, por seu método patriarcal de organização formal e também pela longa construção teológica sobre os lugares do masculino e do feminino nas relações sociais e religiosas.

Dessa forma as atribuições sociais masculinas e femininas são diferenciadas por Oliveira, Bragion e Magalhães (2011) em atividades consideradas femininas como reprodução, cuidado da família e as classificadas masculinas, como atividades destinadas à produção social, desenvolvidas no espaço público.

Sobre isso, Guedes e Daros (2009) explicitam que a maternidade e o zelo com os filhos são prescritos às mulheres, além do cuidado com a casa e o de ser guardiã do afeto e moral da família, sendo esses papéis assumidos, e se revelarem como forma de alienação nos mais diversos níveis. A mulher como cuidadora aparece como uma casualidade regulamentada, muitas vezes implicitamente, na divisão social do trabalho e nas estruturantes e antagônicas relações sociais de sexo, atuantes no campo social transversalmente e coexistentes em qualquer meio social.

A dualidade da correlação sexo e gênero é classificada por Pedreira (2008) como uma característica da sociedade moderna, desenvolvida no final do século XVII e durante o século XIX. Essa dualidade faz a aproximação do homem com a cultura, em que o masculino se ocupa com a produção de bens materiais e intelectuais no mundo público, e o feminino fica restrito à esfera privada, cuidando dos filhos e da casa. A moralidade feminina se contrapõe à masculina na medida em que a primeira se relaciona aos conceitos de bondade e auto sacrifício e a segunda com autonomia e desprendimento. A identidade feminina é norteadada, nesse contexto, por um padrão de responsabilidade e cuidado.

Esse papel materno, desempenhado pela mulher, segundo Lo Bianco (*apud* PEDREIRA, 2008) tem sofrido uma desestabilização atualmente, principalmente após a década de 1970. Há, portanto, outras atribuições, além da maternidade, para as mulheres, após a entrada feminina no mercado de trabalho remunerado, não sendo o

de mãe, o único disponível para a mulher. Todavia, é insuficiente afirmar que a saída das mulheres para o âmbito público seja um fator desestabilizante, pois, as mesmas continuam a desempenhar o trabalho não remunerado em seus lares.

Os papéis femininos, muitas vezes desconhecidos, são assimilados como inerentes ao gênero, constituindo um elemento das relações sociais cuja fundamentação está nas diferenças percebidas entre os sexos, consistindo no primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1994 *apud* GUEDES; DAROS, 2009).

Nesse âmbito das relações de poder, ainda que a realidade demonstre outras configurações familiares, Guedes e Daros (2009) elencam a família padrão, com pai, mãe e filhos, como a base do desenvolvimento da identidade de gênero e onde as crianças aprendem a “ser homens” e “ser mulheres”. Desse modo, a mulher é relacionada às faces identitárias de dona-de-casa, passividade, maternidade e afetividade. Já para o homem, as características atribuídas são de investigador, profissional, agressivo, racionalista e pouco detalhista.

Além disso, Torrão Filho (*apud* OLIVEIRA; BRAGION; MAGALHÃES, 2011) acrescenta que a diferenciação de sexos são características da identidade do feminino e do masculino, uma vez que os homens são criados para serem vigiados, no sentido de manterem sua masculinidade, e as mulheres como criaturas femininas e submissas.

No contexto da viuvez, para Bowlby (2002) as reações emocionais e psicológicas à perda de um cônjuge, são muito semelhantes entre as viúvas e viúvos. Entretanto, o autor enfatiza que a diferença, nesses casos, fica por conta da liberdade de expressão dessas emoções e as formas de enfrentamento da ruptura sofrida na vida social e de trabalho.

A sociedade focaliza mais a viuvez feminina, pouco comentando sobre a viuvez masculina e a representação da perda da companheira para este homem (TORRES, 2006). Conforme já mencionado anteriormente, há uma maior susceptibilidade histórica da mulher, em relação à viuvez, em decorrência da violência pública e privada, desde a época da antiguidade romana, sendo isso ressaltado por Lago-Falcão (2009). Motta (*apud* TORRES, 2006) complementa que a repercussão social da viuvez masculina é tranquila, pela pouca mudança que ocorre em seu modo de vida, uma vez que geralmente o viúvo se casa novamente. Logo os conceitos e

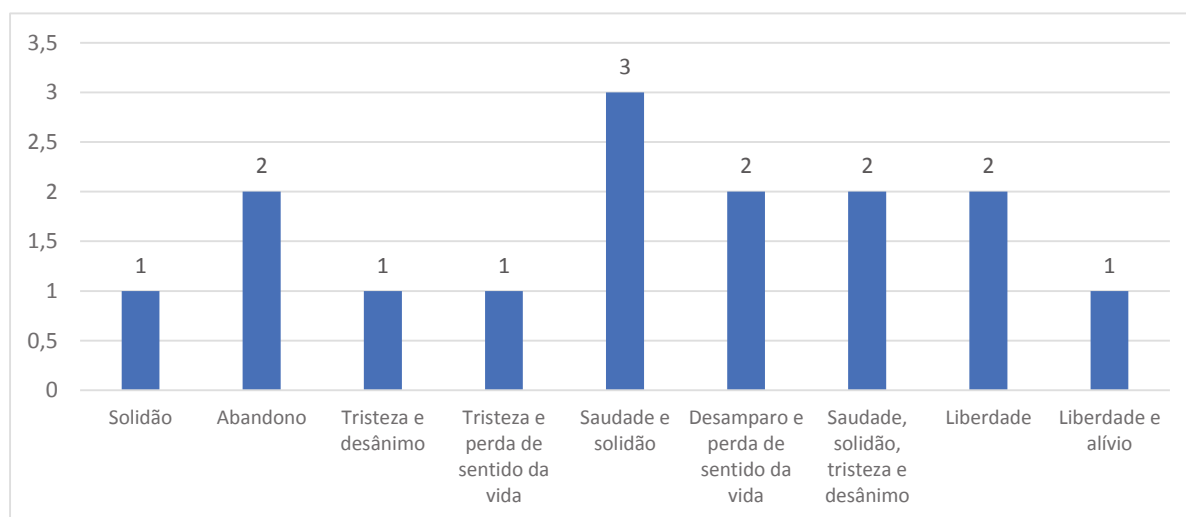
concepções na construção do ser homem ou mulher na sociedade, serão influenciados por questões históricas e sociais, de forma significativa.

Sobre essas questões de gênero, Torres (2006) ressalta que são visíveis quando o assunto é a perda do cônjuge, principalmente nos quesitos referentes às diferenças na formação do vínculo afetivo. Isso perpassa pelo tipo de convivência que essas pessoas tinham com seus parceiros antes da viuvez, o que reflete direta ou indiretamente no processo de elaboração do luto.

Nesse sentido, Both, Alves e Teixeira (2012) mencionam que a experiência da perda pela morte do cônjuge apresenta-se de forma distinta que depende de fatores e sentimentos como o vínculo com o parceiro e o tempo de convívio entre eles. Outrossim, segundo Galiciole, Lopes e Rabelo (2012) o convívio do casal influencia no sentimento em relação ao cônjuge durante o período do luto e pós-luto, de forma diferenciada.

Sobre esse assunto, o gráfico 6 aponta os tipos de sentimentos despertados nas viúvas após a morte do cônjuge.

Gráfico 6: Quantitativo de viúvas em relação aos sentimentos despertados após a morte do cônjuge



Fonte: dados da pesquisa de campo (janeiro a maio de 2018)

O gráfico acima permite verificar que os sentimentos predominantes nas viúvas após o falecimento de seus companheiros foi o de solidão e saudade, além dos classificados como opostos, como os de liberdade e alívio.

O que se pôde apreender desse aspecto, nas entrevistas, foi a dificuldade dessas mulheres elegerem apenas um sentimento. Verificou-se que há um misto de emoções que circundam esse acontecimento, de modo que ao se observar o gráfico 2, houve uma proporcionalidade entre sentimento de tristeza, solidão, perda de sentido da vida, assim como os de desamparo, saudade e abandono.

Galicioli, Lopes e Rabelo (2012) indicam que para a suavização do luto, os cônjuges revivem as situações felizes, desenvolvem a sensação de proximidade com o falecido, pela criação de uma imagem idealizada tanto deste, quanto do casamento. Essa ideia converge com este estudo no qual a maioria das viúvas mencionaram que tinham bom relacionamento com os esposos. Algumas narrativas expõem a representação idealizada do esposo, uma vez que informam nunca haver discussões durante o convívio, e em seguida, afirmarem que desavenças eram comuns, e são atitudes características de um casamento.

Abaixo, o relato de uma viúva que sentiu saudade e solidão pela morte do companheiro, e que exemplifica o que foi afirmado sobre o convívio com seu esposo, cuja morte ocorreu de forma repentina:

“Ah era bem tranquilo. Nunca tive problema com ele não. A gente ficou 10 anos juntos, nunca brigamos, não tinha discussões. Meus meninos mesmo não sabe o que é discussão entre pai e mãe. As vezes a gente falava mas era longe, mas briga nunca teve”

(E15, feminino, 45 anos, 18 anos de viuvez, especialização)

Outra narrativa de uma viúva, com quarenta e oito anos de casada, que perdeu seu esposo repentinamente, evidencia os sentimentos de saudade, solidão, tristeza e desânimo, demonstrando essa representação idealizada do matrimônio, apesar das dificuldades no relacionamento cotidiano.

“Nós nos dávamos bem, mas tinha os altos e baixos, todo casal tem né. Só que nós sabíamos superar. Tínhamos nossas divergências, mas a gente conseguia superar. Meu relacionamento era bom”.

(E5, feminino, 72 anos, 2 anos de viuvez, magistério)

Observa-se nas narrativas acima, que quando o relacionamento com o esposo é avaliado positivamente, os sentimentos desencadeados pela morte repentina do companheiro, são relacionados ao sofrimento e à dor.

Contra-pondo-se a isso, a Organização Mundial de Saúde (*apud*, SANTOS; COSTA, 1999) ressalta que as mulheres estão mais propensas a sofrerem violência em ambientes domésticos e familiares, considerando a violência como uma forma de coação de uma pessoa sobre a outra, que não apresenta capacidade de defesa. Nesse aspecto, a maneira como a morte do cônjuge é encarada, é influenciada diretamente pela relação de violência desenvolvida pelo casal, sendo, portanto, muitos os aspectos que interferem na forma como homens e mulheres encaram a viuvez.

Há, quanto a isso, convergência com o que foi encontrado nesse estudo, pois duas viúvas relataram o sentimento de liberdade e uma viúva sentiu liberdade e alívio, podendo isso ser observado na fala da entrevistada, que tinha quatorze anos de casada, cujo companheiro também morreu repentinamente:

“Nóis se dava bem, só que ele bebia muito sabe, e aí ele fez foi morrer enforcado, ele tinha problema de cabeça, os miolos foi secando e deu pra ele enforçar. Ele era ótimo. Não me batia. Só um dia que ele tava nervoso assim, que eu fui pegar a (filha) pra bater ele avançou ni mim né. Mais um pouco ele tinha me pegado. Eu sofri muito”.

(E2, feminino, 59 anos, 24 anos de viuvez, 7º ano)

No depoimento acima, inicialmente ela comenta que tinha boa convivência com o esposo. Porém, no decorrer do relato, se observa que a relação era tensa, marcada por violência, fato esse que corrobora com os sentimentos de liberdade e alívio despertados nela, após seu esposo falecer.

Nesse contexto, Motta (2002) corrobora com o que foi afirmado pelas viúvas, posto que se refere à viuvez como um período repleto de ambiguidades e ambivalências, vivenciado em sua maioria, por mulheres.

Conforme já mencionado, a ausência do esposo, pode ainda, ser considerada uma libertação da escravidão física e psíquica interpretada por King (*apud* TORRES, 2006) como uma *ocasio libertatis*, ou seja, a libertação de uma escravidão física e psíquica determinada pelo marido. Em outros termos, é uma libertação da opressão imposta pelo marido, dando-lhes a oportunidade de expressar seus sentimentos e opiniões.

Nessa vertente, a entrevistada que relatou sentir liberdade após a morte do esposo descreve o seguinte, sobre sua relação de quatro anos com o esposo que faleceu de forma repentina:

“Tinha muitas brigas, o tempo todo. Ele me humilhava, me mandava embora de casa. Mas eu tinha minha filha pra cuidar”.

(E28, feminino, 26 anos, 3 anos de viuvez, ensino médio)

Observa-se acima, a relação de dependência financeira que entrevistada tinha com o marido, e isso, mesmo com as humilhações e subjugação, a impedia de sair da relação conjugal, de modo que se sentiu liberta após o falecimento de seu companheiro.

Isso corrobora com Torres (2006) a qual explana que sob a perspectiva de que o casamento institui um sistema de obrigações e direitos mútuos entre as pessoas e apresenta poder de criar laços que geram influências na vida daqueles que dele fazem parte. Assim, afirma que a vivência matrimonial influencia diretamente os sentimentos de luto durante a viuvez. Se havia agressões, infelicidade, isolamento de pessoas queridas ou parentes e repressão, esta condição será aceita com maior facilidade, sendo encarada como uma forma de independência, liberdade, podendo até chegar ao alívio com a morte do marido. Complementado, Worden (1998) enfatiza que se na relação conjugal houvesse violência do tipo autoridade machista, com repressão psicológica, agressões verbais ou físicas, chegando ao abuso sexual, o sentimento da perda é mais complexo chegando a tristeza, ou não, mas certamente marcado pela frustração e ressentimentos.

No contexto relativo a novos casamentos, Torres (2006) pontua que a perda do cônjuge nos idosos, altera seu padrão de vida e a possibilidade de um novo amor. A autora complementa que a viuvez é um fenômeno predominantemente feminino e novos casamentos após a morte do cônjuge é um fato de maior ocorrência em viúvos.

Isso converge com o presente estudo, haja vista que os novos casamentos foram mais predominantes, no universo dos entrevistados, em viúvos. Nesse aspecto, os dados da pesquisa demonstram que três viúvas contraíram novo relacionamento, em comparação a dois viúvos que aceitaram se casarem novamente, e dois que assumiram novos relacionamentos, porém, separaram-se na sequência, pela incompatibilidade entre eles e as novas companheiras.

Sob essa óptica, duas viúvas relataram terem se casado novamente e uma mencionou ter um “namorado”. Assim, a última afirma:

“Digamos que eu, é um namoro, como diz as minhas amigas. Depois de 9 anos eu arrumei esse companheiro. Aconteceu por acaso, nem ele queria casar, nem eu, e acabou que a gente foi ficando e ficando e a gente tá junto até hoje, né.”.

(E15, feminino, 45 anos, 18 anos de viuvez, especialização)

A décima terceira pessoa entrevistada, viúva, aponta a necessidade de seguir em frente e construir uma nova família, conforme diz quando perguntada se casou novamente:

“Sim. Depois de uns 3 anos. Então hoje já tô a 31 anos que casei de novo. Falei vou ter outra família, vou ter meus filhos, seguir minha vida, não adiantava eu ficar pelejano que não ia voltar. Depois de 3 anos eu falei, é, vou seguir minha vida, porque esse aí não adianta”.

(E13, feminino, 53 anos, 36 anos de viuvez, 5º ano)

Cinco viúvas apontam que nunca sentiram o desejo de um novo casamento. A esse respeito, Bowlby (1998) afirma que algumas mulheres sentem continuamente a presença dos esposos, tendo neles, pensamentos permanentes. Muitas vezes, o falecido é visto como uma companhia que segue os passos da pessoa enlutada. Provavelmente, essa atitude de apêgo ao cônjuge falecido, leva à preservação dos sentimentos de liberdade, que se tornam capazes de promover a organização de suas vidas. Abaixo têm-se a afirmação de duas delas, que ilustram esse contexto:

“Não. Nunca senti vontade de casar de novo. Sinto falta dele. Outro não ficar no lugar dele”.

(E3, feminino, 83 anos, 6 anos de viuvez, 8º ano)

“Não, casei não. Nunca quis não. Nunca interessei”.

(E7, feminino, 60 anos, 16 anos de viuvez, 3º ano)

As três viúvas que não tinham um casamento harmonioso, o qual era marcado por brigas e desavenças afirmaram enfaticamente que se segue, ao serem questionadas se casaram novamente:

“Não, por agora não pretendo. Tô me sentindo bem desse jeito que tô”.

(E28, feminino, 26 anos, 3 anos de viuvez, ensino médio)

“Não, nunca casei mais. Nunca tive interesse em casar não”.

(E2, feminino, 59 anos, 24 anos de viuvez, 7º ano)

“Nem quero pensar nisso sô”.

(E29, feminino, 76 anos, 2 anos de viuvez, 5º ano)

A viúva entrevistada abaixo apresenta o sentimento de resignação com a perda do companheiro, acreditando ser a vontade de Deus, assim dizendo:

“Não casei. Eu penso assim, né. Deus me deu, Deus me levou”.

(E10, feminino, 56 anos, 4 anos de viuvez, 5º ano)

A décima primeira entrevistada, viúva, após a morte do esposo, o idealizou como homem, e isso a impediu de aceitar um novo companheiro, pois acredita que seja muito difícil existir outro, como seu falecido. Assim afirma:

“Não, não achei uma pessoa ideal que podia substituir meu marido, é difícil, isso eu nunca vou encontrar, né. Para ter aqueles, as qualidades dele, logicamente, todos nós, temos nossos defeitos e qualidades. Então a gente guarda as lembranças boas. Não encontrei uma pessoa certa”.

(E12, feminino, 41 anos, 3 anos de viuvez, 4º ano)

A preocupação com o julgamento social impediu a viúva abaixo de aceitar um novo companheiro, de forma que relata o seguinte:

“Não. Agora eu acho que já bem assim, já bem de idade né, já tem neta moça, parece que num pega bem casar de novo. Parece que num pega bem. No começo eu tinha muita vontade. Agora não. Parece que num dou conta de zelar de um companheiro mais”.

(E14, feminino, 57 anos, 9 anos de viuvez, não estudou)

A quinta entrevistada, viúva em questão, afirma estar solitária e por isso cogitar um novo casamento, porém em seguida expressa a negativa de um novo casamento. É nítido, seu de medo de se casar novamente e não encontrar a companhia esperada. Nesse sentido relata:

“Não casei. Até pensava. Me senti muito sozinha. Assim a noite por exemplo é muito ruim, mas acho que não vou casar não”.

(E5, feminino, 72 anos, 2 anos de viuvez, magistério)

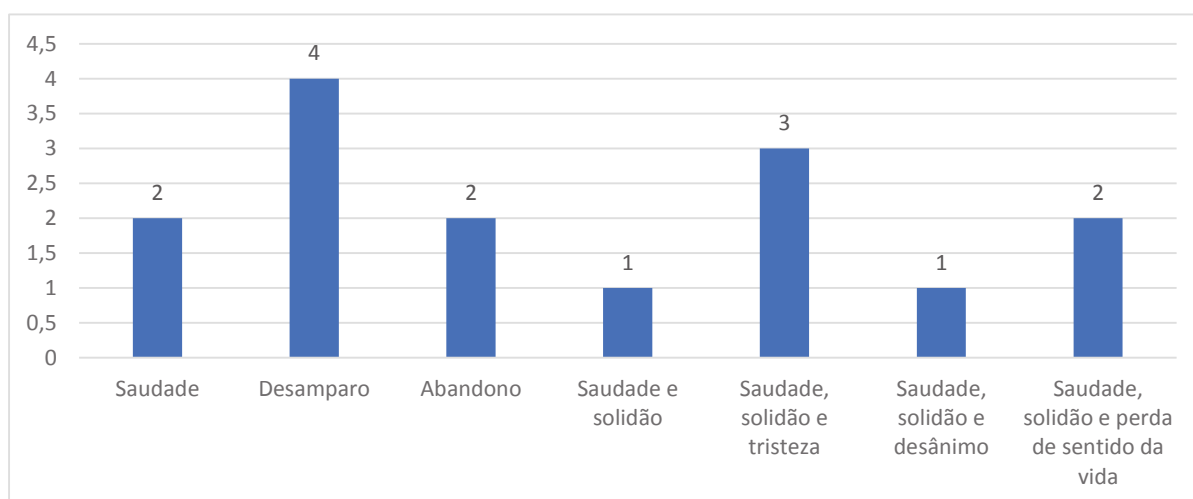
As narrativas evidenciam as formas de representação do homem, referidas pelas viúvas tendo em vista seu convívio enquanto o esposo estava vivo. O marido

que era agradável, mesmo que tivessem seus desentendimentos durante o convívio matrimonial, sendo este, avaliado positivamente, é representado por sua falta, pelos sentimentos de saudade, solidão, tristeza, desânimo, desamparo e perda de sentido para a vida. A maioria dessas viúvas, por diversos fatores, incluindo o bom convívio que tinham com seus esposos, julgamento social, idealização do companheiro, medo de não encontrarem o parceiro imaginado, ou pela crença de que o esposo era o único, enviado a ela por Deus, não se interessaram a contrair um novo matrimônio.

Entretanto, as mulheres que tinham maridos abusivos, violentos e repressores, representaram menos falta a elas, sendo isso expressado pelos sentimentos de liberdade e alívio, após a morte de seus cônjuges. O fato de serem oprimidas à época do casamento, as deixaram tão libertas e aliviadas, a ponto de não sentirem o desejo de estarem novamente “presas” em um novo casamento.

Dando sequência, analisa-se a questão dos sentimentos despertados nos viúvos após a morte da esposa no gráfico 7, logo abaixo:

Gráfico 7: Quantitativo de viúvos em relação aos sentimentos despertados após a morte do cônjuge



Fonte: dados da pesquisa de campo (janeiro a maio de 2018)

O gráfico 7 permite a análise dos sentimentos despertados nos viúvos após a morte das esposas.

Observa-se que os viúvos, assim como as viúvas, também apresentaram a miscelânea de sentimentos, à época da morte da esposa, o que dificultou sua seleção de apenas um afeto. Outrossim, a predominância dos sentimentos relatados pelos

viúvos diverge daqueles mencionados pelas viúvas. Elas indicaram saudade e solidão, enquanto que os viúvos destacaram o desamparo como o mais citado em suas entrevistas. Outra divergência com relação aos sentimentos das viúvas, é que nenhum viúvo indicou liberdade e alívio pela perda da companheira, podendo isso retratar a supremacia masculina sobre a feminina, que já foi retratada anteriormente por Guedes e Daros (2009) os quais enfatizaram a submissão feminina, a ponto destas, não apresentarem ameaça à liberdade desses homens à época de casados.

Assim, o desamparo pela perda de sua esposa, representada como sua cuidadora é pontuado por diversos viúvos, sendo isso ilustrado abaixo, pelo relato de um deles que viveu um matrimônio de trinta e quatro anos, cuja morte da esposa foi esperada:

“Vivia muito bem, nesse ponto não posso clamar, não, foi boa esposa, boa mãe, nesse sentido eu não tenho o que clamar, eu vivi esses 34 anos muito bão (...). Eu senti desamparado, ela cuidava muito bem de mim”.

(E23, masculino, 72 anos, 13 anos de viuvez, 4º ano)

O viúvo acima expressa muita emoção, a ponto de chorar pela lembrança da perda da esposa, relatando que a época foi muito difícil, por que estava passando por um problema de saúde, com a fratura de um dos braços. Além disso, seus três filhos só contavam com o apoio dele, uma vez que não podia recorrer à sua mãe, pois esta já havia falecido e nem ao seu pai, que também estava passando por problemas de saúde. Essa narrativa justifica o sentimento de desamparo expresso por esse participante da pesquisa

Os viúvos entrevistados pontuam o fato de as esposas serem suas cuidadoras e também as organizadoras da casa e das roupas. Isso corrobora com Durkeim (2000) quando menciona que a viuvez é mais penosa para o homem que para a mulher, pois este se beneficia muito mais com os cuidados da mulher organizadora do lar.

Isso converge com Papalia (*apud* TORRES, 2006) quando indica que os viúvos idosos são mais inclinados a um novo casamento que as viúvas idosas, pela possibilidade de a nova esposa ter idade inferior a falecida e pelo fato de serem supridos com o cuidado de suas necessidades domésticas

Retomando as informações de Lago-Falcão (2009) sobre recasamentos de viúvos, a autora também indica que a maior parte deles se casa novamente, geralmente com mulheres mais novas que a esposa falecida.

O que se obteve de resultado, nesse estudo quanto a isso, foi divergente de Lago-Falcão (2009) e Papalia (*apud* TORRES, 2006), uma vez que a minoria dos viúvos entrevistados nessa pesquisa, assumiram novo relacionamento. Em relação a isso, apenas dois viúvos relataram ter se casado novamente e receberem o apoio doméstico aceitável para sua sobrevivência.

“Casei sim, depois de 3 anos”.

(E1, masculino, 70 anos, 3 anos de viuvez, 5º ano)

“Casei, depois de 2 anos e 4 meses”.

(E16, masculino, 59 anos, 11 anos de viuvez, superior)

Dois viúvos disseram ter iniciado uma nova relação afetiva, porém, não conseguiram chegar à estabilidade e à continuidade de um relacionamento duradouro, conforme segue.

“Depois de dois anos eu arrumei outra muié, mas ela não ficou cumigo. Quis imhora, e eu deixei ela ir”.

(E20, masculino, 77 anos, 14 anos de viuvez, não estudou)

“Casei não. Porque num arranjei uma cumpanheira que deu certo. Eu até morei cum outra muié uns 5 mês, mas num casei não”.

(E8, masculino, 71 anos, 9 anos de viuvez, não estudou)

Recorrendo às informações sobre viuvez masculina, Lago-Falcão (2009) cita os estudos de Brito da Mota, nos quais os homens, após a perda de suas esposas, ficam sob os cuidados de mulheres da família ou são completamente abandonados, concordando com o presente estudo. Nesse aspecto, dois viúvos indicam que o fato de não se casarem novamente, se deu pelos cuidados recebidos das filhas conforme relatos abaixo:

“Não casei de novo não. Minha filha cuida de mim, lava, passa. Se eu não tivesse minha filha talvez eu arriscava casa de novo”.

(E6, masculino, 85 anos, 6 anos de viuvez, 3º ano)

“Não, nunca casei, não. Eu num posso casar mais, na idade que eu já tô, eu tenho que ficar é quieto e não posso, que aí eu vou caçar trabalho tanto pra esposa quanto pra mim, né, coisa pior, né. Mesmo se não tivesse minhas filhas pra cuidar de mim, seria só eu mesmo”.

(E11, masculino, 83 anos, 3 anos de viuvez, 3º ano)

O viúvo acima que recebe os cuidados das filhas, ressalta o fato de já ter idade avançada para um novo casamento.

O vigésimo segundo entrevistado, viúvo, enfatizou o que lhe impediu de se casar novamente foi o medo de ter os filhos maltratados por outra esposa, conforme suas palavras abaixo:

“Não, por que tem filho fica viúvo, aquela outra, nunca se compara a própria mulher. Então quer levar os filhos igual a cangaço, eu não concordo. Mais antes viver sozinho que mal acompanhado”.

(E22, masculino, 76 anos, 39 anos de viuvez, 3º ano)

O mesmo, tem sua casa organizada pelas filhas, além do preparo de sua alimentação e cuidados com as roupas. Porém, na entrevista, ele menciona que mesmo se não tivesse ajuda das filhas, não se casaria novamente para ter ajuda doméstica. Ele diz que faria o que fosse possível e que pagaria uma pessoa para a realização dessas tarefas para ele.

A viuvez nos idosos é mencionada, mais uma vez, por Torres (2006) destacando que o cuidado de seus filhos e entes queridos, são os responsáveis pelo preenchimento do vazio deixado pelo cônjuge.

O viúvo abaixo citou um provérbio, segundo ele, de Salomão, para justificar seu medo de assumir um compromisso com uma mulher que seja provocadora de brigas, conforme abaixo:

“Não casei e não senti vontade de casar de novo por que é muito arriscado. O Sábio Salomão cê sabe o que eu ele falou? É mais antes você viver num cato de água furtada do que com uma mulher rixosa. Então eu tenho medo de arrumar uma mulher rixosa. Cê vai morrer mais rápido.

(E4, masculino, 88 anos, 3 anos de viuvez, alfabetizado)

Houve também um viúvo, nono entrevistado, que relata estar namorando, porém sem desejo de se casar novamente, pelas lembranças que guarda da esposa falecida, uma vez que tem a vontade de estar é com ela. Esse sentimento se fortalece por não precisar da namorada para os cuidados com o filho, pois o mesmo recebe ajuda de seus pais para isso. Nesse sentido, diz:

“Não, casei não. Casar, casar, eu queria casar é com ela, né, eu queria viver é com ela, assim, Deus levou né, então, assim, pra mim casamento hoje né. Tenho

minha namorada e tudo, mas também minha mãe, me ajuda, meu filho fica lá com a vó dele, meu pai, minha irmã me ajuda muito né”.

(E9, masculino, 38 anos, 2 anos de viuvez, 6º ano)

O viúvo entrevistado de número dezessete, afirma não pensar em casamento. Porém sua fala abaixo não descarta essa possibilidade:

“não, e não tô pensando em casá por agora não”.

(E17, masculino, 75 anos, 8 meses de viuvez, não estudou)

Para o viúvo abaixo, sua idade já está avançada para se casar novamente. Assim relata:

“Não senhora e nem num quero. A gente já tá de idade e arrumar uma pessoa pra sofrer sozinho é muito ruim”.

(E18, masculino, 74 anos, 10 anos de viuvez, não estudou)

O viúvo cujo relato segue, acha que os casamentos na contemporaneidade estão estranhos no sentido de as mulheres da atualidade não serem mais como antes, submissas e passivas.

“Não, não quis casar não. Hoje casamento tá um trem muito esquisito”.

(E19, masculino, 72 anos, 17 anos de viuvez, não estudou)

A instituição familiar na sociedade, segundo Torres (2006) está presente desde as primeiras organizações humanas, fato este, que pode ser observado em livros antigos como a Bíblia, a qual relata sobre a sagrada família. A família é considerada pela igreja como uma instituição permeada de valores e princípios, unida por laços socialmente reconhecidos, capazes de influenciar várias pessoas e segmentos da sociedade. Além disso, considera o matrimônio, como sacramento capaz de exercer grande poder sobre as pessoas. Ancorado nisso, o viúvo abaixo entende que o casamento seja eterno, por ser um sacramento unido por Deus, conforme informa:

“Não, porque eu acho que casamento é um só. Deus uniu duas pessoas, eu acho que tem que ser para sempre”.

(E23, masculino, 72 anos, 13 anos de viuvez, 4º ano)

Ao serem questionados sobre novo casamento, dois viúvos apresentaram a opinião de não estarem dispostos mais passar por essa experiência, segundo declaram:

“Não, pra morar dentro de casa eu não quero é mais nunca”.

(E25, masculino, 72 anos, 3 meses de viuvez, não estudou)

“Não, eu num quis nada”.

(E21, masculino, 80 anos, 19 anos de viuvez, não estudou)

As entrevistas dos viúvos evidenciam a representação da mulher, com base na convivência com suas esposas, quando estas, ainda estavam vivas. As companheiras, em geral, são avaliadas positivamente por todos os viúvos, mesmo que relatassem algumas dificuldades de convívio e relacionamento entre eles. Os viúvos declaram os sentimentos de tristeza, saudade, solidão, perda de sentido da vida, abandono, além do desamparo, já explorado nos depoimentos transcritos.

Nesse sentido, as representações femininas para os viúvos, se fazem sob o aspecto da mulher cuidadora, organizadora, mãe, promotora nômica do lar, sendo essas representações, as mais que mais fizeram falta para os homens, participantes desta pesquisa.

Os motivos pelos quais a maioria desses viúvos não aceitaram assumir uma nova relação, diverge dos motivos das viúvas, relatados anteriormente. Eles indicam que não contrairiam um novo matrimônio por medo de ter os filhos maltratados pela outra companheira, temor de escolher uma mulher rixosa, e não estarem mais dispostos a dividirem a mesma casa com outra esposa. Além desses, a idade avançada, a impossibilidade de aceitar outra mulher no sacramento abençoado por Deus, e a vontade de ser casado somente com a esposa falecida. Há ainda um motivo a ser ressaltado, sendo ele, o fato de alguns receberem os cuidados das filhas para as suas necessidades domésticas. Vale evidenciar, nessa questão, que todos os filhos que cuidam dos pais viúvos, são do sexo feminino, o que corrobora as informações de Pedreira (2008); Guedes e Daros (2009) ao mencionarem o cuidado, como uma atribuição do sexo feminino. Em outras palavras, não foram relatados filhos do sexo masculino, como sujeitos responsáveis pelos cuidados domésticos de seus pais viúvos.

Enfim, as representações femininas e masculinas na viuvez se diferenciam com relação aos sentimentos despertados após a morte do cônjuge, sendo influenciados diretamente pelo tempo e tipo de convivência que o casal tinha quando eram casados e pelas circunstâncias da morte do companheiro. Foi observada a repercussão desses fatores, na disponibilidade dessas viúvas e viúvos em assumirem novos relacionamentos.

A sequência desse estudo, fica por conta de esclarecer sobre a influência da religião, na elaboração do luto, como recurso de superação da perda do cônjuge falecido.

3.1 RELIGIÃO COMO ESTRATÉGIA DE ELABORAÇÃO DO LUTO DECORRENTE DE VIUVEZ

Na abordagem das viúvas e viúvos entrevistados, analisou-se a correlação da religião no processo de elaboração do luto, indagando-se sobre a contribuição da religião nesse contexto, uma vez que Berger (1985, p.40) informa que a influência estratégica da religião representa a auto-exteriorização do homem quando este imprime seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião é ainda uma tentativa de o universo inteiro apresentar significado humano.

A análise ocorreu no sentido de conhecer quais estratégias foram utilizadas para alcance do consolo e superação da dor da perda do companheiro ou companheira, considerando que a religião conforme Maciel (2015) é uma parte integrante da cultura, que funciona com um fator estruturante das relações sociais e conseqüentemente nas relações de gênero.

O consolo, conforme Kovács (1992, p. 13) apresenta relação direta com a saúde vital do ser humano. Nesse sentido, a elaboração do luto, em seu aspecto religioso torna-se indispensável à uma espiritualidade integral e saudável.

A religião é então, mencionada por Costa, Gottlieb e Moriguchi (2012) como um fator de satisfação e promoção de sentido para a existência, utilizada para superar as crises, traumas e eventos estressantes da vida. Nesse contexto Carvalho (2006) acrescenta que a superação do luto por pessoas que possuem crenças religiosas é muito mais rápida e completa quando comparada com aquelas que não as tem.

Nessa esteira de análise, Farinasso (2011) em seu estudo feito com viúvas idosas, observou que a religiosidade e espiritualidade consistem em um sistema organizado, no qual existe aprendizado e confiança. Além disso, facilitam as novas relações, sendo importantes para as idosas no processo de superação da morte de seus companheiros.

Assim, a religião e a espiritualidade, conforme Gonçalves e Bittar (2016) são reconhecidamente importantes no apoio ao luto. O sofrimento e a morte são teorizados pelas tradições religiosas e espirituais de modo a gerar sentido e estratégias de enfrentamento delas. Há uma relação entre a espiritualidade e a esperança, pela capacidade de diminuir a angústia trazida pela morte.

Sobre o mesmo aspecto, Galicioli, Lopes e Rabelo (2012) complementam que a religiosidade e espiritualidade podem ser elencadas como recurso cognitivo, emocional e comportamental para enfrentar uma situação difícil, suavizando os impactos negativos e facilitando as perdas. Ademais, pode atuar como fator motivacional na busca de um sentido para a vida. Abordando a espiritualidade, especificamente, os mesmos autores acrescentam que contribui para o enfrentamento do luto, devido às crenças espirituais induzirem o indivíduo a uma melhor narrativa de suas perdas, ajudando-o a focar nos eventos espirituais, diminuindo o apego em ocorrências físicas e terrenas.

Dessa forma, retomando as características da religião, Geertz (1978) explicita que a mesma embasa a ação humana em suas exigências mais específicas, nos contextos mais gerais de sua existência. Os elementos valorativos de uma cultura são designados pelo termo “*ethos*” e os aspectos cognitivos e existenciais como “visão de mundo”. A fusão de “*ethos*” e da “visão de mundo” propiciam ao conjunto de valores sociais, o necessário para serem coercitivos a aparentarem objetividade.

Diante disso, Berger (2013, p. 186) adiciona que a religião para deve ser explicada considerando as crenças no sagrado, uma vez que abrange não só a existência humana como também sua capacidade de proporcionar sentido e ordem em um mundo confuso.

Por conseguinte, a relação dos princípios contidos em crenças religiosas e a explicação sobre o curso da existência do ser humano, segundo Farinasso (2011) são capazes de facilitar ao enlutado a compreensão de sua história pessoal para a utilização desse contexto na facilitação da resolução do luto.

Outrossim, partiu-se do pressuposto de que as experiências religiosas ajudam na elaboração do luto, por proporcionarem, de alguma forma, apoio, consolo e sentido nesse período pelo qual passam, ou, passaram.

Com relação a isso, os questionamentos foram feitos no âmbito da vivência religiosa, desconsiderando a religião em seu aspecto institucional, uma vez que não é a análise de doutrinas e dogmas religiosos, o objetivo desse estudo.

Diante dessa concepção, Suzuki, Silva e Falcão (2012) mencionam a definição da religião perpassando pela crença na sobrenaturalidade de um poder, capaz de criar e controlar o universo. Assim, a religiosidade se refere ao indivíduo pautado na crença e prática de uma religião. O enfrentamento religioso no luto é importante por sua capacidade de fornecer significados permeados por crenças religiosas, sistemas éticos e morais, aos acontecimentos da vida. Ademais, há uma associação desse enfrentamento com práticas religiosas e organizacionais como orações, preces, leitura de textos sagrados e outros.

Nota-se, portanto, que várias são as ações relativas ao âmbito religioso, que ajudam nesse momento de perda por morte do cônjuge. No estudo de Lago-Falcão (2009) a ligação com o sagrado está presente tanto em viúvas quanto em viúvos, assim, homens e mulheres pensam e falam em religião na mesma proporção.

Nesse sentido, o sagrado para Fabien (2015) sob o aspecto normativo, pode designar “tudo que desperta no ser humano um sentimento de respeito e de temor, mas sobretudo de conformidade”. O sagrado como conceito e princípio imanente ocupa o lugar central no conjunto de valores como normas, códigos, símbolos, costumes, regras de conduta, etc, que são interiorizados dos diversos valores sociais e socializantes da cultura circunvizinha, pelos indivíduos.

Assim, a socialização é definida por Rocher (1971, p. 12-20) como o processo em que se adquire valores sociais e culturais, como forma de integrar, à personalidade, uma cultura circunvizinha ou exterior, objetivando a adaptação ao ambiente social. É adquirida no meio social, por um conjunto de mecanismos sociais implementados pelos agentes, que são instituições sociais, atores sociais, meio social, os quais promovem a intersecção entre o ser individual e o ser social.

Na perspectiva de que o indivíduo seja um ser social, a função mais importante da sociedade segundo Berger (1985, p.35) é a nominação, ou seja, impor uma ordem significativa à realidade pressupondo ordenar a construção do mundo. Estar separado

da sociedade é perigoso, pois deixa o indivíduo em mundo sem sentido, desorganizado, incoerente e louco e destituído, levando o indivíduo a preferir a morte.

Considerando o exposto, Berger (1985, p. 60, 63) complementa que estrutura de plausibilidade se refere à base social para o mundo continuar existindo após ocorrer uma ameaça da realidade objetiva e subjetiva devido aos processos sociais serem interrompidos. A perda da estrutura de plausibilidade estremece o mundo cristão e a sua realidade deixa de ser verdade absoluta. Quando a estrutura de plausibilidade é ameaçada, faz-se necessário o desenvolvimento de legitimações mais complexas para a manutenção do mundo. A existência do indivíduo no mundo religioso depende da inserção dele no contexto social mantido pela plausibilidade, ou seja, a separação do indivíduo do seu mundo religioso plausível pode provocar anomia.

Desta forma, segundo Fabien (2015) a socialização não se concretiza, sem a transformação realizada sob responsabilidade do sagrado, como valor social. Além disso, toda norma, quer seja de natureza social, religiosa ou outra, está ligada ao sagrado no sentido de revesti-la de um caráter eminentemente inviolável, revestindo de natureza imanente a tudo que é sagrado, inclusive as regras, pelas quais a sociedade é regida. A socialização passa então, pelo respeito às normas sociais, e estas se ancorando no sagrado, leva ao entendimento de que o sagrado seja um dos elementos normativos do comportamento e das ações dos indivíduos em suas relações sociais.

No âmbito dos espaços de socialização, Eliade (1992, p. 17-18) menciona que para o homem religioso, o espaço do sagrado não é homogêneo, apresentando locais sagrados e não sagrados. Em decorrência disso descobre-se o ponto fixo, equivalente à criação do mundo. Esse espaço não homogêneo possibilita a diferenciação do local sagrado e profano. O limiar deles, determina a comunicação entre esses dois mundos, tendo seus guardiões, sendo local de sacrifícios e julgamentos. Representa um símbolo ou um veículo de passagem.

Em outras palavras, Fabien (2015) explica que a socialização pelo sagrado, passa essencialmente pela transformação e construção do ser profano, o qual ficou agarrado na sua natureza individualista com o propósito de se tornar um ser completo e finito, de modo a tomar seu lugar na sociedade. Dessa forma, o estado sagrado aparentemente é a última etapa socializadora à qual o indivíduo pode chegar, ou seja,

em decorrência do sagrado, a socialização é um processo que favorece a formação, a transformação e a socialização.

Consequentemente, ressalta-se a informação de Silva e Borges (2017) os quais mencionam que para os cristãos, a igreja em si, não é definida como um templo religioso, ou elementos místicos que a compõe, mas sim, como a representação de seus próprios membros participantes dessa comunidade. Assim, o espaço sagrado, não é destinado somente para a celebração e devoção, mas, também para a relação social.

O agir normativo socio-religioso nos espaços sagrados, é mencionado por Fabien (2015) o qual explica que as coisas sagradas são consideradas como simbolismos capazes de estabelecer a comunicação com e ser espiritual e pelos quais se submete ao serviço dele. Assim, os simbolismos permitem a passagem da ação coercitiva dos deuses à subserviência a eles. O sagrado passa a ser uma potência que age nos símbolos, se manifesta neles, e os transforma em coisas intocáveis e invioláveis. É também uma norma social presente em cada indivíduo como a expressão da consciência coletiva, de forma que a violação dele tende a revoltar essa consciência. Devido a isso, as coisas sagradas são guardadas pela sociedade em um lugar certo, seguro e acessível somente àqueles que são autorizados. Sendo assim, o sagrado gera o sentimento de orgulho, dignidade, respeito e segurança para cada indivíduo, sendo considerado como “cimento social que fortalece os elos sociais”.

Nesse aspecto, todo espaço sagrado implica em hierofania e os símbolos e sinais constata a sacralidade do lugar. Quando não se tem sinais indicativos da sacralidade do lugar, o homem não o pode escolher, ele o evoca através de sinais misteriosos, para obter a orientação da sacralidade do local. O homem pode se esforçar para construir um espaço sagrado na medida em que reproduz rituais, visto que para ele o mundo é sagrado (ELIADE, 1992 p. 22). Relacionado a isso, Silva e Borges (2017) acrescentam que os espaços sagrados são locais em que influenciam na manifestação de sentimentos próprios de forma a adquirir um simbolismo heterogêneo aos demais lugares.

Sob o prisma de vista de Fabien (2015) o sagrado, inspirado por um objeto ou ser é pertencente à ordem extra cotidiana e atemporal, sendo social por excelência. Pode, portanto, ser considerado como ponto central dos momentos de veneração e celebração da vida coletiva, nos quais há o desenvolvimento da solidariedade desse grupo que está reunido para a manifestação da mesma crença. Consiste então, a

união dos indivíduos, o papel central das crenças articuladas em torno do sagrado, uma vez que a religião age como facilitadora da coesão social, por preconizar a harmonia e trabalhar para o estabelecimento de uma solidariedade social entre os indivíduos.

Nesse sentido, Amorim e Amatuzzi (2011) inferem que sob a perspectiva espiritual, a experiência religiosa é considerada como capaz de prover sentido ao ser humano, o qual se permite ser conduzido por um transcendente- Deus, experimentado na dinâmica da sua própria consciência.

A religião sendo considerada como forma de provimento de sentido, corrobora com o que foi notado no presente estudo, pois nesse aspecto, observou-se que ao serem indagados sobre a ajuda da religião como forma de superação da perda do cônjuge, ou seja, na elaboração de seu luto, coincidentemente, onze viúvas e onze viúvos responderam afirmativamente, enquanto que quatro viúvas e quatro viúvos responderam negativamente para esse questionamento. É importante enfatizar que esses resultados foram alcançados de forma completamente aleatória, ou seja, sem atitudes que levassem a esse resultado de forma proposital.

A esse respeito foi elencada a religião e a igreja, como forma de consolo neste período, conforme a afirma um viúvo e uma viúva, respectivamente:

“Se não fosse a igreja, a religião e os irmãos, poxa vida era um pouco difícil, mas a religião me trouxe muita esperança e força né”.

(E1, masculino, 70 anos, 3 anos de viuvez, 5º ano)

“Ajudou e muito. Na época que eu fiquei viúva eu era católica. Mas a religião, Deus, ajudou muito”.

(E2, feminino, 59 anos, 24 anos de viuvez, 7º ano)

Pangrazzi (2008) ressalta que a viúva, para amenização de sua dor pode buscar apoio divino, indo à igreja, independente de que religião for. Nesse sentido duas viúvas consideraram as visitas à igreja, como fator importante para a superação da tristeza pela perda do esposo. Assim, destaca-se o relato abaixo:

“Eu ia pra igreja, cantava, orava, mas foi depois de uns dias”. Ir pra igreja me ajudou a passar a tristeza”

(E3, feminino, 83 anos, 6 anos de viuvez, 8º ano)

Para essa viúva, sair de casa, do recinto no qual ela se lembrava sobremaneira do marido, representava uma forma de transpor a tristeza que a afligia, uma vez que se distraía das lembranças do esposo com os cânticos e a oração que realizava na igreja.

De Paula (2005) menciona que o espaço ritual, na elaboração do luto, permite uma vivência da morte de forma mais humana e saudável. Os rituais que fazem parte do universo simbólico dos enlutados possibilita uma perspectiva mais saudável para o cuidado com eles. A existência desse espaço de pesar, com pessoas cuja fé e crenças religiosas são as mesmas, é um aparato comunitário para a elaboração do luto.

Nesse aspecto, o estudo feito por Amorim e Amatzuzi (2011) na comunidade católica, possibilitou a conclusão de que a comunidade é algo surgido na consciência, sendo considerada como local necessário, pela capacidade de possibilitar sentimento de completude, aprendizagem, fortalecimento e participação ativa. É também, um lugar de ajuda mútua, de acolhida aos recém-chegados, favorecedor de mudança de vida, além de apoio para as dificuldades, e expressão de bons sentimentos entre as pessoas.

Dessa forma, em relação aos benefícios promovidos pela participação em comunidades religiosas, outra viúva indica a importante ajuda proporcionada pela frequência na igreja. Para ela, ficar em casa no sábado era penoso, por ser o principal dia da semana que permanecia um tempo maior com o falecido esposo, conforme afirma abaixo:

“Então a igreja ajudou demais, e ainda tem ajudado, tem me ajudado muito porque, só de você não ficar quieto em casa no sábado, é uma benção, uma benção mesmo”.

(E5, feminino, 72 anos, 2 anos de viuvez, magistério)

Sobre a impossibilidade humana de se evitar o luto, Dorneles (2003, p. 410) ressalta a necessidade da aceitação da morte do companheiro, mesmo com sentimentos constantes de saudade, uma vez que memórias inesquecíveis permaneçam com o propósito de ajudar a refazer o cotidiano de cada um. Isso consiste em um processo de evolução humana e da natureza. Vivenciar isso, incide em lidar com perdas e ganhos na busca pelo equilíbrio.

Assim, ir à igreja, sua comunidade religiosa, conviver com as pessoas que professavam a mesma fé e ritos que ela, promoveu fortalecimento, acolhida, ajuda, e principalmente companhia, distraíndo-a de seus momentos de solidão, passados dentro de sua casa, no sábado, dia específico citado por ela.

Tendo isso em vista, Suzuki, Silva e Falcão (2012) enfatizam as crenças espirituais como estratégias para facilitar a resolução do luto de viúvas idosas pela ajuda na melhor compreensão da sua história pessoal, assim como das perdas. Em face disso, a religião foi relacionada por três viúvas como forma de ofertar consolo, força e coragem, conforme relatos abaixo.

“A religião foi tudo pra mim. Me ajudou demais. Me deu consolo. Eu fiquei muito desesperada. A oração me dava força”.

(E27, feminino, 63 anos, 23 anos de viuvez, magistério)

“A religião me deu força e me deu fé, sim, muitas vezes eu ajoelhava e pedia a Deus pra dar força e coragem, porque não é fácil cê continuar sua vida assim, sozinha”. (E15, feminino, 45 anos, 18 anos de viuvez, especialização)

“A religião me ajudou muito, me deu muita força”. “A religião pra mim, é como lá diz, Deus é tudo. Eu conheço a bíblia, tudo, as promessa Dele, tudo”.

(E24, feminino, 90 anos, 6 anos de viuvez, 1º ano)

Observou-se que além da ajuda para superação do sofrimento promovendo conforto, fé e fortalecimento, a igreja também ajudou materialmente suprimindo as necessidades de uma viúva, de forma específica, contribuindo financeiramente para criação de suas filhas, segundo informa:

“Em termos de ajuda financeira, a igreja ajudou. Porque o pastor reuniu a comissão e conversou sobre minha ajuda financeira porque tem as duas crianças né, e eu tava sem receber nada. Pra eu não passar certas dificuldades, o pastor entrou com a reunião com a comissão e a comissão aceitou me ajudar todo mês com uma certa quantia”.

(E12, feminino, 41 anos, 3 anos de viuvez, 4º ano)

Já para três viúvos a religião contribuiu para fornecer Consolo, esperança e paz. Os relatos abaixo confirmam essa afirmação:

“A religião ajudou sim. Eu venho de uma família católica, sinto consolado”.

(E23, masculino, 72 anos, 13 anos de viuvez, 4º ano)

“A religião contribuiu e muito, porque a gente tem uma esperança. Deu esperança, certeza. Não considero como esperança, considero como certeza”.

(E6, masculino, 85 anos, 6 anos de viuvez, 3º ano)

“A religião contribuiu sim, dentro da igreja a gente busca a paz, né.

(E16, masculino, 59 anos, 11 anos de viuvez, superior)

Nem todos os participantes acreditam que a religião seja um recurso para a elaboração da perda de seu cônjuge.

Sobre esse assunto, Sponville (*apud* BARBOSA E LEÃO, 2012) indica que para os crentes, a religião tem a função de os tranquilizar diante da morte. Já para os ateus, a revolta parece ser o sentimento mais justo, diante da morte do outro. O horror parece-lhes mais verdadeiro que o consolo, sendo que a paz é alcançada tardiamente. Para estes, o luto não é uma corrida contra o tempo e sim, um trabalho realizado pelo tempo e pela memória, objetivando a aceitação e a fidelidade.

Com base na perspectiva de que o consolo religioso seja algo fantasioso e de que a reação de horror seja a mais aceitável diante do luto, alguns entrevistados não religiosos, negaram terem utilizado a religião como consolo, em seu enlutamento. Os relatos foram feitos por pessoas em condição de viuvez de ambos os sexos, conforme consta a seguir:

“Religião não me influenciou nadinha. Continuei do mesmo jeito que eu era antes de ficar sem ele”.

(E28, feminino, 26 anos, 3 anos de viuvez, ensino médio)

“A religião fez diferença não. Nem uma parte, nem a outra. Do jeito que era, as coisa continuou. Que nós tem que continuar”. Todas igreja pra mim é uma só”.

(E8, masculino, 71 anos, 9 anos de viuvez, não estudou)

Para a viúva abaixo, não houve mudança de práticas religiosas em decorrência da morte do esposo, nesse sentido a mesma informa:

“Na religião, eu sou meia devagar, ficou a mesma coisa. Eu quase num vou mais na igreja. Num aumentou, ficou a mesma coisa que eu era antes dele morrer”.

(E7, feminino, 60 anos, 16 anos de viuvez, 3º ano)

Uma das viúvas que declarou não seguir nenhuma religião faz a seguinte afirmação, quando questionada sobre a ajuda da religião na elaboração de seu luto.

“Não. Não acho que religião, Deus, ajude em alguma coisa”.

(E30, feminino, 37 anos, 7 anos de viuvez, superior)

A religião segundo Bousso et al. (2011) geralmente propõe valores e fé que promovem o envolvimento da sociedade. Além disso, proporcionam o apoio emocional e social, motivando um modo de vida mais saudável assim como os cuidados com a saúde.

De Paula (2005) elenca o consolo religioso como um fator indispensável para a saúde vital do ser humano, aspecto fundamental para a elaboração do luto. Em situações de morte, ele se vincula aos rituais de passagem existentes nas religiões. Com relação à elaboração do luto, o espaço para os ritos permitiu uma morte mais humanizada e menos desesperada. Este local denominado como espaço de pesar onde há a profissão de fé e crença religiosa pelos indivíduos que o frequentam, torna-se um amparo comunitário para a elaboração do luto. Associado a isso há o cuidado pastoral aos familiares após a morte, promovendo a resignificação sobre a morte e o processo do luto, e a discussão sobre a morte como fator que dá sentido à vida.

Durkheim (1989, p. 79) apresenta o conceito de religião como “um sistema solitário de crenças seguite e de práticas relativas às coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem”. Como religião e igreja são inseparáveis, pressupõe-se que religião é algo coletivo.

Assim, as visitas dos grupos da igreja foram indicadas como fatores primordiais que ajudaram nesse período de enlutamento para seis viúvas, e para nove viúvos. Isso pode ser confirmado com as falas dos entrevistados relacionadas logo abaixo:

“Ajudou muito. As pessoas da igreja dava força, dava apoio. Falava que se eu precisasse não era pra eu passar calado, né, que eu tinha que falar com eles. Aí eles me ajudou muito”.

(E14, feminino, 57 anos, 9 anos de viuvez, não estudou)

“A religião me ajudou muito. Assim, as pessoa sempre me visitava, dando apoio né, tipo no velório, tem o apoio do pessoal da igreja, né, vai lá”.

(E9, masculino, 38 anos, 2 anos de viuvez, 6º ano)

Os relatos dessa pesquisa convergem com as informações expostas por Borges (2016) o qual indica que pessoas com crenças religiosas apresentam uma tendência a melhor saúde mental, lidando mais adequadamente com o processo de

luto. A espiritualidade é um indicativo de resiliência por atribuir significados aos eventos negativos. Assim, a religião possui a capacidade de socialização e direcionamento dos ritos de morte, apresentando efeitos psicológicos positivos para os enlutados. As pessoas religiosas são tradicionalmente uma fonte de apoio tornando-se suporte espiritual e social.

A afirmação do viúvo abaixo complementa a ideia de que a visita dos grupos religiosos ajuda, principalmente porque além de levar o conforto emocional, observaram as necessidades materiais do viúvo, suprindo-as, conforme indica:

“Eles leva conforto, trazia uma coberta, trazia forro de cama, que a gente era fracozinho, não tinha nada, né, então sentia alívio no coração”.

(E22, masculino, 76 anos, 39 anos de viuvez, 3º ano)

O viúvo abaixo, que mencionou ser da religião católica, mas quase nunca frequentar a igreja, fez a seguinte pontuação.

“Eu, pra te falar a verdade, não está me ajudando não. Nunca tive a presença da minha igreja mesmo, pra conversar, não adianta eu falar, porque não veio ninguém mesmo, pra saber como que eu tô, o que eu preciso”.

(E25, masculino, 72 anos, 3 meses de viuvez, não estudou)

O que se pode inferir sobre o depoimento acima é que esse viúvo não apresentava convívio na sua igreja, sendo isso a provável causa de não ser lembrado pelos membros, para o envio de um grupo de visitas até a sua casa.

Já o viúvo abaixo, esboça um certo sentimento de solidão, por não ter recebido apoio das pessoas da igreja em sua casa. No sentido de suprir essa lacuna ele afirma:

“Eu apego com Deus, mas povo de igreja nunca foi lá em casa não”.

(E21, masculino, 80 anos, 19 anos de viuvez, não estudou)

Sobre a importância exercida pela religião na vida dos seres humanos, Freud (1933/1996, p. 158) menciona que a existência humana é subsidiada pelo apego à crença em um poder superior, capaz de acalmá-la em relação aos seus medos, perigos e vicissitudes ao lhe garantir conforto na desventura e um final feliz. Segundo Borges (2016) a fé em Deus é apresentada como forma para o enfrentamento da ansiedade, ocasionada pela saudade da pessoa falecida.

Segundo Coelho Junior e Mahfoud (2001, p. 02) a dimensão espiritual é essencialmente demonstrada como dimensão religiosa que se configura como determinante da existência humana, buscando um sentido para a vida e se apegando à existência de um Deus que tudo pode.

Nessa perspectiva, Amorim e Amatuzzi (2011) acrescentam que a fé religiosa se expressa além de uma vontade de sentido, ou seja, a vontade de sentido último, ou suprasentido, que tem como correspondente último, o Ser, denominado de Deus. A relação com esse Ser e o sujeito deve obedecer a estrutura dialógica, na qual o transcendente-Deus é evocado como “Tu”. Assim, Eliade (1992, p. 56-57) complementa que o homem religioso é saudoso no sentido de desejar viver num cosmo sagrado conforme era antes quando estava com o criador.

A divindade na concepção teísta e cristã de Deus é definida como: espírito, vontade última, todo poderoso, unidade de essência, razão e consciência de si. Essas características podem definir perfeitamente o Divino. Devido a essa possibilidade de se conceituar a divindade, pode-se, portanto, considerá-la, em essência, como algo racional, assim como a religião que a aceita (OTTO, 1985 p. 7)

Convergindo com a ideia acima apresentada, o apêgo a Deus, ou seja, ao divino, foi elencado como uma forma de apoio para a elaboração dessa perda para cinco viúvas, enquanto que três viúvos indicaram essa opção como ajuda para a amenização de sua dor. Diante dessa concepção, uma viúva e um viúvo mencionam o seguinte:

“Ajudou sim, ajudou, porque a gente apega é com Deus nessas horas, porque mesmo que você as vezes não vai tanto na igreja, que na época eu ia mais. Mesmo que você não tá todo dia na igreja, mas sempre cê tá apegado, né.

(E15, feminino, 45 anos, 18 anos de viuvez, especialização)

“Uma situação triste eu passei demais (a viuvez). Deus me ajudou, eu passei e lá vou passando ainda. Triste, com tristeza, muito triste mas Deus abençoando há de me dá força que eu hei de passar”.

(E11, masculino, 83 anos, 3 anos de viuvez, 3º ano)

Dando sequência, “Deus”, para Freud (1996, p.57) é a denominação dada pelos homens a uma vaga abstração criada para si mesmos, como forma de amparo frente sua impotência diante do universo. Ademais por serem incapazes de suportar as dificuldades da vida e as crueldades da realidade, sem a consolação promovida por essa ilusão religiosa. Isso converge com o que foi encontrado nesse estudo, uma

vez que, Deus, em seu aspecto imanente, foi mencionado como forma de ajuda para superação em ambos os sexos. As viúvas enfatizaram Deus como provedor de força, confiança, amparo e companhia para os momentos de solidão e os viúvos como ajudador, fortalecedor.

O homem, para Rocher (1971, p. 159) é um ser simbólico porque representa as coisas por símbolos, palavras e conceitos, além de manipular simbolicamente as realidades, permitindo que este desenvolvesse poder sobre o resto do mundo. Isso é resultado da evolução biológica associada à evolução social.

Nessa perspectiva, “Símbolo é qualquer coisa que substitui e evoca uma outra coisa”. A ele são relacionados o elemento significante (o objeto toma o lugar do outro), um significado (a coisa que o significante substitui) e a significação (relação entre o significante e o significado). O símbolo só tem significado se a pessoa que o possui conhecer sobre ele. O homem se diferencia dos animais por terem a capacidade de entender o significante e o significado, “a extensão da aptidão simbólica”, que só é possível por certo desenvolvimento fisiológico (ROCHER, p. 156-157).

Sobre os símbolos religiosos, Ribeiro (2010, p. 46) evidencia que os mesmos fazem parte do nosso contexto, desde o aceno de mãos ao despedir-se, até a fala e a escrita materializada com o alfabeto. No campo religioso, é representado pelo crucifixo, uma imagem, a bíblia, etc. A percepção dos símbolos é algo pessoal, pois ao ser formado, há o acréscimo de valores culturais e sociais herdados da humanidade que a precedeu.

Dessa forma, segundo Rocher (1971, p. 160-165) o símbolo possui a função de comunicação (transmitir uma mensagem entre sujeitos) e de participação (ter sentimento de pertencer a grupos ou coletividades) que atua de forma simultânea nas duas funções. Na função de comunicação podem ser usados diferentes símbolos como a linguagem falada, escrita, código telegráfico, semáforo, gestos, posição do corpo, mímica do rosto, esta, pode ser complementada com a linguagem falada. Além disso, no segundo nível do simbolismo têm-se imagens e representações mentais substituem as coisas e seres. O pensamento humano depende da relação entre os símbolos da linguagem e os símbolos conceituais. A língua não utiliza apenas os símbolos para exprimir os conceitos, ela participada formação deles. “Simbolismo, pensamento e comunicação estão interligados, se influenciam e condicionam mutuamente”.

Mantendo em perspectiva a abordagem dos símbolos religiosos, Geetz (1978, p. 77) informa que garantem de forma cósmica, tanto a capacidade de conhecimento do mundo, como sua compreensão, de modo que essa compreensão forneça precisão ao sentimento, uma definição das emoções permitindo-lhes suportá-lo soturna ou alegremente, implacável ou cavalheirescamente. Complementando a ideia anterior, Rocher (1971, p. 178) infere que o simbolismo religioso e mágico possibilita a ligação do homem ao sobrenatural sem deixar de ser profundamente social pois “se alimenta do contexto social, exprime realidades sociais com alcance e consequências sociais”.

Essa força que os símbolos religiosos fornecem, conforme enfatizado, corrobora com o que a entrevistada relata, pois, além de Deus, ela incluiu Nossa Senhora e os Santos como forma de vencer a dor da perda do esposo.

“Sim. Eu acho assim porque a gente que é devoto acho que pega cá Nossa Senhora, meu divino pai eterno, pegava com Deus e com os Santo e ia pelejano, pelejano até que, pá podê vencer né”.

(E13, feminino, 53 anos, 36 anos de viuvez, 5º ano)

Sob a mesma óptica, Rocher (1971, p. 181) indica que os símbolos são usados para ligar os indivíduos da sociedade, ligar os modelos aos valores e recriar a participação das pessoas e dos grupos às coletividades, estabelecendo as “solidariedades necessárias à vida social”. Nesse aspecto, a bíblia foi lembrada por alguns entrevistados como ponto de apoio, sendo sua leitura, algo importante para o alcance do conforto, conforme se relata abaixo por viúvos de ambos os sexos:

“Lendo a bíblia, cantava chorando, mas, cantava”.

(E5, feminino, 72 anos, 2 anos de viuvez, magistério)

“Por que a própria bíblia diz, para os que morrem é bem aventurado né, e a esperança dos que estão vivos é de revê-los né. Então a esperança é sim”.

(E1, masculino, 70 anos, 3 anos de viuvez, 5º ano)

O estudo feito por Galicioli, Lopes e Rabelo (2012) apontou a evidência que a dimensão espiritual ocupa na vida dos idosos como forma de enfrentamento da solidão e sofrimento pela perda do cônjuge. A pesquisa dos autores mencionados indicou as rezas como forma de amenização da dor, concordando com o que foi encontrado nesse estudo, conforme relatos de uma viúva e um viúvo, a seguir:

“Rezava, gritava”.

(E10, feminino, 56 anos, 4 anos de viuvez, 5º ano)

“Todo dia eu rezo, converso com Deus toda hora e todo momento, peço força a Deus pra Deus me dar consolo, conforto, né, pra minha vida, não só pra mim, pra todos, pra nossa comunidade, e pelos filhos, pelas filhas, que Deus abençoa todos eles”.

(E11, masculino, 83 anos, 3 anos de viuvez, 3º ano)

Duas viúvas referiram, como forma de consolo e ajuda na superação de sua perda, os seguintes recursos:

“Os parentes me visitaram”.

(E3, feminino, 83 anos, 6 anos de viuvez, 8º ano)

“Eu gosto muito de dar estudo bíblico e aí eu falei, não vou parar. E aí continuei visitando, orando, chorando, mas fazendo”.

(E5, feminino, 72 anos, 2 anos de viuvez, magistério)

Diante do exposto, a religião de acordo com Berger (2013, p.186) além de legitimar determinados ordenamentos e realidades humanas, também provê sentido, o qual engloba tudo e no qual o homem está embasado.

Assim, a religião nesse estudo, mediante a maioria dos relatos, foi confirmada como forma de significar os acontecimentos ruins como a morte do cônjuge para a reorganização social e retomada da vida.

Após o entendimento posto acima, a pesquisa requer a identificação de quais atitudes, religiosas ou não, foram realizadas pelas viúvas e viúvos como recurso elaborativo para seu luto, o que é feito, na sequência.

3.2 ATOS RELIGIOSOS: RECURSOS PARA ELABORAÇÃO DO LUTO ENTRE VIÚVAS E VIÚVOS

Retomando as explicações de Moscovici (2015) sobre as representações sociais, que neste estudo são feitas pelo grupo de pessoas em condição de viuvez, em seu modo particular de compreender e comunicar a realidade em que vivem. Suas funções de convencionalização e prescrição são impostas, transmitidas e produzidas a partir de elaborações realizadas por esse grupo de pessoas.

Dar voz à viúvas e viúvos permite o entendimento da forma como essas pessoas ancoram e objetivam seu sofrimento, principalmente sob o aspecto religioso em suas crenças, ritos e mitos, como forma de superação de sua perda.

As representações do sagrado tanto para viúvas como para viúvos foram diversificadas. Nesse sentido, diversas foram as práticas que os ajudaram na superação da perda da companheira ou companheiro, tudo isso tendo como base a cultura apresentada por cada um, que segundo Geertz (1989, p. 4) é um conjunto de significados desenvolvidos pelo homem historicamente, segundo *ethos* e crenças advindas das relações familiares, sociais, escolares, profissionais e religiosas. Em outras palavras, a cultura influencia ativa, ou passivamente na forma como os indivíduos reagem frente a algum acontecimento, influenciando o modo como constroem suas representações. Assim, a religião pode ser concomitantemente um sistema de representações e um sistema cultural.

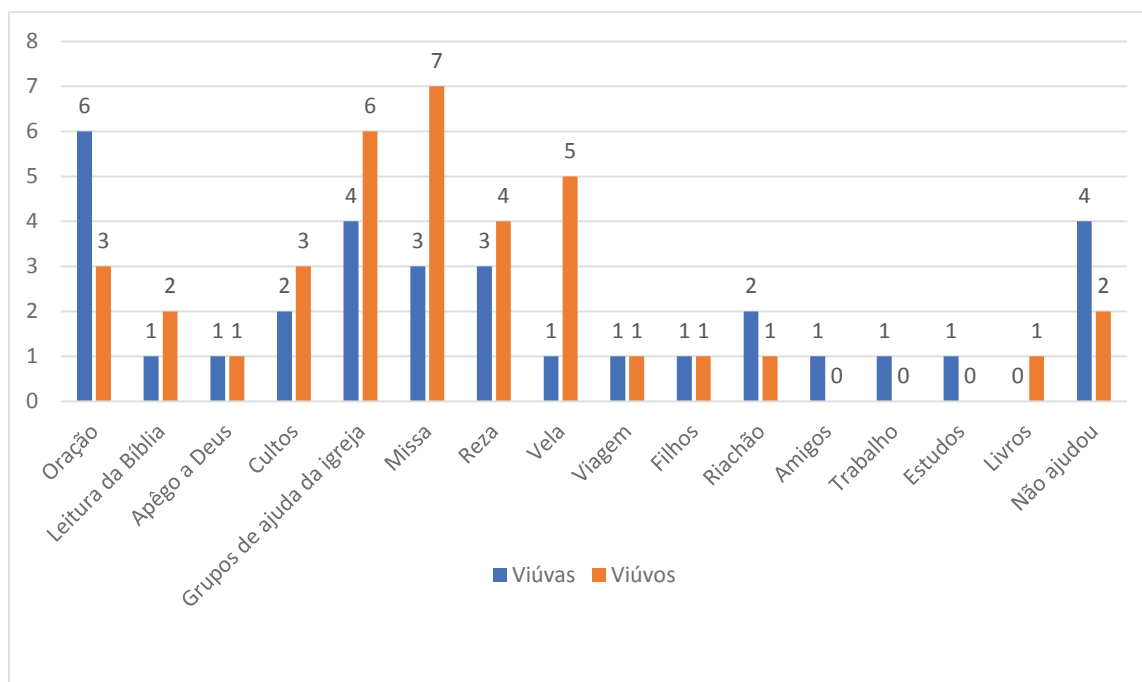
Segundo Schmidt (2007, p. 79) a religião está situada entre os elementos *ethos* e visão de mundo, tratando-se do encontro da sincronia do indivíduo com seu sagrado. Essa atitude visa uma forma de buscar a essência dentro da realidade humana vivenciada cotidianamente, em um mundo repleto de informações e símbolos que vão moldando a conduta moral do indivíduo, comunicadas para o alcance de fórmulas para revitalização de sua vida.

Nesse contexto Jung et al. (*apud* SOUZA, 2015) afirmam que a oração, a ministração do pastor ou padre, o culto, o louvor, são considerados como atos religiosos e se relacionam com os símbolos religiosos pela agregação da religiosidade e espiritualidade.

As viúvas e viúvos entrevistados esboçam em seus relatos, representações do sagrado, convergentes com sua inserção cultural e religiosa no sentido da busca pelo consolo e superação de sua perda. Os entrevistados sendo predominantemente de alguma religião, referiram atitudes alusivas a determinadas religiões como católicos que acenderam velas e foram à missas e evangélicos que oraram e participaram de acampamentos com objetivos religiosos. Além desses, houve os que indicaram, para esse fim, outras atitudes, como filhos, trabalho, amigos e viagens.

Nesse aspecto, o gráfico abaixo ilustra as informações coletadas dos participantes dessa pesquisa.

Gráfico 8: Atitudes que ajudaram na superação da perda pela morte do cônjuge



Fonte: dados da pesquisa de campo (janeiro a maio de 2018)

Observa-se que a atitude mais mencionada pelas viúvas foi a oração e pelos viúvos foi frequência às missas. Isso corrobora com o que foi ilustrado no gráfico 6, o qual indica que o maior quantitativo das viúvas pesquisadas era do segmento evangélico, justificando a recorrência à oração, como atitude que as ajudaram no enlutamento. Já os viúvos, a predominância foi de católicos, o que corrobora com a frequência às missas como atitude de apoio em seus processos de luto.

Também se pode observar, após a análise das entrevistas e do gráfico acima, que assim como as viúvas e viúvos apresentaram dificuldades de eleger apenas um sentimento após a perda do cônjuge, na questão da indicação dos atos religiosos, houve semelhança de resultados, pois os religiosos sempre escolhiam mais de uma atitude, como ajuda para superação de sua perda, por exemplo, ir à missa, acender velas e rezar, ou ainda, ir aos cultos, orar e ler a Bíblia.

Quanto ao fato de receber as visitas do grupo da igreja e apegar-se com Deus, houve convergência, pois, tanto viúvas como viúvos elegeram esse recurso como apoio em seu enlutamento, independente da denominação religiosa que participasse.

Uma atitude mencionada por duas viúvas e um viúvo com recurso que os apoiou no seu luto, foi o que eles denominaram de Riachão³. Ao serem indagados no que isso consistia, explicaram que era um acampamento de cunho espiritual, onde aproximadamente três mil pessoas se reúnem em busca de comunhão com Deus em meio à natureza. Esse convívio, juntamente com o contexto de devoção, foi mencionado como fator importante para fornecer consolo e ajuda na elaboração de sua perda. Abaixo a fala de um deles como forma de ilustrar a informação ressaltada:

“Eu fui no Riachão que é um acampamento, é um acampamento que dá muita força, muitos amigos e outra coisa, a pessoa está entre os amigos e na presença de Deus é uma recuperação grande. A pessoa sente bem amparado né.

(E1, masculino, 70 anos, 3 anos de viuvez, 5º ano)

Por fim, a leitura de livros com conteúdo espiritual, foi citada por apenas um viúvo, o qual informa:

“Leitura. Lia livros da irmã White⁴”.

(E4, masculino, 88 anos, 3 anos de viuvez, alfabetizado)

Atitudes não religiosas como o cuidado com os filhos e viagens, foram também indicadas com recursos para a elaboração do luto em ambos os sexos. Segundo Pincus (*apud* TORRES, 2006) o cuidar dos filhos e netos fornece uma fonte de consolo emocional, ao parceiro que sobrevive. Torres (2006) em seu estudo, constatou que apesar da situação ser desgastante e exaustiva, esse cuidado da viúva, com seus descendentes, oferece um novo sentido para sua vida, por se sentir útil e querida de

³ Riachão é a denominação do acampamento da Igreja Adventista do 7º dia que acontece no povoado do Riachão, município de Uruaçu- Goiás. Considerado um dos maiores e mais bem organizados eventos evangélicos do Estado de Goiás, já ocorre tradicionalmente há 52 anos. O local apresenta infraestrutura de cidade, com posto médico, diversas cozinhas, seguranças e lojas de materiais evangélicos. A programação de cinco dias conta com cultos matutinos e noturnos, cantores e músicos, além de seminários vespertinos, movimentando a área com um número aproximado de três mil pessoas. O objetivo é a reunião das famílias, turistas e jovens para momentos de aprendizagem voltadas à fé e esperança, e a confraternização entre os participantes do evento. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/guia/campal-riachao>> acesso em 12 abr. 2019.

⁴ Ellen Gold White foi uma escritora norte-americana cristã e uma das fundadoras da Igreja Adventista do 7º dia, sendo considerada como uma profetiza para os adeptos dessa religião. Escreveu, mais de 5.000 artigos e 49 livros, estando entre uma das escritoras mais traduzidas da história da literatura mundial. Seus escritos abrangem assuntos variados, incluindo religião, educação, saúde, relações sociais, nutrição, evangelismo e administração. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/espiritodeprofecia/sobre-nos/biografia-de-ellen-g-white/>> acesso em 12 abr. 2019.

forma a minimizar a solidão trazida pela viuvez. Abaixo, os depoimentos de uma viúva e um viúvo, com relação a isso:

“Mas o que mais me ajudou foi minhas filhas, que deu sentido pra continuar vivendo”.

(E2, feminino, 59 anos, 24 anos de viuvez, 7º ano)

“É meu filho. Inclusive eu tenho uma filha que não me larga por lei nenhuma. É a que mais me ajudou, deu apoio, e pá todo lado que eu queria sair ela tava junto”.

(E18, masculino, 74 anos, 10 anos de viuvez, não estudou)

Uma viúva e um viúvo mencionaram viagens como forma de esquecer que perderam seus pares. Nesse sentido, relatam:

“Eu fiz assim, eu tenho irmã que mora lá em Goiânia. Aí ela, vamo prá lá passear, pra esquecer. Aí eu fui pra Goiânia, fiquei lá parece que uns 3 meses lá, passeando. Aí parece que a hora que eu cheguei, cheguei mais conformada.

(E13, feminino, 53 anos, 36 anos de viuvez, 5º ano)

“Eu sempre viajei, a viagem distrai da lembrança dela”.

(E16, masculino, 59 anos, 11 anos de viuvez, superior)

Há ainda a referência ao apoio dos amigos, trabalho e estudos como atitudes relatadas exclusivamente pelas viúvas, conforme transcrito na sequência:

“Ah eu acho que eu agarrei no trabalho, trabalho, não parava, até hoje acho que sou meia, trabalhar, estudar, que eu não, na época que ele morreu só tinha o primário, só até a quarta série do ensino fundamental, né. Aí eu voltei a estudar, aí eu estudei, fiz faculdade e me formei hoje. Digamos que ele me impedia um pouco de estudar, não era muito não, mas cê acabava evitando, assim, as vezes eu queria estudar, mas como eu tinha dois filho pequeno, e ele era motorista de ônibus, ele viajava e não tinha com quem deixar esses menino, então acabava, não por ele, mas pelos menino, né”.

(E15, feminino, 45 anos, 18 anos de viuvez, especialização)

A viúva acima, menciona o fato de ter voltado a estudar após ficar viúva, chegando ao nível de especialização em sua profissão. Mesmo admitindo que o marido não a impedia de estudar, a situação à qual vivia, dedicada ao cuidado com seus filhos, devido à ausência dele por conta do trabalho, dificultava seu retorno à unidade escolar. Torres (2006) em seu estudo sobre viuvez, também relata que uma viúva declarou dificuldade de estudar devido à resistência do marido, que no caso específico, apresentava a opinião de que ela não deveria estudar, e sim, cuidar dele

e dos filhos. Novamente retoma-se o estudo de Guedes e Daros (2009) sobre o cuidado como atribuição exclusivamente feminina.

Na presente pesquisa também foi registrado o depoimento de dois viúvos que mesmo mencionando professarem uma religião, não indicaram a realização de nenhuma atitude religiosa para superação da perda de suas esposas. Com relação às viúvas, quatro delas foram categóricas ao afirmarem que não realizaram nenhuma atitude religiosa no processo de elaboração da perda de seus companheiros. Dentre essa quatro, duas delas indicaram serem adeptas de uma religião, e as outras duas informaram não terem nenhuma religião. O que mais foi observado nessas participantes, foi a forma resumida de se expressar, com relação a assuntos referentes à religião. Notou-se que a indiferença esboçada por elas, apenas reflete a descrença que apresentam sobre essas questões, a ponto de não terem quase nada para relatar. Com relação a isso, dois deles afirmam:

“Não fiz nada religioso, segui minha vida normal”.

(E21, masculino, 80 anos, 19 anos de viuvez, não estudou)

“Não fiz nada nesse sentido. Não acredito em nada espiritual”.

(E30, feminino, 37 anos, 7 anos de viuvez, superior)

As respostas em relação às atitudes religiosas são diversificadas. Verificou-se que viúvas e viúvos, mesmo se identificando com partícipes de uma religião, não se utilizaram de atitudes religiosas e seu processo de enlutamento, do que se pode inferir que alguns deles só mencionaram a religião, sem, contudo, serem seguidores fieis e devotos das doutrinas da referida instituição religiosa.

Nessa mesma esteira de análise, as viúvas que se identificaram como sem religião, foram coerentes quando responderam que nada religioso foi feito por elas, para amenizarem a dor da perda do companheiro.

A atitudes sendo religiosas ou não, contribuíram para a superação da perda de seus cônjuges tanto para as viúvas, como para os viúvos, conforme exposto. Mesmo as pessoas na condição de viuvez que não fizeram nada religioso, desenvolveram recursos, não investigados nessa pesquisa, para a superação de sua perda, seguindo as atividades da vida, sem atitudes significativas relativas ao âmbito espiritual.

Esses entrevistados em questão representam um quantitativo relativamente elevado quando se compara com a amostragem pesquisada. Assim, de trinta

participantes em condição de viuvez, seis deles não se utilizaram de nenhum recurso religioso para a superação da perda do seu companheiro ou companheira.

Ao se analisar essa informação no contexto de gênero, as mulheres cuja personalidade normalmente apresenta características mais devotas, representaram um montante maior que o dos homens, ao indicarem que não realizaram nenhuma atitude de cunho religioso em seu enlutamento. Esse é um dado relevante ao se ponderar sobre a importância da religião na ressignificação dos acontecimentos impactantes, como por exemplo, a morte. Isso demonstra que os resultados dessa pesquisa de campo não foram unânimes quanto às teorias sobre a importância e a função da religião, mesmo que seja enquanto sistema simbólico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer as narrativas das experiências vividas por viúvas e viúvos, no processo de luto pela morte dos cônjuges confirma o impacto desse acontecimento na vida daquele que é impelido a passar por isso. Há uma mudança tanto no aspecto financeiro, como no social e familiar dos envolvidos no círculo de parentesco, mas principalmente do homem e da mulher, partícipes dessa relação.

Considerando a cultura como uma teia de significados construídos pelo homem que a integra, foi observado que as formas de elaboração do luto das viúvas e dos viúvos perpassaram pelos contextos culturais, uma vez que os indivíduos influenciaram e foram influenciados por eles.

Assim, a viuvez masculina e feminina foi representada de forma diferente por envolver as questões de gênero que fazem parte da cultura de uma sociedade. As representações sociais que as viúvas e viúvos fizeram sobre a superação da perda de seu cônjuge, perpassaram por vários aspectos como social, financeiro, emocional, e, em específico, o religioso, que foi o enfatizado nesse estudo. A representação do marido pela viúva foi dependente do tipo de relação que eles mantinham, podendo ser protetor, ou opressor. Já o viúvo fez a representação da esposa como cuidadora, mãe, protetora e organizadora do lar.

Outrossim, foi observado que as pessoas em condição de viuvez entrevistadas, imprimiram em seus depoimentos, características culturais nas quais estavam inseridos. Isso ocorreu desde a linguagem mais, ou, menos, elaborada utilizada por eles, consequência da escolaridade adquirida ao longo da vida, até aspectos implícitos, relacionados com a raça, renda mensal e idade. Em cada contexto, respeitadas as características referentes ao gênero e as individualidades dos entrevistados, a religião foi elencada como um recurso útil para a maioria das viúvas e viúvos na superação da perda de seus cônjuges

Ademais, a viuvez masculina e feminina abordada nessa pesquisa, apresentaram representações diversificadas no campo religioso cujas crenças, mitos e ritos se exteriorizaram em suas narrativas, dificultando a padronização.

Nesse aspecto, destacou-se a crença em um poder divino, como ser imanente, materializado tanto para a viúva como para o viúvo como apêgo a esse ser superior, denominado de Deus, independente da religião professada por esse grupo de entrevistados. Essa crença na capacidade divina de confortar, prover sentido, acalmar

e fortalecer o indivíduo diante de algo tão impactante como a viuvez, foi uma atitude comum praticada pelos viúvos de ambos os sexos.

A busca pelo conforto divino foi materializada por atitudes como leitura da bíblia, oração, rezas, dentre outras, as quais foram ilustradas com os relatos dos entrevistados, como uma forma de enriquecer esse estudo.

Outro aspecto comum evidenciado, foi a igreja como espaço de socialização, no qual se buscou o conforto diante da perda e onde existiu a prática da solidariedade, harmonia e completude, além de ter sido um local de acolhimento onde receberam ajuda mútua e conforto diante da perda da companheira ou companheiro.

Nesse âmbito, as viúvas e viúvos frequentaram as missas e cultos, receberam visitas de grupos religiosos, participaram de acampamentos religiosos e ainda ajuda financeira, também ilustrados em seus depoimentos.

Em contraposição a isso, foi observado que nem todas as viúvas e viúvos se apoiaram na religião como estratégia de superação de seu enlutamento. Alguns deles, mesmo se considerando de alguma religião, não realizaram atitudes religiosas com objetivo de superação da morte de seus companheiros. Outros deles que se identificaram como não adeptos de nenhuma religião, expressaram a coerente narrativa de total ausência de práticas religiosas para a elaboração de sua perda. Esses aspectos relacionados devem ser ponderados e colocados em questão para futuras discussões e pesquisas quanto às consolidadas ideias sobre a capacidade inerente à religião, de ressignificar acontecimentos impactantes da vida como a morte e o luto, assim como o processo de elaboração, uma vez que a negativa de sua utilização para esse fim, por parte dos entrevistados, alcançou percentuais expressivos. Nesse sentido mais estudos devem ser feitos, visando a abordagem e o aprofundamento desse assunto tão negligenciado pelos indivíduos que compõem a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Joseane de Souza; JUNGES, José Roque; López, Laura Cecília. A dimensão religiosa dos usuários na prática do atendimento à saúde: percepção dos profissionais da saúde. *O mundo da Saúde*, São Paulo, v. 34 n. 2, p. 430-436. 2010. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/79/430a436.pdf> Acesso em: 23 fev. 2019.

AMORIM, Henri Karam; AMATUZZI, Mauro Martins. Vivência comunitária católica e crescimento pessoal. *Psico*, Porto Alegre, v. 42 n. 3, p. 393-400, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/revistapsico/article/view/6524>> Acesso em: 23 fev. 2019.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Tradução: Ferreira, R. L. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves EDITORA S.A. 2.Vol. 1977.

AVELLO, Isabel M. Sancho.; GRAU, Carmen Ferre. *Curso de enfermagem básica*. Tradutor: Torriere Guimarães. São Paulo. Editora DCL, 2008.

BARBOSA, Cássia Angélica Nogueira; LEÃO, Mariza Ferreira. Uma investigação acerca da elaboração do luto por sujeitos ateus e religiosos. *Revista Mineira de Ciências da saúde*. Patos de Minas, v.1, n. 4, p. 15-33. set. 2012. Disponível em: <http://revistasauade.unipam.edu.br/documents/45483/172592/investigacao.pdf> Acesso em: 29 out. 2017.

BAUMAN, Zigmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1998.

BRAZ, Marlene. A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre a saúde do homem: reflexão bioética sobre justiça distributiva. *Ciência e saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.10, n. 1, p. 97-104. 2005.

Disponível em:

<file:///D:/documentos/MESTRADO/artigos%20para%20dissertação/Braz%20(2004).pdf> Acesso em: 23 fev. 2019.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BORGES, Tânia Patrícia Mendes. Luto e Religiosidade por Perda do Cônjuge. Castelo da Maia. 2016. 61f. Dissertação (Psicologia Clínica e da Saúde) – Instituto Universitário da Maia Ribeirão Preto, 2013.

Disponível em:

<<https://repositorio.ismai.pt/bitstream/10400.24/512/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Luto%20e%20Religiosidade%20por%20perda%20de%20Conjuge.pdf>>

Acesso em: 13 mai. 2018.

BOUSSO, Regina Szyllit; POLES, Kátia; SERAFIM, Taís de Souza; MIRANDA, Mariana Gonçalves de. Crenças religiosas, doença e morte: perspectiva da família na experiência de doença. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v.45, n. 2, p. 397- 403. 2011.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342011000200014&script=sci_abstract&lng=pt

Acesso em: 29 out. 2017.

BOTH, Tatiana Lima; ALVES, Alesssandro da Rosa; TEIXEIRA, Thaís Pinto. Uma abordagem sobre o luto na viuvez da mulher idosa. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 9, n.1, p.67- 78, 2012.

Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/2788>

Acesso em: 13 mai. 2018.

BOZARTH-CAMPBELL, Allá. O mundo interno diante da morte: elaboração do luto. *PUC – Rio*. Certificação digital nº 0710425/CA. P 49/71. 2016.

Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34467/34467_4.PDF

Acesso em: 10 fev. 2018.

BOWLBY, John. *Apego e Perda: Apego A Natureza do Vínculo*. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1.Vol. 2002.

BROMBERG, Maria Helena P. F. *A psicoterapia em situações de perda e luto*. Campinas, SP: Livro Pleno. 2000.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. *Revista de Psicologia da UNESP*, Bauru, v.12, n.1, 2012.

Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v12n1/a03.pdf

Acesso em: 29 mar. 2017.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O Homem e Suas Representações Sobre a Morte e o Morrer: um percurso histórico. *Revista Multidisciplinar da UNIESP*. Saber Acadêmico nº 06, São Paulo, 2008.

Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20180403124306.pdf>

Acesso em: 29 mar. 2017.

CARVALHO, Cátia Daniela Rodrigues. Luto e religiosidade. 88 f. Monografia Licenciatura em Psicologia, Instituto Superior da Maia. Portugal, 2006. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0059.pdf>.> Acesso em: 21 abr. 2017.

CASELLATO, Gabriela. *Luto não reconhecido*: um conceito a ser explorado. In: CASELLATO, Gabriela. (org). *Dor silenciosa ou dor silenciada: Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade*. Campinas São Paulo: Editora Livro Pleno, 2005.

CATERINA, Marlene Carvalho. *Luto Adulto: Fatores Facilitadores e Complicadores no Processo de Elaboração*. Instituição de psicologia Quatro estações. São Paulo, 2007. Disponível em:

<http://docplayer.com.br/13641585-Luto-adulto-fatores-facilitadores-e-complicadores-no-processo-de-elaboracao.html> >Acesso em: 27 nov. 2017.

COELHO JÚNIOR, Achilles Gonçalves; MAHFOUD, Miguel. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. Universidade Federal de Minas Gerais, Psicol. USP, vol. 12, n. 2, São Paulo, 2001, p. 01-06.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 26 jan. 2019.

CONSONNI, Elenice Bertanha. Vínculo e Perda: vivencias de mulheres que interromperam a gestação por malformação fetal incompatível com a vida após o nascimento. Ribeirão Preto. 2013. 170 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/ USP, Ribeirão Preto. 2013.

Disponível em: <<file:///C:/Users/Admin/Downloads/Doutorado.pdf> > Acesso em: 13 mai. 2018.

COSTA, Ricardo da. *A dor da perda: As mulheres e o luto na história*. São Paulo, 2014.

Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/dor-da-perda-mulheres-e-o-luto-na-historia> > Acesso em: 20 mar. 2017.

COSTA, Fernanda Vial; GOTTLIEB, Maria Gabriela Vale; MORIGUCHI, Yuko. Religiosidade e sentimento de solidão em idosos. *Revista Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, nov. 2012.

Disponível em: < [file:///C:/Users/Admin/Downloads/v6n2a06%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Admin/Downloads/v6n2a06%20(2).pdf).> Acesso em: 29 out. 2017.

DA SILVA, Francisco Gilberto Rodrigues; SILVA, Francisca Adriana Dos Santos; ALCÂNTARA, Adriana De Oliveira. Viuvez masculina. In: VII JORNADA INTERNACIONAL POLITICAS PÚBLICAS, São Luiz do Maranhão, 2015.

Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/viuvez-masculina.pdf>. > Acesso em: 12 mai. 2018.

DE PAULA, Blanches; A contribuição do consolo religioso na elaboração do luto. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 10, n. 2, jul./dez. 2005.

DIDION, Joan; *O ano do pensamento mágico*. Nova Fronteira: Editora Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

DORNELLES, Beatriz; TERRA, Newton Luiz. (org). *Envelhecimento bem sucedido: Programa Geron*, PUCRS, 2 ed., Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

DURKHEIM, Émile. *O suicídio- Estudo de sociologia*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000

ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o silêncio fala*. Feminismo, teoria social e religião. São Paulo: Paulinas, 1996.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702008000200009>

Acesso em: 24 mar. 2017

FABIEN, Jean. O Papel do Sagrado na Socialização Do Indivíduo. Jean Fabien. 2015. Disponível em <<http://jeandefabien1426.blogspot.com.br/p/opapel-do-sagrado-na-socializacao-do.html>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

FARINASSO, Adriano. *A vivencia do Luto em Viúvas Idosas e suas Interface com a Religiosidade e Espiritualidade: um estudo clínico qualitativo*. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. USP. Ribeirão Preto, 2011.

Disponível em:<www.teses.usp.br> Acesso em: 18 abr. 2017.

FRANKL, Viktor E. *Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Trad. De Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1990.

FERREIRA, Livia Cardoso; LEÃO, Nara Cristina; ANDRADE, Celana Cardoso.

Viuvez e luto sob a luz da Gestalt-terapia: experiências de perdas e ganhos. *Revista Abordagem Gestalt*, Goiânia, v.14. n. 2, p. 153-160. 2008.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200002> Acesso em: 13 mai. 2018.

FERREIRA, Ana Maria Yamaguchi; WANDERLEY, Katia da Silva. Sobre a Morte e o Morrer: um espaço de reflexão. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, São Paulo, v.15. n.º 12, p. 295- 307, ago. 2012.

Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/download/20038/14905>.> Acesso em: 19 mai. 2017.

Freud, Sigmund. (1917[1915]). Luto e melancolia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. 14.

Freud, Sigmund. (1933[1932]). A questão de uma Weltanschauung. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 22.

GALICIONI, Thaisa Gapski Pereira; LOPES, Ewellyne Suely de Lima; RABELO, Dóris Firmino. Superando a viuvez na velhice: o uso de estratégias de enfrentamento. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 4, n.15, p. 225-237, NR. 2012

Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/download/17048/12671>.>

Acesso em: 29 out. 2017.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1978.

GUEDES, Olegna de Souza; DAROS, Michelli Aparecida. O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. *Serviço Social em Revista*, Londrina, v. 12, n.1, p. 122-134, jul./dez. 2009.

Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/10053/8779>>

Acesso em: 23 fev. 2019.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. As representações sociais e o estudo do fenômeno no campo religioso. *Ciência da religião: história e sociedade*, v. 2, n. 2, p. 35-60. 2004.

Disponível em: < <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/2315>>

Acesso em: 18 fev. 2019.

GOMES, Irene; MARLI, Mônica. As cores da desigualdade. *Retratos a revista do IBGE*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 14-19, mai. 2018. Disponível em: <

https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/17eac9b7a875c68c1b2d1a98c80414c9.pdf>

Acesso em: 22 fev. 2019.

GONÇALVES, Paulo César; BITTAR, Cléria Maria Lobo. Estratégias de enfrentamento do luto. *Mudanças psicologia da saúde*, v. 24, n. 1, p. 39-44, jan./jun. 2016.

Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/6017/5352>>

Acesso em: 22 abr. 2018.

GONZALÉS, Eugênia Galicia; PINTO, Neide Maria de Almeida; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. A viuvez das mulheres em suas múltiplas situações. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: Família e Políticas Sociais no Brasil- UFV, 2017.

Disponível em:

<<http://www.ppged.ufv.br/seminariofamiliapoliticassociais/wp-content/uploads/A-viuvez-das-mulheres-em-suas-m%C3%BAltiplas-situa%C3%A7%C3%B5es.pdf>>

Acesso em: 12 mai. 2018.

HOHENDORFF, Jean Von; MELO, Wilson Vieira de. Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. *Estudo e pesquisa em psicologia*, UERG, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 480- 492, jul./dez. 2009.

Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n2/v9n2a14.pdf>>

Acesso em: 16 nov. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Conceitos**.

Disponível em: <<https://>

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/uruacu/pesquisa/23/22107>

> Acesso em 12 fev. 2019.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2012.

LAGO-FALCÃO, Tânia Maria. Homem não chora: um estudo sobre a viuvez masculina em camadas médias urbanas. 2009. 412 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - CFCH, Universidade Federal do Pernambuco, Recife. 2009.

Disponível em: < <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/519>> Acesso em: 25 fev. 2018.

LEMONS, Carolina Teles. Religião e patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. *Caminhos*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 201-217, jul./dez. 2013.

Disponível em: <

<file:///D:/documentos/MESTRADO/artigos%20para%20disserta%C3%A7%C3%A3o/r eligi%C3%A3o%20e%20patriarcado%20Lemos.pdf> > Acesso em: 25 fev. 2019.

MACIEL, Pollyanne Rachel Fernandes. Relações de gênero no espaço religioso pentecostal paraibano: comparação entre a Assembléia de Deus e a Bola de Neve Church, em Campina Grande – PB. 2015. 161f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - UFCG, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande. 2015. Disponível em:

<http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFCG_f3beb13ce79308c08f0b0b4917cc3fe3

>Acesso em: 25 fev. 2019.

MARINHO, Angela Heluí Ribeiro; MARINÔNIO, Cássia Cristina Rozzante; RODRIGUES, Luciana Costa Alemar. O processo de luto na vida adulta decorrente de morte de um ente querido. 2007. 35f. Monografia (Graduação em Psicologia), Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro. 2007.

Disponível em: <

http://www.4estacoes.com/pdf/publicacoes/o_processo_luto_vida_adulta.pdf

>Acesso em: 25 fev. 2018.

MAURICE, Abivem. *Para uma morte mais humana*: experiência de uma unidade hospitalar de cuidados paliativos. Lusociência: Ed. Loures, 2001.

MAZORRA, Luciana. A construção de significados a atribuição a morte de um ente querido e o processo de luto. 2009. 265f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – PUC- SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2009.

Disponível em: <

<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15837/1/Luciana%20Mazorra.pdf> Acesso

em: 20 jun. 2017.

MELLO, Robenise. A mulher e o luto: A vivência da mulher decorrente do adoecimento e morte do cônjuge. 2008. 75f. Monografia (Graduação em Psicologia), Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça. 2008.

Disponível em: <www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR1654.pdf >Acesso em: 23 fev. 2019.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais*. Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOTTA, Alda Brito da. Viúva. O mistério da ausência. *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 7, p. 7-24, 2005.

Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4754/2669>

>Acesso em: 07 out. 2017.

OLIVEIRA, Daysa Andrade; BRAGION, Adriana Ribeiro; MAGALHÃES, Yana Torres de. Representações Sociais de Gênero no Setor de Manutenção de uma Empresa Mineradora. In: XXXV Encontro da ANPAD, 2011, Rio de Janeiro, RJ. Anais (online). Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.

Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/95053_Robenise.pdf >Acesso em: 07 out. 2017

OLIVEIRA, João Batista Alves de; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. *Psicologia em estudo*. PUC-SP, Maringá, v. 13, n. 2, p. 217- 221, abr./jun. 2008.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a03v13n2> >Acesso em: 16 jun. 2017.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PANGRAZZI, Arnaldo. *Conviver com a Perda de Uma Pessoa Querida*. São Paulo: Paulinas Editora, 2008.

PARAÍZO, Marcos Koperska. *Superando a dor do luto: Quando vai passar?* Curitiba: A. D. Santos Editora, 2009.

PARKES, Colin Murray. Luto: Estudos sobre a Perda na Vida Adulta. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo v. 21, n.1, p. 80- 83, jan./mar. 1991

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44461999000100015

Acesso em: 29 out. 2017.

PEDREIRA, Carolina Souza. Sobre mulheres e mães: uma aproximação à teoria do cuidado. In: FAZENDO GÊNERO 8- corpo, violência e poder. UNB. Florianópolis, 2008.

Disponível em: <http://>

http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST58/Carolina_Souza_Pedreira_58.pdf

Acesso em: 23 fev. 2019.

PRIZANTELI, Cristiane Corsini. Coração Partido: O luto pela perda do cônjuge. 2008. 124f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - PUC-SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

Disponível em:

[https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15712/1/Cristiane%20Corsini%20Prizanteli.p](https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15712/1/Cristiane%20Corsini%20Prizanteli.pdf)

[df](https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15712/1/Cristiane%20Corsini%20Prizanteli.pdf) Acesso em: 10 mai. 2016.

PORCIÚNCULA, Rita de Cássia Román da; CARVALHO, Eduardo Freese de; BARRETO, Kátia Magdala Lima; LEITE, Valéria Moura Moreira. Perfil socioepidemiológico e autonomia de longevos em Recife-PE, Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro v. 17, n.2, p. 315-325. 2014.

Disponível em:

<file:///D:/documentos/MESTRADO/artigos%20para%20dissertação/porciúncula%20et%20al.pdf> >Acesso em: 18 fev. 2019.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos funerários e revolta popular no Brasil do século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

RIBEIRO, Emílio Soares. Estudos Semióticos: um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Pierce. *semestral*, v. 6, n. 1, p. 46-53, jun. 2010.

Disponível em: < file:///C:/Users/Admin/Downloads/Dialnet-

UmEstudoSobreOSimboloComBaseNaSemioticaDePeirce-5762269.pdf>

Acesso em: 03 fev. 2019.

ROCHA, Cíntia; GOBBI, Ilva; MAZZARINO, Mariana; KRABE, Samanta; AREOSA, Sílvia Virgínia Coutinho. Como mulheres viúvas de terceira idade encaram a perda

do companheiro. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. RBCE, Passo Fundo -RS, v. 2 n. 1, p. 65- 73, jul./dez. 2005.

Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/31>>

Acesso em: 03 fev. 2016.

ROCHER, Guy. *Sociologia Geral*. Lisboa: Editrial Presença, 1971.

RUBIO, Marcela Eiras; WANDERLEY, Kátia Silva; VENTURA, Maurício Miranda. A viuvez: A representação da morte na visão masculina e feminina. *Revista Káiros Gerontologia*, São Paulo v.19, n.1, p. 137- 147, mar. 2011.

Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/6932/5024>>

Acesso em: 29 out. 2017.

SÁ, Celso Pereira de. *Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria*. In: SPINK, Mary Jane. O conhecimento cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SALES, João Ricardo Boechat Pires de Almeida. *Religião e classe social: Uma análise dos especialistas religiosos de diferentes segmentos evangélicos sob a influência do Pentecostalismo*. 2017. 172f. Dissertação (Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro. Campos de Goytacazes, 2017.

Disponível em: <<http://uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2017/09/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Joao-Boechat.pdf>

>Acesso em: 23 fev. 2019.

SANCHES, Zila Vander Meer; NAPPO, Solange Aparecida. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. *Revista de psiquiatria clínica*. 34, supl 1; p. 73-81, 2007.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/247853672_A_religiosidade_a_espiritualidade_e_o_consumo_de_drogas> Acesso em: 24/02/2019

SARDENBERG, Luiza Pereira; SARDENBERG, Helenice Pereira. As representações sociais da fé e da religião no contexto hospitalar. In: X ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL: Educação das sensibilidades: violência e desafios contemporâneos- UNICAMP, 2013.

Disponível em:

<https://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1373661456_ARQUIVO_ASREPRESENTACOESSOCIAISDAFEEDARELIGIAO.pdf> Acesso em: 23 fev. 2019.

SCHMIDT, Bettina E. *A antropologia da religião*. In: USARSKI, Frank. (Org.) o espectro disciplinar da ciência da Religião. São Paulo: Paulinas. 2007.

SCHIMDT, Beatriz; GONÇALVES, Jadete Rodrigues; GABARRA, Letícia Macedo. Intervenção psicológica em terminalidade e morte: relato de experiência. *Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribe, España y Portugal, Paideia*, v. 21. nº 50, p. 423- 430, set./dez. 2011

Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3054/305423785015/>> Acesso em: 16 mar. 2018.

SILVA, Andressa Almeida; BORGES, Fabrícia Dias da Cunha de Moraes Fernandes. Socialização no espaço sagrado em Presidente Prudente- SP. *Colloquium Socialis*, Presidente Prudente, v.1, n. especial, p. 318-324, jan./abr. 2017.

Disponível em:

<<http://www.unoeste.br/site/enepe/2016/suplementos/area/Socialis/Arquitetura%20e%20Urbanismo/SOCIALIZA%C3%87%C3%83O%20NO%20ESPA%C3%87O%20SAGRADO%20EM%20PRESIDENTE%20PRUDENTESP.pdf>> Acesso em: 23 fev. 2019.

SILVA, Maria das Dores Ferreira da; FERREIRA- ALVES, José. O luto em adultos idosos: natureza do desafio individual e das variáveis contextuais em diferentes modelos. *Psicologia Reflexão e Crítica*. Porto Alegre v. 25 nº 3, p. 588-595. 2012.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722012000300019&script=sci_abstract&tlng=pt>

Acesso em: 23 abr. 2016.

SOUZA, Eldon Mendes de. A dimensão religiosa e sua influência na recuperação de dependentes químicos: estudo sobre a dependência química no núcleo de apoio a toxicômanos e alcoolistas (nata) em Boa Vista, Roraima. 2015. 126f. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco. Recife-2015.

Disponível em:

<<file:///D:/documentos/MESTRADO/artigos%20para%20disserta%C3%A7%C3%A3o/Ribeiro%202010.pdf>> Acesso em: 23/02/2019

SUZUKI, Milena yuri; SILVA, Thaís Bento da Silva; FALCÃO, Deusivânia Vieira da Silva. Idosas viúvas: da perda à reorganização. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, São Paulo, v.15. n.º 4, p. 207- 223, ago. 2012.

Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17047/12670>> Acesso em: 15 mai. 2018.

TAVARES, Thiago Rodrigues. Um ritual de passagem: o processo histórico do “bem morrer”. Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. Disponível em:

<<http://www.ufjf.br/graduacaocienciasociais/files/2010/11/%C2%B4%C2%B4Um-ritual-de-passagem%C2%B4%C2%B4-Thiago-Tavares.pdf>>

Acesso em: 16 mar. 2017.

TAVERNA, Gelson; SOUZA, Waldir. O luto e suas realidades humanas diante da perda e do sofrimento. *Caderno Teológico da PUCPR*, Curitiba, v.2, n.1, p. 38- 55, 2014. Disponível em:

<<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/teologico?dd99=pdf&dd1=14546>>

Acesso em: 18 mai. 2016.

TORRES, Elisângela Matos. A Viuvez na Vida dos Idosos. 2006. 160f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2006.

Disponível em: <<https://>

www3.pgenf.ufba.br/tesesdissertacoes/2006/CUIDAR%202006/DISSER_PGENF_18_8_ELISÂNGELA.pdf> Acesso em: 20 fev. 2019.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: UNB, 1991. Vol.1.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. 1.

Ed. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005.

Disponível em: <bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf

>Acesso em: 18 mai. 2016.

WORDEN, James William. *Terapia do Luto*. Um manual para o profissional de saúde mental. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1998.

ANEXO 1: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS- ROTEIRO ENTREVISTA

1- INICIAIS DO ENTREVISTADO:	
2- IDADE:	
3- SEXO:	
4- RAÇA/ ETNIA	
5- TEMPO DE VIUVEZ:	
6- GRAU DE ESCOLARIDADE:	
7- RENDA INDIVIDUAL	<input type="checkbox"/> NENHUMA <input type="checkbox"/> ATÉ 3 SALÁRIOS MÍNIMOS (menos de 2.800,00) <input type="checkbox"/> DE 3 A 5 SALÁRIOS MÍNIMOS (2.800,00 a 4.835,00) <input type="checkbox"/> DE 5 A 8 SALÁRIOS MÍNIMOS (4.835,00 a 7.496,00) <input type="checkbox"/> SUPERIOR A 8 SALÁRIOS MÍNIMOS (acima de 7.496,00) <input type="checkbox"/> BENEFÍCIO SOCIAL GOVERNAMENTAL, QUAL? _____ VALOR ATUAL _____

8- VOCÊ FAZ PARTE DE ALGUMA RELIGIÃO? SE SIM, QUAL?

9- QUANTO TEMPO VOCÊ E SEU COMPANHEIRO OU COMPANHEIRA FICARAM CASADOS?

10- QUANDO VOCÊ E SEU COMPANHEIRO OU COMPANHEIRA ESTAVAM CASADOS, COMO ERA O RELACIONAMENTO DE VOCÊS?

11- A MORTE DE SEU COMPANHEIRO OU COMPANHEIRA OCORREU POR CAUSAS:

- NATURAIIS
 NÃO NATURAIIS

12- A MORTE DE SEU COMPANHEIRO OU COMPANHEIRA OCORREU DE FORMA:

- ESPERADA
 REPENTINA

13- APÓS A MORTE DE SEU COMPANHEIRO OU COMPANHEIRA, QUAL SENTIMENTO FOI MAIS PREDOMINANTE?

- SAUDADE
 SOLIDÃO
 ABANDONO
 TRISTEZA
 DESÂNIMO
 DESAMPARO
 PERDA DE SENTIDO DA VIDA

- () LIBERDADE
- () ALÍVIO

14- VOCÊ ACHA QUE A SUA RELIGIÃO CONTRIBUI OU CONTRIBUIU PARA SUPERAR A DOR DA PERDA E CONTINUAR SUA VIDA? SE SIM, COMO?

15- COM RELAÇÃO A RELIGIÃO, O QUE VOCÊ FEZ PARA SUPERAR SUA DOR APÓS A PERDA DO COMPANHEIRO(A)

- () PARTICIPEI DE MISSAS
- () PARTICIPEI DE CULTOS
- () ACENDI VELAS
- () PARTICIPEI DE GRUPOS DE AJUDA DA IGREJA
- () PARTICIPEI DE GRUPOS DE VIÚVOS/ VIÚVAS DA IGREJA
- () REZEI
- () OREI
- () OUTRA. QUAL? _____
- () NÃO AJUDOU

16- SOBRE A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA SUPERAÇÃO DA MORTE DO SEU COMPANHEIRO OU COMPANHEIRA, RELATE O QUE MAIS TE AJUDOU NESSE PROCESSO, E COMO ISSO OCORREU.

17- VOCÊ SE CASOU NOVAMENTE? SE SIM, QUANTO TEMPO APÓS FICAR VIÚVO OU VIÚVA?

ANEXO 2: PARECER CONSUBSTANCIADO- CEP/ PUC/GOIÁS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA ELABORAÇÃO DO LUTO ENTRE VIÚVAS E

Pesquisador: Liliane de Souza Toledo Adorno

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 80067217.3.0000.0037

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.404.528

Apresentação do Projeto:

Primeira versão - mestrado em Ciências da Religião

O luto é um dos acontecimentos mais estressantes da vida de um indivíduo, sendo marcado por grande sofrimento físico, mental e emocional. Pode transcorrer dentro da normalidade, em que há a aceitação das mudanças externas e internas pelo envolvido ou pode transcurrir como "luto complicado", no qual o enlutado apresenta uma angústia irreversível, determinando problemas para a sua saúde. A morte do cônjuge afeta a viúva e o viúvo por originar uma ruptura no curso de sua vida. O impacto desse evento na vida do enlutado encontra-se na dependência de sua cultura, religiosidade, condições socioeconômicas e familiares. Para o enfrentamento dessa situação, a religião e a espiritualidade são importantes por gerar sentido e estratégias de aceitação dessa morte, criando uma perspectiva de sobrevivência. Ademais, a Religião entra nesse contexto por inserir superstições, crenças, ritos e orações na busca pelo apoio divino. Baseado nisso, este trabalho tem como objetivo verificar a influência da religião na elaboração do luto entre viúvas e viúvos. Para isso será feita uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, do tipo pesquisa de campo, realizando uma entrevista semi-estruturada com 15 viúvas e 15 viúvos residentes na região da cidade de Uruaçu- GO, para registrar as experiências religiosas vivenciadas por eles no processo de elaboração de seu luto.

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.000

Bairro: Setor Universitário

CEP: 74.005-010

UF: GO

Município: GOVANIA

Telefone: (62)3095-1512

Fax: (62)3095-1070

E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Protocolo: 2.404/028

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Verificar a influência da religião na elaboração do luto entre viúvas e viúvos.

Objetivo Secundário:

Diferenciar como a religião ajuda na elaboração do luto entre viúvas e viúvos. Relatar as experiências religiosas vivenciadas por viúvas e viúvos na elaboração do luto, na região de Uruaçu- GO.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Esta pesquisa não oferece grandes riscos aos sujeitos, exceto a possibilidade de que ocorram sentimento de tristeza ao relembrar de situações vivenciadas após a perda do cônjuge. Em caso de algum desconforto físico ou emocional, será oferecido suporte hospitalar no Centro de Medicina Avançada, localizado na rua Tocantins nº 54 A, Uruaçu- GO, no qual há atendimento clínico e psicológico que será disponibilizado, se necessário, aos entrevistados, sem qualquer ônus aos participantes da pesquisa. Caso haja qualquer despesa, esta correrá por parte do pesquisador.

Benefícios:

A pesquisa gerará benefícios diretos e indiretos aos participantes, pela possibilidade de compartilhar as experiências religiosas, contribuindo para o processo de aceitação dessa nova fase. Ademais, os resultados alcançados promoverão reflexões sobre o tema, objetivando enriquecer a literatura relacionada ao tema.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa pertinente dentro da área das humanas e abordará um tema que para o Ocidente, especificamente, na tradição do cristianismo, o crer é fundamental para a ressignificação da perda. A pesquisa irá investigar a importância da crença na superação do luto e na continuidade da vida do enlutado (a). A pesquisa dá todas as garantias aos participantes, bem como, a documentação encontra-se em anexo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória encontram-se de acordo com a Resolução 466.

Conclusões ou Pendências e Lista de inadequações:

O projeto de pesquisa não apresenta nenhum óbice ético.

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.089
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 74.006-010
UF: GO **Município:** GOIÂNIA
Telefone: (62)3946-1512 **Fax:** (62)3946-1070 **E-mail:** cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer 2.404.528

Considerações Finais a critério do CEP:

INFORMAÇÕES AO PESQUISADOR REFERENTE À APROVAÇÃO DO REFERIDO PROTOCOLO:

1. A aprovação deste, conferida pelo CEP PUC Goiás, não isenta o Pesquisador de prestar satisfação sobre sua pesquisa em casos de alterações metodológicas, principalmente no que se refere à população de estudo ou centros participantes/coparticipantes.
2. O pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP PUC Goiás, via Plataforma Brasil, relatórios semestrais do andamento do protocolo aprovado, quando do encerramento, as conclusões e publicações. O não cumprimento deste poderá acarretar em suspensão do estudo.
3. O CEP PUC Goiás poderá realizar escolha aleatória de protocolo de pesquisa aprovado para verificação do cumprimento das resoluções pertinentes.
4. Cabe ao pesquisador cumprir com o preconizado pelas Resoluções pertinentes à proposta de pesquisa aprovada, garantindo seguimento fiel ao protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1023874.pdf	17/11/2017 20:57:29		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_plataforma.docx	17/11/2017 20:56:53	Liliane de Souza Tolz do Adz mo	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	roteiro_entrevista.docx	17/11/2017 20:56:32	Liliane de Souza Tolz do Adz mo	Aceito
Orçamento	orcamento_plataforma.docx	17/11/2017 20:46:08	Liliane de Souza Tolz do Adz mo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_plataforma.docx	17/11/2017 20:44:30	Liliane de Souza Tolz do Adz mo	Aceito
Cronograma	cronograma_modificado.docx	17/11/2017 20:43:52	Liliane de Souza Tolz do Adz mo	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	17/11/2017 20:43:24	Liliane de Souza Tolz do Adz mo	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.069
 Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIÂNIA
 Telefone: (62)3946-1512 Fax: (62)3946-1070 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE GOIÁS -
PUC/GOIÁS



Continuação do Parecer: 2.404.528

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 29 de Novembro de 2017

Assinado por:
Cejane Oliveira Martins Prudente
(Coordenador)

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.069

Bairro: Setor Universitário

CEP: 74.605-010

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3946-1512

Fax: (62)3946-1070

E-mail: cep@pucgoias.edu.br